



**Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística**



ZÉLIA GONÇALVES DOS SANTOS

**A GRAMATICALIZAÇÃO DOS VOCÁBULOS
“ENTÃO” E “AÍ”**

**SALVADOR
2008**



Universidade Federal da Bahia
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística



ZÉLIA GONÇALVES DOS SANTOS

A GRAMATICALIZAÇÃO DOS VOCÁBULOS “ENTÃO” E “AÍ”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Letras.

Prof^ª Orientadora: Dr^ª Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio.

SALVADOR
2008

Ao meu esposo Clóvis Santos Barreto e
ao meu filho Nestor José de Souza
Barreto Neto, com muito carinho, dedico-
lhes a minha Dissertação de Mestrado.

AGRADECIMENTOS

Deixo registrado aqui meus agradecimentos especiais a:

- Primeiramente a Deus por essa graça.

- Prof^ª Dr^ª **Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio**, minha querida amiga, minha ilustre mestra e orientadora que foi a luz que me guiou ao longo da minha jornada;

- Prof^ª Dr^ª **Teresa Leal Gonçalves**, mestra insigne, anjo de bondade, que sempre esteve presente no meu percurso, apoiando-me e incentivando-me;

- Ao meu esposo **Clóvis Santos Barreto**, pelo incentivo e apoio e, ao meu filho **Nestor José de Souza Barreto Neto**, pela sua colaboração na confecção de tabelas, na formatação, na tradução do resumo para o inglês (*ABSTRACT*) e pela torcida para o êxito deste trabalho.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	07
2 OS ADVÉRBIOS NA VISÃO DE ALGUNS GRAMÁTICOS E LINGÜISTAS	09
3 AS DUAS CORRENTES DO PENSAMENTO LINGÜÍSTICO: FORMALISMO E FUNCIONALISMO	20
4 FUNCIONALISMO E GRAMATICALIZAÇÃO	23
4.1 A GRAMATICALIZAÇÃO	23
4.1.1 Conceitos	23
4.1.2 Processos de gramaticalização	25
4.1.3 Princípios de gramaticalização	30
4.1.4 Graus de gramaticalização	35
5 A TEORIA LOCALISTA	38
6 PRESSUPOSTOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA	43
7 METODOLOGIA	51
7.1 ETAPAS DA PESQUISA	51
7.2 CARACTERIZAÇÃO DOS <i>CORPORA</i>	51
8 O ESTUDO DOS ITENS GRAMÁTICAIS “ENTÃO” E “AÍ”	55
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
9 REFERÊNCIAS	75
ANEXO	

RESUMO

Estudo dos vocábulos “ENTÃO” E “AÍ,” utilizando-se um texto do português arcaico do século XIV, e alguns inquéritos com registros da fala culta de Salvador, referente à década de 70, século XX, bem como registros da fala culta de Salvador, século XX, atinente à década de 90. Após a análise, pôde-se comparar os usos desses itens nos textos dos dois séculos acima citados e daí então, observar os processos de gramaticalização por que passaram, constatando-se que tanto o “ENTÃO” como o “AÍ, não perderam de todo a sua função original de advérbio, mas o “ENTÃO” está caminhando para gramaticalizar-se como conjunção conclusiva. Já é notório, entretanto, o desgaste desses dois elementos, levando-os a encadeadores da narrativa ou marcadores conversacionais.

ABSTRACT

Study of the terms “THEN” and “THEREUPON” utilizing a text in 14th century archaic Portuguese and some inquiries with records of the daily speech in the city of Salvador in the 1970’s and the 1990’s. After some analysis, one can compare the use of these items in the texts of the two centuries cited above, and therefore observe the process of change they went through, concluding that both the “THEN” and the “THEREUPON” did not lose their original function of adverb, but the word “THEN” is progressing towards being a conclusive conjunction. It is clear, though, the degradation of these two elements, making them terms used in some narrative or conversational markers.

1 INTRODUÇÃO

Estudar a mudança lingüística – intrínseca à gramaticalização – implica pesquisa e comparação de períodos lingüísticos distintos, empregando modelos ou teorias desenvolvidos nas pesquisas sincrônicas. De outra forma, esses modelos podem ser examinados a partir de dados históricos, e só podem ser apreciados completamente se permitirem a incorporação da mudança na gramática. A combinação de informação sincrônica e diacrônica, no que se caracteriza como uma abordagem pancrônica do estudo da língua, apresenta uma descrição, com possibilidade de explicação mais completa do fenômeno sob investigação. Admite-se, portanto, que o estudo lingüístico sincrônico está intrinsecamente relacionado ao diacrônico.

A interação e interdependência entre sincronia e diacronia é fundamental na percepção do processo de gramaticalização já que, além da observação das formas gramaticais como um fenômeno discursivo pragmático, primariamente sintático, cabe também investigar a etimologia dessas formas e os caminhos/trajetórias de mudança por que passam.

Pode-se dizer que há vários motivos para se achar que uma abordagem diacrônica seja apreciável. Primeiramente, ela facilita o poder de explanação da teoria lingüística. Demonstrar que uma referida forma ou construção apresenta determinada função não justifica a sua existência. É indispensável, também, mostrar como se deu o processo de mudança. O aspecto sincrônico é resultado de um desenvolvimento passado que permanece no presente. O princípio do uniformitarismo, que se tornou um elemento essencial em grande parte das pesquisas lingüísticas históricas, segundo Labov (1974) e Romaine (1982), prevê que tendências hoje em curso devem ter atuado em estágios anteriores e possivelmente continuarão a atuar. De acordo com Hopper e Traugott (1993, p. 38), isso significa que, operacionalmente, não se pode reconstruir nenhuma regra ou gramática para uma língua morta que não seja atestada em uma língua viva. Dessa maneira, há muitas razões para se afirmar que a gramaticalização aconteceu em línguas faladas há 10 mil anos atrás de modo bastante similar ao que se observa hoje.

Esta pesquisa constitui-se em um requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras – Lingüística, e apresenta os objetivos indicados nos parágrafos a seguir:

No primeiro momento procura-se, através do estudo do texto representativo do século XIV, “*Os Diálogos de São Gregório*” (primeiro e segundo livros), identificar os vocábulos

“*então*” e “*ai*”, como também em alguns inquéritos do Projeto NURC da década de 70 e da década de 90 do século XX.

Posteriormente, são estabelecidas comparações do ponto de vista semântico, observando a variabilidade na seleção entre esses vocábulos no primeiro período, ou seja, século XIV, em relação ao verificado na língua culta urbana do século XX.

Esta Dissertação compõe-se de uma Introdução e mais os seguintes capítulos, a saber: Os advérbios na visão de alguns gramáticos e lingüistas; As duas correntes do pensamento lingüístico: formalismo e funcionalismo; O funcionalismo e a gramaticalização; A teoria localista; Pressupostos da Sociolingüística; Metodologia; Estudo dos itens gramaticais “*então*” e “*ai*”; Considerações finais; Referências; e, em seguida, Anexo.

As hipóteses que nortearam o desenvolvimento desta pesquisa foram:

- a) No latim vulgar, *in tunc* funcionava como advérbio de tempo e significava ‘neste tempo’ ‘naquele tempo’, ‘naquela ocasião’.
- b) Quanto à expressão *ad hic*, no latim vulgar, funcionava como advérbio de lugar e resultou da junção da preposição *ad* mais o pronome *hic*, significando ‘no lugar em que está a pessoa’, ‘nesse lugar’, ‘nisso’.
- c) Nesse contexto, este trabalho tratará dos advérbios “*então*” e “*ai*”, desde a sua origem até chegar à discursivização.

Vale ressaltar que, devido à extensão do tema abordado, não houve a intenção de esgotar a pesquisa, que poderá ser ampliada em outra situação, considerando a grande bibliografia específica, mas apenas se pretende contribuir para o estudo da gramaticalização desses advérbios nos séculos XIV e XX, o que se constitui de grande interesse para os funcionalistas.

2 OS ADVÉRBIOS NA VISÃO DE ALGUNS GRAMÁTICOS E LINGÜISTAS

Autores diversos estudaram os advérbios, porém a classificação desses itens gramaticais nem sempre é bem definida.

Ismael de Lima Coutinho (2000), em sua *Gramática histórica*, informa que os advérbios derivam-se do latim. Em sua expressão clássica, o latim possuía várias terminações para formar advérbios de modo, sendo elas as seguintes *-im*, *-ter*, *-tus*, *-e*, *-o*, *-um*. Exemplos: *sensim* ('insensivelmente'), *firmiter* ('firmemente'), *romanite*, *certo* ('certamente'), *multum* ('muito').

Segundo o autor, esses advérbios de modo, certamente, não eram empregados no latim vulgar; entretanto, dos advérbios terminados em *-e*, podem ser citados: lat. *tarde* > port. *tarde*, lat. *bene* > port. *bem*, lat. *male* > port. *mal*. É ainda Coutinho (2000) quem informa que os falantes do latim tardio devem ter buscado compensar essa perda se valendo de uma locução. Essa locução era formada da junção de um adjetivo qualquer no feminino com o substantivo *mens*, *-tis* ('espírito'), no caso ablativo. Vestígios dessa transformação são encontrados em alguns escritores latinos, como nos exemplos: [...] *mente ferant placida* (Ovídio) ('para que tenha uma mente tranqüila') / [...] *bona mente factum* (Quintiliano) ('para fazer uma boa mente').

Um novo processo de formação surgiu a partir dessa locução, radicalizando-se nas línguas românicas. Citando Leite de Vasconcelos, o autor assinala que no português arcaico até se separavam os dois elementos do advérbio: *mente*, na qualidade de substantivo, e o correspondente, por exemplo, *cortês mente* e nas locuções *à boa mente*, *de boa mente*.

De acordo com os gramáticos tradicionais, os advérbios são caracterizados de forma bastante simplista, e, além do mais, muitos elementos não se enquadram nessa categoria.

Conforme William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (1999), advérbio é a palavra que geralmente modifica o verbo, indicando as circunstâncias em que se dá a ação verbal.

Na visão do gramático Faraco Moura (2000), advérbio é a palavra que modifica um verbo, um adjetivo, outro advérbio ou uma oração inteira.

Segundo Pasquale Cipro Neto e Ulisses Infante (1998), advérbio é a palavra que caracteriza o processo verbal, exprimindo circunstâncias em que esse processo se desenvolve.

Na *Gramática ilustrada* de Hildebrando A. de André (1997), encontra-se a seguinte definição: “advérbio é a palavra que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio, exprimindo circunstância”.

Conforme Celso Cunha e Lindley Cintra (1985), o advérbio é, fundamentalmente, um modificador do verbo.

Consoante Sacconi (1994), advérbio é a palavra invariável que modifica essencialmente o verbo, exprimindo uma circunstância (tempo, modo, lugar etc).

De acordo com Bechara (2004), advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância (de lugar, de tempo, modo, intensidade, condição etc) e desempenha sempre na oração a função de adjunto adverbial.

No entanto, observa-se que a lingüista Maria Helena Mira Mateus (2003, p. 417), em colaboração com outras lingüistas já apresenta uma nova categorização, quando diz que “o advérbio é uma classe ou categoria de palavras bem heterogênea e complexa, cuja designação apóia-se na idéia enganosa, de que modifica apenas verbos e que geralmente vem ao lado deles: porém os advérbios modificam vários tipos de constituintes e podem exercer posições diversas.”

De acordo com o dicionário de Aurélio Eletrônico, versão 2.0, a definição de advérbio é a seguinte: “Advérbio – Palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo ou outro advérbio, exprimindo circunstância de tempo, lugar, modo, dúvida etc”.

Não obstante essa definição, o Aurélio aponta como advérbios as palavras: *aliás, apenas, até, eis, inclusive* etc, mas que também são citadas como palavras denotativas.

Mattoso Câmara Jr (1976, p. 67-70) apresenta a classificação dos vocábulos formais distribuída em três grupos: o dos verbos, o dos nomes e o dos pronomes. Nos grupos dos nomes e dos pronomes, ele inclui três classes: o substantivo (como termo determinado), o adjetivo (como termo determinante de outro nome) e o advérbio (como termo determinante de um verbo).

Mário Perini (1995, p. 187) questiona até que ponto os advérbios podem ou não desempenhar papel nominal ou pronominal na língua portuguesa e responde que “a categoria tradicional dos advérbios, assim como a dos pronomes, encobre uma série de classes, às vezes de comportamento sintático radicalmente diferente”. A isso vale acrescentar: “mas de comportamento mórfico bastante coerente”.

Como se pode notar pelas definições acima, alguns gramáticos se preocupam em definir o advérbio, focalizando apenas o aspecto morfológico, outros o definem tomando como base os seus aspectos morfológicos e sintáticos e outros, ainda, enfocam o aspecto

semântico. Entretanto, todos eles possuem uma visão tradicional; apenas Maria Helena Mira Mateus apresenta um novo enfoque, chamando a atenção para a existência de muitas expressões modificadas pelo advérbio.

De acordo com Claudio Cezar Henriques (2000), morficamente, os advérbios apresentam uma estrutura coerente com a dos demais nomes (e pronomes), distinguindo-se de substantivos e de adjetivos apenas pela ausência de desinência de gênero. Ele observa que a falta de desinência de gênero é desfeita por uma certa “vocalização” do falante de, esporadicamente, incluí-la por atração, em advérbios como: *meio*. Ex: *Ela está meia cansada*, com a aprovação da gramática ou então, *menos*. Ex: *Ela está menos cansada com a desaprovação da gramática*.

Em sua exposição, o autor apresenta uma relação de advérbios retirados de três gramáticas bastante representativas como: *A nova gramática do português contemporâneo* de Celso Ferreira Cunha e Luís Felipe Lindley (editada em 1985), *a Gramática normativa da língua portuguesa* de Patrick Charaudeau (cuja última revisão é de 1992) e a *Moderna gramática portuguesa* de Evanildo Bechara (pela edição de 1999).

Com base nessas gramáticas, a relação de advérbios é a seguinte:

Primeiro Grupo (advérbios sincronicamente primitivos):

De afirmação: *sim*;

De dúvida: *quicá*;

De intensidade: *assaz; bem; mais; menos; muito; pouco; quão; quase; tanto; tão*;

De lugar: *aí; além; ali; aquém; aqui; através; avante; cá; dentro; fora; junto; lá longe; onde; perto*;

De modo: *alerta; adrede; assim; bem; como; mal; melhor; pior*;

De negação: *não*;

De tempo: *afinal; agora; ainda; antes; breve; cedo; enfim; então; hoje; já; logo; nunca; ontem; ora; quando; sempre; tarde*.

Segundo grupo (advérbios sincronicamente não-primitivos):

a) adjetivo + *mente* (listagem em aberto)

b) formação por prefixação, sufixação ou composição:

De dúvida: *acaso; porventura; talvez*;

De intensidade: *bastante; demais*;

De lugar: *abaixo; acima; adiante; atrás; através; defronte; detrás*;

De modo: *debalde; depressa; devagar; embalde; outrossim*;

De tempo: *amanhã; anteontem; depois; jamais; outrora*.

Enfatizando os advérbios primitivos portugueses, o autor acredita que eles possuem uma estrutura mórfica pouco complexa, dotada de radical e de vogal temática (nos casos em que a terminação vocálica é átona, como nos demais nomes) ou de apenas radical (nos casos em que a terminação é vocálica e tônica ou é consonantal). Ex: radical + vogal temática **a, e** ou **o**: *muito, pouco, quão, tanto, tão, avante, dentro, fora, junto, longe, onde, perto, alerta, adrede, como, não, agora, ainda, breve, cedo, então, hoje, logo, nunca, ora, quando, sempre, tarde.*

Radical + vogal temática zero

Sim, quiçá, assaz, bem, mais, menos, aí, além, ali, aquém, aqui, através, cá, lá, afinal, assim, mal, melhor, pior, antes, já, ontem.

Ainda o autor esclarece que a este grupo poderiam ser acrescentados os vocábulos *até, aliás, eis*, cuja classificação na Nomenclatura Gramatical Brasileira é de palavras “denotativas”, ou seja, “advérbios”. Na apreciação do autor, a situação apresenta-se incômoda, uma vez que, para os portugueses, esses vocábulos pertencem a um grupo especial de “advérbios” e, para os brasileiros, são “palavras denotativas” porém ambos exercem o papel de modificador próprio. Exemplificando, o autor apresenta uma parte da letra de uma música de Djavan, que diz: “*Só eu sei as esquinas por que passei*”. *Só*, palavra denotativa de restrição (para os brasileiros) ou o advérbio de restrição (para os portugueses) relaciona-se com o sintagma pronominal *eu*. Então, pergunta-se: “É advérbio uma palavra que modifica um pronome pessoal?”

Concluindo, o autor pergunta se não seria mais viável definir advérbios não mais como “modificadores de verbo, adjetivo ou advérbio” (definição das gramáticas), mas como palavras modificadoras dotadas de valor semântico circunstancial, que independem da identificação de seu par funcional.

Segundo Jackendoff (1977 apud CASTILHO; BASILIO, 2002), os advérbios, diferente de outras classes lexicais, apresentam um comportamento peculiar. Trata-se do fato de advérbios não poderem ser transitivos (*proud of hisson*). Travis (1998 apud CASTILHO; BASILIO, 2002), considera, então, que os advérbios seriam categorias defectivas, incapazes de se projetarem em categorias frasais máximas.

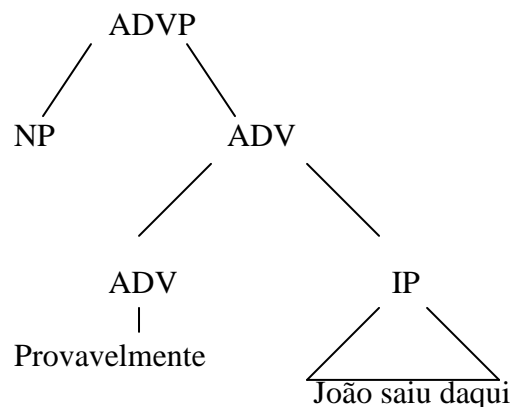
Higgibothan (1985 apud CASTILHO; BASÍLIO, 2002) observa que certos adjetivos e os advérbios não seriam nem predicados, nem argumentos, sendo co-funtores dos elementos que estão sob seu escopo. Kato (1980 apud CASTILHO; BASÍLIO, 2002) já havia considerado adjetivos do tipo *possível, lamentável, certo*, aos quais se acrescenta o sufixo *-mente* para formar advérbios *modalizadores*, como predicados que

admitem argumentos proposicionais internos sendo, portanto, núcleos ergativos. A autora também analisa o que ela denominou de mini orações livres do tipo: “*Lindo o seu cabelo*” e “*Lamentável que ele não venha*”, nas quais o predicado adjetival aparece sem tempo e sem cópula.

Kato e Castilho (1991) ampliam essa análise para o estudo de advérbios *modalizadores*.

A posição do especificador do advérbio é um lugar de pouso natural para o sujeito de IP, o que já explicaria duas das possíveis posições dos advérbios *modalizadores*: na fronteira antes do sujeito (TOP...S = f) e nas fronteiras S...V3.

A fronteira final X pode ser explicada como construção de pensamento ulterior (*afterthought*). A ocorrência antes de TOP não é problema, pois o português admite tópicos em sentença subordinada.



Como se explica, entretanto, a posição entre o verbo e seu complemento ou, ainda, em ter o verbo e um adjunto?

- a) João tomou provavelmente café preto.
- b) João comeu provavelmente no bar.

Os modalizadores parecem ter a mesma distribuição flexível dos aspectuais, além de passarem o teste da resposta breve:

- João comeu no bar?
- Provavelmente.

Os aspectuais e os modalizadores poderiam, pois, ser tratados como uma classe sintática, embora semanticamente constituam classes distintas.

Assim, semanticamente, os aspectuais parecem-se mais com quantificadores do que com predicados, havendo uma relação proporcional com aqueles, como nos exemplos: *sempre*: todos, *frequentemente*: muitos, *às vezes*: alguns e *nunca*: nenhum.

Na sintaxe gerativista e também na lógica tradicional, porém, os quantificadores e predicados são considerados como classes distintas.

Segundo Castilho e Basílio (2002), partindo-se da hipótese de que os aspectuais, embora apresentem comportamento distribucional semelhante ao dos modais, são na verdade *quantificadores*. Também os autores dizem que, da mesma maneira que o português apresenta duas posições para o pronome interrogativo, *in-situ* e em *Spec* de COMP, alguns *quantificadores* e os advérbios *aspectuais* podem se apresentar *in-situ* ou movidos para alguns lugares de pouso.

Consoante Castilho e Basílio (2002), a posição variável do advérbio aspectual, no português, leva a suspeitar que a pressuposição tradicional de que o advérbio é móvel deve ser perseguida.

Para outros autores, como Neves (2004), a descrição dos advérbios circunstanciais (de lugar e de tempo) deve estar abrigada na gramática, seja qual for a taxionomia consagrada.

Autores diversos, assim como a autora acima, consideram as circunstâncias de lugar e tempo como categorias dêiticas, isto é, como categorias que provêm da orientação com referência ao falante agora, que é o complexo modo-temporal que constitui o ponto de referência do evento de fala.

Lugar e tempo de tal maneira se implicam que um dêitico de lugar, referido à elocução, pode somar a essa indicação a indicação de tempo, como por exemplo:

“Lourdinha tá dizendo aqui que esse negócio de cadeira na calçada”.

Ultimamente, os estudiosos da gramática do português falado, a partir da observação da diversidade de uso dos inúmeros tipos de advérbios existentes, baseando-se no seu aspecto semântico, têm procurado apresentar algumas novas classificações.

Castilho (1994, p. 8) informa que pesquisadores do Projeto da Gramática do Português Falado deram uma importante contribuição ao problema da predicação, a qual teve início com a análise dos advérbios, dos adjetivos e dos verbos.

Fundamentados no tipo de modificação produzida, os pesquisadores forneceram para os advérbios uma classificação diversa da apresentada pela gramática tradicional.

Separando os advérbios modificadores, os que alteram semanticamente o termo a que se referem, e os advérbios não-modificadores, isto é, os dêiticos de lugar e de tempo que podem funcionar como argumentos verbais, Ilari et al. (1989) propuseram duas grandes

classes funcionais para os advérbios: *os predicativos e os não-predicativos*. Os predicativos foram classificados inicialmente como:

- qualitativos: *totalmente, globalmente* etc;
- intensificadores: *muito pouco, demais* etc;
- modalizadores: *provavelmente, possivelmente* etc;
- aspectualizadores: *diariamente, freqüentemente* etc;

Entre os não-predicativos foram incluídos:

- os de verificação: (*afirmativos e negativos*);
- os focalizadores: *justamente, exatamente*;
- os de inclusão – exclusão: *só, exceto*;
- os circunstanciais (de tempo e lugar): *hoje, ontem, aqui, ali*
- os de discurso = *conectivos textuais* – são vocábulos derivados em *–mente* que funcionam como conectivos textuais e que, originalmente, seriam advérbios de modo com valor temporal e aspectual.

Castilho (1993) apresenta a seguinte classificação:

1 – modalizadores, isto é, aqueles que expressam uma avaliação pessoal, foram subdivididos em:

- epistêmicos – que podem ser asseverativos, quase-asseverativos e deônticos.
- asseverativos - são empregados sempre que o falante considera que o conteúdo a ser modificado é verdadeiro: *realmente, evidentemente*.
- quase-asseverativos - indicadores de que o falante considera quase certo o conteúdo da classe modificada: *possivelmente, provavelmente*;
- deônticos – através dos quais, o falante informa que o conteúdo da palavra a ser modificada é necessário: *obrigatoriamente, necessariamente*;

2 – os qualificadores foram subdivididos em:

- intensificadores: *muito, mais*;
- atenuadores: *pouco, menos, quase*
- argumentais: *francamente*

3 - os quantificadores estão assim subdivididos:

- delimitadores: *lingüísticamente*, musicalmente
- aspectualizadores: *freqüentemente*, *lentamente*;

Castilho (1994), demonstrando uma síntese de trabalhos anteriores: Castilho (1993) - sobre a predicação adverbial e Castilho e Moraes de Castilho (1993) – sobre a predicação adjetival, aponta três tipos de predicação: a modalizadora, a quantificadora e a qualificadora.

A predicação quantificadora, que modifica a extensão do conteúdo da palavra a ser modificada, é constituída pelos adjetivos e advérbios:

- aspectualizadores iterativos: *normal*, *normalmente*
- delimitadores: *musical*, *musicalmente*.

A predicação qualificadora interfere nas propriedades da classe a ser modificada, conformando-as, negando-as, ou intensificando-as, daí a subdivisão em:

- qualificadores confirmadores (*efetiva*, *efetivamente*)
- qualificadores canceladores (*relativo*, *relativamente*)
- qualificadores adicionadores ou intensificadores (*tremendo*, *tremendamente*)

Os três tipos de predicação adjetival e adverbial servem na interação a diferentes objetivos: os modalizadores verbalizam a atitude do falante, em relação ao conteúdo da palavra modificada, enquanto os quantificadores especificam a extensão e as propriedades da classe modificada.

Iordan e Manoliu (1972, p. 368) observam que os advérbios com significações gerais ou abstratas, que indicavam a distância (no tempo ou no espaço) com respeito ao ato da fala (*hic*, *tunc* etc), receberam, como os pronomes demonstrativos que se lhes assemelhavam, alguns elementos para fortalecer seu caráter dêitico (lat,*eccum* + *hic*>it.*qui*, fr. *ici*, esp, pg. *ahí*; lat. *hic* – ce.> rum. *ici*, *aici*, it. *ci*; lat. *ad. tunc*+ *ce*(<*ecce*>)rum. *atunci*; lat. *eccum* + *tale* > rum. *acatare*, *atare*; *eccu* + modo *Iahora*, recentemente' > rum. *acmu*, *amu. cum*.

Erotilde Goreti Pezatti (2001) utiliza-se de um ponto de vista funcionalista para questionar: “O advérbio *então* já se gramaticalizou como conjunção?

A autora acima afirma, inicialmente, que o melhor percurso para esclarecer se o nexos conclusivo estabelecido por *então* é de fato efetuado por uma verdadeira conjunção é verificar o comportamento sintático-semântico desse operador, e, para isso, apresenta alguns critérios que definem o que se compreende por conjunção. Pezatti (2001) divide o seu artigo

em quatro partes, tendo como objetivo final fornecer indicações funcionais das expressões com *então*, no português falado, que manifestam o nexos conclusivo.

Ainda a autora, em seu artigo, cita Ilari (1996) para reiterar a dificuldade de distinguir de maneira estanque as noções que seriam recobertas pelas várias classes de conjunções subordinativas, noções que, afirma, se entrelaçam reciprocamente. Como exemplo a autora cita o conceito de causa, que envolve anteriormente tempo e condição. Uma outra característica das conjunções é um sincretismo mais sutil que, segundo ela, resulta da confusão entre o *dictum* e o *modus*, o que seria, em outras palavras, o de confundir uma relação objetiva entre fatos que “existem no mundo” (destaque da autora), com uma relação entre momentos de uma argumentação, explicando que “muitas vezes os fatos e a argumentação têm orientações opostas”.

De acordo com a autora, uma conjunção pode ser usada para formular um conteúdo, nível do *dictum*, ou pontuar um processamento textual, nível do *modus*. A autora propõe investigar, ainda, se o português conta com uma legítima conjunção *então*, valendo-se de uma teórica identificada por Carone (1988 apud PEZATTI, 2001, p. 58-59), que diz: “as conjunções são geralmente expressões que deslizaram de um estatuto de advérbio para o de conjunção. Seu valor de origem perdura na imobilidade de que são dotadas, mais caracterizadora do advérbio”.

Apresenta, como exemplo, as formas conjuntivas atualmente adotadas: *além disso*, *apesar disso*, *em vez disso*, *pelo contrário*, *ao contrário de*, *ao mesmo tempo*, *desse modo*, *assim*, *então*, *aliás*, que se situariam na faixa de transição de advérbio para conjunção, por exprimirem circunstâncias várias, mas comportarem-se como elementos coesivos, a caminho de uma cristalização ou, em outras palavras, de uma gramaticalização.

Carone (apud PEZATTI, 2001) apresenta um programa de análise das conjunções relacionado com um dos princípios do processo de gramaticalização, o de unidirecionalidade que Hopper e Traugott (1993) explicam como: no nível morfológico, as fases por que passa um item lexical antes de se transformar em uma unidade funcional podem, em casos, ser rigidamente ordenados:

ITEM LEXICAL > PALAVRA GRAMATICAL > CLÍTICO > AFIXO FLEXIONAL

No caso das conjunções, afirma Pezatti (2001), especificamente, das conclusivas, o que poderia ocorrer é um subtipo de gramaticalização, que ainda na linha de Hopper e Traugott (1993) se denomina de **recategorização sintática**, processo pelo qual um item

lexical muda as propriedades gramaticais que o incluem numa determinada classe, para integrar-se em outra, de acordo com uma seqüência igualmente rígida: CATEGORIA MAIOR (nome, verbo, pronome) > CATEGORIA MEDIANA (adjetivo, advérbio) > CATEGORIA MENOR (preposição, conjunção, pronome).

Isso vem explicar que o processo diacrônico de recategorização sintática é o que melhor demonstra a transformação aludida por Carone (1988), mediante o qual locuções adverbiais passam a exercer função de conjunção.

Também, no seu artigo, Pezatti (2001) se dedica à descrição de procedimentos metodológicos e ao universo de sua investigação, ou seja, a partir de um *corpus* constituído de textos do “Projeto de gramática do português falado,” utiliza um método quantitativo de análise, selecionado eletronicamente. Dessa forma, estabeleceu um parâmetro para testar sua hipótese sobre a função conjuntiva do *então*, em comparação com *logo*, destacada como conjunção conclusiva por excelência, a partir da escolha de quatro traços distintos:

i) Não apresentar mobilidade no interior da sentença que inicia:

Ex: a) O narciso é uma flor, *logo*, pertence ao reino vegetal.

b) O narciso é uma flor, pertence, *logo*, ao reino vegetal.

ii) Não pode ser precedido de outra conjunção, como a aditiva

c) O narciso é uma flor, e *logo* pertence ao reino vegetal.

iii) Pode coordenar termos, como as demais conjunções coordenativas (*e, ou e mas*)

d) Você está sentindo a sua emoção, daí ser mais fidedigno, *logo* mais verdadeiro.

iv) Não aceita focalizadores, como advérbios de inclusão/exclusão/hedges e clivagem.

e) O narciso é uma flor é *logo* que pertence ao reino vegetal.

Como um resultado da análise do comportamento do conector *então*, em comparação ao modelo prototípico representado por *logo*, é possível, segundo a autora, atribuir os seguintes traços gerais para o conector em estudo, através da tabela abaixo:

Conector	Posição fixa	Coordena termos	Perde o sentido anafórico	Admite focalização
Logo	+	+	+	+
Então	-	-	-	-

Quadro 01 – Traços gerais do conector “*então*”

Segundo a autora, o quadro acima demonstra que a forma investigada *então* ainda não logrou completar seu processo de gramaticalização e diz, ainda, que se tentar traçar uma escala entre as duas etapas do processo, de advérbio a conjunção, é possível alocar-se *logo* em um pólo, como a mais típica das conjunções conclusivas, ficando *então* na faixa média do processo de transição, de acordo com o seguinte *continuum*:

Advérbio-----Conjunção
Por isso > *então* > *portanto* > *logo*

A forma *então* tem sido objeto de atenção por parte de muitos estudiosos e, dentre eles, podem ser citados Martelotta (1996) e Risso (1996). Risso, por exemplo, enquadra-a no conjunto de marcadores conversacionais que funcionam como unidades seqüenciadoras para criar uma relação coesiva entre partes do texto, estabelecendo aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechados de tópico. O articulador *então* se junta às conjunções e advérbios dêiticos locativos ou temporais. Move-se da frase para o texto com considerável flexibilidade e pode escopar ou articular porções discursivas de proporções distintas.

Sintetizando o trabalho de Risso (1996), observa-se que *então* pode atuar nos níveis frasal e textual, exercendo naquele a função de um advérbio dêitico de tempo e assumindo, nesse, a de um operador argumentativo, na expressão de uma dependência lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado, pautada na relação de implicatividade entre fatos e argumentos, no interior da proposição.

Conforme Kuri (1985), Savioli (1985), Macambira (1970), poucos são os gramáticos que admitem *então* como conjunção conclusiva, na função de articulador da relação lógico-semântica de conclusão entre orações. No entanto, segundo Pezatti (2001), é para essa direção que os dados indicam o percurso dessa forma, em vias de gramaticalizar-se como conjunção coordenativa conclusiva.

3 AS DUAS CORRENTES DO PENSAMENTO LINGÜÍSTICO: FORMALISMO E FUNCIONALISMO

Sabe-se que há duas grandes correntes lingüísticas no momento atual: o formalismo e o funcionalismo. Enquanto o formalismo se preocupa mais com a forma e centra seu estudo na sintaxe, o funcionalismo estuda a função e está centrado na Semântica e na Pragmática.

Desse modo, a abordagem funcionalista prioriza o uso lingüístico e a forma como se codificam os itens gramaticalmente.

Maria Helena de Moura Neves (2004, p. 39-53), citando Halliday, observa que há duas tradições: a chamada “funcional”, na qual ele se enquadra, como também a Escola de Praga, além de Firth, Lamb e a Escola de Londres, e a “formal”, representada por Bloomfield e Chomsky. Distinguem-se aí duas vertentes, o funcionalismo que enfatiza a função das formas lingüísticas e o formalismo que considera primária a análise da forma lingüística e secundária a função. Nessa antítese, Dirven e Fried colocam na vertente funcionalista a Escola de Genebra com Saussure e outros, como Helbig, Martinet, a Escola de Praga com Mathesius e Jakobson, Danes, Firbas, entre outros; a Escola de Londres com Firth e Halliday, e também o grupo da Holanda com Reichling e Dik.

Segundo os autores Dirven e Fried (apud NEVES, 2002, p. 40), o funcionalismo está representado na Escola de Praga, bem como, nos modelos de gramática funcional de Halliday e de Dik e só implicitamente é que está em Saussure. Rosauta Poggio, no seu livro “*Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*” (2002), assinala que, segundo Halliday, uma teoria funcional parte da investigação de como a língua é usada, buscando descobrir seus propósitos e como os falantes são capazes de alcançá-los e que Martinet já afirmara, anteriormente, que é preciso partir da observação da comunicação na língua em sua primeira forma falada. A maneira como o mundo é percebido depende de processos, segundo os quais, o homem comunica sua experiência ao próximo e, ao funcionar, toda língua se impõe como um instrumento de comunicação da experiência.

Convém lembrar que não só o caráter funcional da língua é importante, mas também a sua dinamicidade. A língua é considerada algo dinâmico, portanto, sujeita a variações e mudanças. O pólo formalista tem seus destaques no estruturalismo americano com Bloomfield, Trayer, Bloch, entre outros e, com menos rigor, estão os modelos do gerativismo. No próprio Chomsky, segundo Danes (1987, p. 25), estariam alguns elementos

da perspectiva funcional, citando como exemplo as noções de tópico/comentário ou tema/rema.

Na ótica de Hoffman (1987 apud NEVES, 2004), uma gramática **formalmente** orientada se preocupa com a estrutura sistemática das formas de uma língua, enquanto que uma gramática **funcional** analisa a relação sistemática entre as formas e as funções em uma língua. Dillinger (1991) vê os formalistas, incluindo os gerativistas, como estudiosos da língua, que analisam o objeto descontextualizado, preocupando-se com suas características internas – seus constituintes e as relações entre eles – mas não com a relação entre os constituintes e seus significados, ou entre a língua e seu meio, achando, por fim, que a língua é um conjunto de frases, um sistema de sons e de signos, equiparando assim a língua à sua gramática.

Os funcionalistas já olham a língua sob outro prisma, preocupando-se com as relações (ou funções) entre a língua como um todo e as inúmeras modalidades de interação social e frisam a importância do papel do contexto social, na compreensão da natureza das línguas. Conforme Beaugrand (1993, p. 5), a intenção estruturalista de estudar a língua em si mesma e por si mesma (**langue**) de uma maneira abstrata e de descrever cada nível por critérios internos enfatizou os dados **formais**, deixando os dados **funcionais** relegados ao uso da língua, à fala (**parole**). A partir daí, surgiu um embate, o formalismo vê seus níveis definidos pelas unidades da **langue**, fonemas, morfemas, palavras – lexemas e sintagmas - sintagmemas e o funcionalismo, pela entonação ou prosódia, gramática e discurso.

Beaugrand (1993) critica essa postura, dizendo que prosódia ou entonação (incluindo pontuação) é a parte mais encontrada em dados lingüísticos e que não se trata de seqüência de unidades abstratas (como os fonemas), mas, do fluxo ou “melodia” do texto enunciado e que a Gramática não inclui somente os morfemas e as estruturas sintagmáticas, mas o seu embasamento cognitivo no conhecimento que a comunidade tem de como os processos e seus participantes são organizados. Leech (1983, p. 3) não acata a adoção de qualquer das duas hipóteses, a formalista e a funcionalista, dizendo que tanto seria tolo negar que a linguagem é um fenômeno psicológico, como negar que ela é um fenômeno social.

Dik (1978 apud NEVES, 2004), por sua vez, faz um contraponto entre as duas correntes (funcionalismo e formalismo) e especifica oito tópicos, em 1978, e em 1989 transforma sete desses tópicos em sete questões, entre as quais se pode falar de algumas:

1- O que é uma língua natural?

Na corrente funcionalista, a língua é um instrumento de interação social, não existe como uma estrutura arbitrária, mas sim, em virtude de seu uso, com o objetivo de interação

entre seres humanos. Na **corrente formalista**, a língua é vista como um objeto abstrato, ou seja, um conjunto de orações e a gramática como uma tentativa de caracterizar esse objeto formal, em termos de regras de sintaxe formal.

2 – Como as crianças adquirem uma língua natural?

Segundo o **Formalismo**, a criança constrói uma gramática da língua, usando suas propriedades inatas.

Segundo o **Funcionalismo**, a aquisição da linguagem se desenvolve na interação entre a criança e seu ambiente. Acredita-se que, realmente, a criança já traga consigo suas qualidades intrínsecas, contudo vai precisar do meio para desenvolvê-las.

Nascimento (1990), ao discordar de Votre e Naro (1988), que dizem que a perspectiva funcionalista é mais aceitável que a formalista, afirma que não cabe aceitar uma ou outra como a melhor escolha, pois cada uma tem diferentes objetos de estudo. Dillinger (1991) observa que funcionalismo e formalismo não podem ser vistos como alternativas, pois ambos estudam o mesmo objeto, que é a língua, porém de maneiras diferentes. Analisando as bases do funcionalismo de Coseriu, Bechara (1991) opõe-se à “**gramática estrutural e funcional**” desse teórico, dizendo que a mesma é analítica, parte da frase para chegar aos elementos mínimos da língua, e que a gramática transformacional é sintética (ensina de que maneira se utilizam os meios gramaticais para a estruturação do discurso).

A discordância baseia-se no fato de que a gramática transformacional tem ignorado e tem omitido as funções idiomáticas, enquanto que a gramática estrutural e funcional parte da conjectura de que não se pode investigar o funcionamento efetivo de uma língua sem, anteriormente, haver estabelecido as funções dessa língua. Para Bechara (1991) Coseriu não elege a gramática estrutural e funcional em relação à gramática transformacional, mas observa que se pretende descrever a língua como estruturação de conteúdos, como sistema de funções e que a investigação lingüística deve partir do significado estrutural para a designação e não da designação para o significado estrutural.

Diante de tudo o que foi abordado sobre as duas correntes do pensamento lingüístico “Funcionalismo e Formalismo”, conclui-se que as duas são de grande importância para os estudos lingüísticos atuais. Vale ressaltar que uma não exclui a outra, porque ambas tratam do mesmo objeto, que é a língua, porém sob prismas diferentes.

4 FUNCIONALISMO E GRAMATICALIZAÇÃO

4.1 A GRAMATICALIZAÇÃO

O Funcionalismo, corrente lingüística surgida na Escola Lingüística de Praga e na Escola Britânica, cujo representante dessa última, M. A. K. Halliday, destaca, dentre os temas em estudo: a relação entre discurso e gramática; a liberdade organizacional do falante dentro das restrições construcionais; a distribuição de informação e o relevo informativo; o fluxo de informação e o fluxo de atenção; a motivação icônica e a competição de motivações; a fluidez das categorias (protótipos); a importância da dinamicidade da língua; o processo de gramaticalização etc.

O interesse pelo estudo da gramaticalização, como hoje é concebido, teve início no ocidente, no século XVIII.

No século XIX, a gramaticalização foi estudada sem adotar esse nome. Os neogramáticos viam-na como um parâmetro para a explicação da lingüística diacrônica.

Por volta de 1979, um grupo de lingüistas aceitou a noção de gramaticalização como um dos fatores responsáveis pela mudança lingüística. Ela foi vista como meio de analisar a mudança, de reconstruir a história de uma língua ou grupo de línguas, de relacionar estruturas lingüísticas modernas e modelos de uso lingüístico.

O termo *gramaticalização* surge em 1912, definido por Antoine Meillet (1948) como *le passage d'un mot autonome au role d'élément grammatical* ('a passagem de uma palavra autônoma para a função de elemento gramatical'). Esse pesquisador concentra seus estudos na mudança histórica, na evolução e transformação das formas gramaticais, observando a modificação experimentada por elas na forma, no sentido e/ou no comportamento sintático.

4.1.1 Conceitos

A gramaticalização é toda mudança que afeta a gramática de uma língua. Alguns elementos, no decorrer dos séculos, sofrem alterações gramaticais e/ou semânticas, porém antes passam por um momento de variação.

A gramaticalização é o processo pelo qual determinada palavra passa a ser usada como vocábulo gramatical, ou como afixo, no curso da evolução da língua. Ex: o vocábulo *mente*, que era uma forma de substantivo latino *mens, mentis* tornou-se sufixo na língua portuguesa.

Há diversidade de perspectivas sobre a gramaticalização. O desacordo encontra-se até mesmo no que se refere ao termo para nomear esse processo. Alguns preferem chamá-lo de *gramaticização* ou *gramatização*. Entretanto, a maioria dos autores denominam-no de *gramaticalização*.

Desse modo, muitos conceitos têm sido empregados nas diversas teorias para se referirem à gramaticalização: *apagamento semântico*, *esvaimento semântico*, *morfologização*, *reanálise*, *redução*, *sintaticização*, embora alguns deles estejam ligados a certas características sintáticas ou semânticas daquele processo.

A. de Castilho (1997, p. 30) dá a seguinte definição de gramaticalização.

Gramaticalização é o trajeto empreendido por uma forma, ao longo do qual, ela muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades funcionais na sentença, sofre alterações semânticas e fonológicas, deixa de ser uma forma livre até desaparecer, como conseqüência de uma cristalização extrema.

A gramaticalização constitui, ultimamente, o centro de interesse de pesquisadores não só no exterior (Hopper, Heine, Claudi e Hünemeyer, Traugott, Lehmann, Swestser, entre outros), como também no Brasil (Castilho, Braga, Votre, Poggio, Barreto, e outros), em torno da qual, há muitas discussões e questões a serem resolvidas.

Ela é vista como um processo de criação da gramática através da necessidade discursiva.

Essa nova linha de pesquisa vê esse processo não apenas como uma reanálise do material léxico para o material gramatical, mas também como reanálise dos moldes gramaticais e de função do nível do discurso para funções semânticas no nível da sentença.

Entretanto, essa perspectiva não é adotada por todos os lingüistas, P. Hopper e E. Traugott (1993) observam que certos comportamentos de organização do discurso desenvolveram-se de sentidos não-discursivos dos termos em questão. É o que acontece, por exemplo, em inglês, com o relativo *where* ou a conjunção subordinativa concessiva *whereas*, ambos provindos do interrogativo locativo *where*.

4.1.2 Processos de gramaticalização

Os processos de gramaticalização podem ser encontrados em todas as línguas e podem envolver qualquer tipo de função gramatical. Através desses processos, itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir funções referentes à organização interna do discurso ou a estratégias comunicativas. Alguns afirmam que o processo de gramaticalização é unidirecional, através do qual, esses elementos, em determinados contextos, assumem funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver outras funções gramaticais. A unidirecionalidade é uma característica básica apontada por P. Hopper (1991).

Para A. de Castilho (1997), o discurso foi responsável pelo início do processo de gramaticalização, constituído pelos seguintes estágios:

- alterações gramaticais: sintaticização; morfologização; fonologização; e estágio zero.
- alterações semânticas: metáfora e metonímia

As alterações gramaticais subdividem-se em:

(i) Sintaticização

A sintaticização de um item lexical é sua recategorização sintática, categorização funcional e relações intersentenciais.

- Recategorização sintática

A recategorização ocorre, quando há mudança de um item lexical de uma classe gramatical para outra, observando-se a presença de um *continuum*:

Categoria Maior [Nome, Verbo] > Categoria Mediana [Adjetivo, Advérbio] > Categoria Menor [Preposição, Conjunção, Pronome] (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. 104).

Os itens léxico-gramaticais, denominados pela gramática tradicional de composição e derivação, são chamados de *derivação imprópria*.

São exemplos de recategorização o da transformação de um verbo pleno em verbo auxiliar ou em complementizador, e o da mudança de nomes em preposições.

A gramaticalização de uma categoria em preposição pode ocorrer da seguinte maneira (CASTILHO apud POGGIO, 2002, p. 69):

N > N relacional > Preposição secundária > Preposição primária >
Clítico > Afixo
N > Preposição
V > Preposição
Adv > Preposição
Num. Ord. > Preposição

- **Categorização Funcional**

A categorização funcional atribui propriedades funcionais a aspectos da sintaxe, apresentada em caráter dinâmico da gramaticalização. Têm-se como exemplos, em português, os estudos de tópico, de sujeito e objetos nulos, entre outros.

- **Relações intersentenciais**

No português, por exemplo, as coordenadas explicativas e as subordinadas causais e as coordenadas adversativas e as subordinadas concessivas etc. mostram ser precária a linha que separa a coordenação da subordinação.

(ii) **Morfologização**

Segundo A. de Castilho (1997, p. 43), a morfologização é a criação de formas presas, sejam afixos flexionais ou derivacionais.

- Criação de afixos flexionais.
- Flexão verbal: pessoas e tempos.
- Flexão nominal: morfemas de caso, de gênero e de número.
- Criação de afixos derivacionais.

Conforme A. de Castilho (1997, p. 45), de acordo com o que se disse anteriormente, o nome latino *mente*, que possui entre suas acepções a de ‘modo’, ‘maneira’, era usado

inicialmente depois de adjetivo. Por uma redução fonológica, posteriormente torna-se átono, cliticizando-se ao adjetivo.

Svorou (1993, p. 38), observando as relações espaciais como um domínio semântico presente em todas as línguas, verifica que suas características morfossintáticas variam ao longo de um *continuum* de fusão, assim representado:

Baixa fusão		Alta fusão
Embraced	Agglutinated	Fuse
(‘enlaçado’)	(‘aglutinado’)	(‘fundido’)

Exemplifica-se através dos itens “*ENTÃO*” e “*AÍ*”, objetos de estudo a que se propõe esta Dissertação, conforme abaixo:

BAIXA FUSÃO		ALTA FUSÃO
EMBRACED(‘enlaçado’)	AGGLUTINATED(‘aglutinado’)	FUSED (‘fundido’)
<i>IN TUNC</i>	<i>INTUNCE</i>	ENTÃO

Quadro 02 – *Continuum* de fusão

EMBRACED(‘enlaçado’)	AGGLUTINATED(‘aglutinado’)	FUSED (‘fundido’)
<i>AD HIC</i>	-	AÍ

Quadro 03 – *Continuum* de fusão

A expressão *embraced* (‘enlaçado’) atém-se a construções adverbiais e preposicionais, em que o morfema lingüístico espacial e o seu complemento, apesar de serem unidades fonológicas independentes, formam uma unidade.

O termo *agglutinated* (‘aglutinado’) diz respeito aos morfemas afixados, que são identificáveis em contextos fonológicos.

Por fim, a denominação *fused* ('fundido') refere-se a morfemas afixados sujeitos à alteração fonológica ligada à sua raiz, podendo, porém, apresentar alomorfia condicionada a categorias morfológicas, tais como: número, gênero, classe de nome ou classe de declinação.

Observa-se, no segundo exemplo, que o item 'AÍ' não passou pelos três estágios apontados por Svorou (1993); daí inferir-se que nem sempre ocorre essa possibilidade.

De acordo com Williams (1994), a transformação do lat. **in tunc** para o port. **então** deu-se primeiro pelo processo de apócope da consoante *c* (*intun*), já no latim vulgar. Por assimilação do traço de arredondamento da vogal posterior *o*, a dental –alveolar *n* passou a *m*. Em seguida, por uma questão de harmonia vocálica, houve um rebaixamento das vogais *i* para *e* e *u* para *o* (*entom*). Quanto à formação dos ditongos no português, o ditongo *ão* do **então** derivou-se por analogia a –ão < ani das terminações latinas –anu, –one > -an, -on, -ane > ão de palavras como *cane* > *cão* *nationes* > *nação*, *manu* > *mão*.

Lat. class. INTUNC >lat. vulg. INTUN >port. arc. ENTOM >port. mod. ENTÃO
--

Quadro 04 – Trajetória do “*então*” do latim para o português

No espanhol, a palavra *então* teve origem no latim clássico *EXTUNC* que passou a *EXTUNCE*, no latim vulgar, por paragoge da vogal média *e*. No espanhol arcaico, evoluiu para *ESTONCES*, através de processos simultâneos de harmonia vocálica, nos quais a vogal alta ‘i’ passou à média ‘e’ e ‘u’ passou a ‘o’, por assimilação do ponto de realização da consoante *t* [t] pela consoante *x* [KS], que se tornou *s* [S] *estonces*. Essa modificação brotou talvez da influência de advérbios terminados em *s*, tais como *mais* (*de magis*), port. arc. *pos* (*de post*) etc.(COROMINAS, J. A. Pascual, 1996).

Lat. cláss. EXTUNC lat. vulg. EXTUNCE . esp. arc. ENTOZ ENTUENCES, ENTUENCI > esp. mod. ENTONCES
--

Quadro 05 – Trajetória do “*então*” (espanhol)

(iii) Fonologização

A redução fonológica é um dos processos de gramaticalização mais visíveis. As formas livres fundem-se com outras formas livres, transformando-se em formas presas.

A. de Castilho (1997, p. 46) exemplifica com a formação do futuro, nas línguas românicas, em que a forma trissilábica **habeo** reduziu-se ao ditongo **ei**.

(iv) **Zero ou desaparecimento**

O estágio zero é o estágio final da gramaticalização de um morfema.

Um morfema pode desaparecer, retomando-se o processo inicial, através do qual, uma expressão perifrástica o fará surgir novamente (CASTILHO apud POGGIO, 2002, p. 71).

A gramaticalização tem como resultado o acréscimo de novos sentidos. Em alguns contextos, as palavras sofrem pequenas alterações em suas propriedades de base, em outros casos, são afetadas em maior grau, desenvolvendo novos sentidos.

Essas mudanças são denominadas de *dessemantização*, *bleaching*, *fading*, termos considerados impróprios, pois o que ocorre é uma mudança, mas não perda de sentido, um esvaziamento do significado.

Em qualquer desses casos, um item lexical pode passar para a gramática no processo de gramaticalização.

Consoante A. de Castilho (1997, p. 47), uma questão ainda não resolvida é saber se a mudança sintática acarreta a mudança semântica, ou se a mudança semântica é um estágio precoce da mudança sintática.

As palavras são polissêmicas no processo de gramaticalização, apresentando várias acepções que se interrelacionam. No *continuum* criado pelos estágios de gramaticalização, essas relações são destacadas pela metáfora e pela metonímia.

Há um ritmo unidirecional nos processos de metáfora, que vai do sentido concreto para o mais abstrato.

H. Parret (apud CASTILHO, 1997, p. 48) mostra que a teoria semilocalista dos casos baseia-se nos três casos “gramaticais,” de motivação estrutural (nominativo, acusativo e genitivo) e nos casos “locais” de motivação discursiva (*ablativo*, lugar ‘de onde’; *locativo*, lugar ‘onde’; *dativo*, lugar ‘para onde’; e *instrumental*, ‘lugar conjunto’).

A polissemia das palavras decorre muito do uso metafórico. Por isso, não apenas a linguagem, mas também a cognição e a língua operam metaforicamente, ao passo que a mudança de sentido motivada por itens associados sintaticamente tem a denominação de metonímia. Tal mudança afeta a gramática da língua, uma vez que surge um novo vocábulo.

4.1.3 Princípios de gramaticalização

Considerando não haver um acordo entre os autores, no que se refere aos princípios de gramaticalização, serão indicados a seguir os princípios apontados por C. Lehmann, P. J. Hopper e A. de Castilho.

C. Lehmann (1982) admite cinco princípios de gramaticalização:

- 1) **Paradigmatização** – diz respeito à integração das formas gramaticalizadas em novos paradigmas morfológicos, conduzindo-as a paradigmas pequenos e homogêneos.
- 2) **Obrigatoriedade** - trata da existência, dentro de um paradigma, de regras gramaticais que determinam a escolha dos seus membros.
- 3) **Condensação** – a gramaticalização de um signo torna menos complexos os constituintes com os quais pode combinar.
- 4) **Coalescência** – refere-se ao desaparecimento conjunto de formas adjacentes.
- 5) **Fixação** – explica que os elementos ocupam uma posição fixa, primeiro na sintaxe e depois na morfologia, como preenchedores de espaços gramaticais, quando esses se gramaticalizam.

Para Lehmann, quanto “mais autônomo o signo, menos gramaticalizado”.

Ainda segundo C. Lehmann (1982), a gramaticalização se refere à autonomia do signo e para medir seu grau aponta três aspectos: o peso, a coesão e a variabilidade. O decréscimo do peso e da variabilidade e o aumento da coesão formam os três aspectos da gramaticalização e, para melhor operacioná-los, é necessário que eles sejam relacionados em dois aspectos lingüísticos fundamentais: sintagmático e paradigmático.

Hopper (1991) também admite a existência de cinco princípios, alguns dos quais semelhantes aos de Lehmann:

1) **Estratificação** (*layering*) – explica que novas camadas emergem dentro de um domínio funcional amplo. Quando isso ocorre, uma forma mais antiga e uma mais nova passam a coexistir, resultando uma variação lingüística; assim, quando uma forma se gramaticaliza, passa a conviver com outras formas similares, surgindo diferentes formas para o mesmo significado.

2) **Divergência** – diz respeito à gramaticalização de uma forma lexical em um clítico ou afixo, informando que a forma original permanece autônoma e sofre mudança como um item lexical comum.

3) **Especialização** – ressalta que, quando ocorre a gramaticalização, dá-se o estreitamento da variedade de escolhas formais e um número menor de formas assume significados semânticos gerais.

4) **Persistência** – explica a permanência de traços do significado lexical original de uma forma, na nova forma gramatical oriunda da gramaticalização.

5) **Descategorização** – demonstra que, no processo de gramaticalização, as formas podem perder ou neutralizar as marcas morfológicas e as propriedades sintáticas das categorias plenas Nome e Verbo, assumindo os atributos das categorias secundárias (adjetivo, particípio, preposição etc.). No processo de gramaticalização, há uma perda de propriedade discursiva, diminuindo o estatuto categorial dos itens gramaticalizados, nos quais, há uma perda de marcadores e autonomia discursiva.

De acordo com A. de Castilho (1997), quatro princípios podem dar conta dos processos e dos estágios da gramaticalização:

1) **Paradigmatização e analogia**: a analogia opera no eixo paradigmático.

R. Jakobson e Halle (1956, apud POGGIO, 2002) já haviam reconhecido que a analogia opera no eixo paradigmático, em contraste com a reanálise, que opera no eixo sintagmático. O processo da analogia também foi identificado pelos neogramáticos que o aplicaram à mudança fonológica.

2) **Sintagmatização e reanálise** – admite-se a existência do desenvolvimento de novas estruturas a partir de estruturas antigas (HOPPER; TRAUGOTT, 1993).

A. de Castilho (1997, p. 53) dá a seguinte definição para reanálise: “É um processo por meio do qual os falantes mudam sua percepção de como os constituintes de sua língua estão coordenados no eixo sintagmático”.

Essa mudança se deve à abdução, com base na percepção humana, sendo esse o único tipo de raciocínio por meio do qual podem surgir novas palavras. Através da abdução, os limites entre certos constituintes podem ser apagados, surgindo novos “cortes”, sem alterar a manifestação superficial da unidade.

Para exemplificar esse processo, A. de Castilho (1997) aponta a formação do futuro e o surgimento do pretérito perfeito românico. A expressão *haec habeo dicere* (‘tenho algumas coisas a dizer’) foi inicialmente reanalisada como [*haec dicere*] *habeo* (‘tenho que dizer essas coisas’), em que *haec dicere* passava a objeto direto de *habeo* e, posteriormente, como *haec [dicere habeo]* (‘tenho de dizer algo’), o que deu origem à fusão fonológica dos dois verbos, e ao novo morfema do futuro *-re*.

O pretérito perfeito composto das línguas românicas é resultado da reanálise de construções do tipo *habeo litteras scriptas*, em que o constituinte *litteras* analisado como objeto direto de *habeo*, seguido de um predicativo do objeto, *scriptas*, passou a ser objeto direto de *habeo scriptum*, uma vez que *habeo* passou a significar o resultado presente de uma posse no passado e *scriptum* se deslocou tornando-se invariável, vindo a se constituir em um tempo verbal composto.

3) **Continuidade e gradualismo** - através desse princípio, a gramaticalização tende à inovação da estrutura das línguas e, segundo J. Kurylowicz (apud POGGIO, 2002), não é um processo que possa extinguir-se, sendo difícil identificar suas fases.

E. Sapir (1921), e W. Labov, em 1995 (CASTILHO, 1997, p. 55), observam que a variação é o primeiro estágio da mudança sintática. Já o lingüista F. Lichtenberk (apud CASTILHO, 1997) inverte essa ordem e defende que a variação é o ponto de partida e de chegada da mudança lingüística, devido ao caráter cíclico da gramaticalização.

Há um acordo entre os lingüistas, ao afirmarem que a gramaticalização não se constitui num processo que se possa extinguir, tornando-se difícil identificar suas fases (HEINE; REH, 1984, apud HEINE, CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991).

4) Unidirecionalidade

Para A. de Castilho (1997), a gramaticalização é unidirecional, isto é, um processo irreversível, desenvolvendo-se da esquerda para a direita.

Segundo B. Heine, U. Claudi, e F. Hünemeyer (1991), o princípio da unidirecionalidade sustenta que as estruturas menos gramaticais podem tornar-se mais gramaticais, mas não o contrário, uma vez que a desgramaticalização e a regramaticalização acontecem de maneira insignificante.

Como se pode verificar, os estudos sobre a gramaticalização apresentam abordagens e perspectivas teóricas diversas. Com base nesses estudos, observando-se a teoria funcional, procura-se apresentar alguns aspectos referentes ao complexo problema da gramaticalização na língua portuguesa, partindo da análise dos *corpora* selecionados e dos autores que se dedicaram ao estudo da gramaticalização.

Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 10-11) afirmam que a gramaticalização era vista como algo pertencente à lingüística diacrônica, ou seja, como uma maneira de analisar a evolução lingüística, de reconstituir a história de uma língua ou relacionar as estruturas lingüísticas do momento com os padrões anteriores do uso lingüístico.

Hopper e Traugott (1993, p. 2) indicam duas perspectivas de estudo de gramaticalização:

- 1 – Histórica – através dessa perspectiva, estudam-se a origem das formas gramaticais e as mudanças típicas que as afetam.
- 2 – Sincrônica – estuda a gramaticalização sob o ponto de vista de padrões fluidos do uso lingüístico.

Segundo Heine, Claudi e Hünemeyer (1991, p. 19-30), o processo de gramaticalização ocorre devido às necessidades de comunicação não satisfeitas pelas formas presentes no sistema lingüístico e à existência de conteúdos cognitivos para os quais não há designações lingüísticas adequadas.

O processo de gramaticalização implica uma mudança semântica e, para tentar explicar tal fenômeno, Willet (1988) defende três hipóteses:

- 1 – A extensão metafórica – o significado mais concreto de uma expressão é usado para descrever uma expressão mais abstrata.
- 2 – A inclusão – os significados gramaticais são partes da estrutura semântica interna presente na origem lexical.

3 – Implicatura - o meio para se criar significados secundários, que passam gradualmente a significados primários, é a convencionalização das implicaturas.

Werner e Kaplan (1963, p. 403) mencionam o “princípio da exploração de velhos meios para novas funções”. Através desse princípio, conceitos concretos são utilizados para descrever, explicar e entender processos menos concretos e mais abstratos. Sendo assim, a gramaticalização é um processo de base metafórica.

Quando o usuário precisa especificar uma nova relação ou fortalecer uma já existente, embora enfraquecida, ele se serve de um termo mais concreto possível (TRAUGOTT, 1980, p. 54).

Segundo Martellota (1986, p. 54):

A metáfora constitui um processo unidirecional de abstratização crescente, pelo qual, conceitos que estão próximos da experiência humana são utilizados para expressar aquilo que é mais abstrato e, conseqüentemente, mais difícil de ser definido.

Algumas conseqüências e efeitos do processo de gramaticalização serão apontados a seguir:

Lichtenberk (1991, p. 38) afirma que as gramáticas das línguas naturais são produtos de desenvolvimentos históricos, entre eles, a gramaticalização, e que são três as conseqüências procedentes desse processo:

- 1 Emergência de uma nova categoria gramatical – quando elementos lingüísticos adquirem novas propriedades, eles começam a se tornar membros de uma nova categoria.
- 2 Perda de uma categoria existente – há uma perda de suas características de forma gradual e tem-se então a coexistência de formas novas e antigas no sistema. A forma nova começa a ser usada mais freqüentemente, até suprimir a forma antiga.
- 3 Mudança no conjunto de membros que pertencem a uma categoria gramatical.

Lehmann (1991, p. 493) mostra três efeitos da gramaticalização que se faz mister ressaltar:

- a) Passagem de um elemento menos gramatical para um elemento mais gramatical.
- b) Perda de característica fonológica e semântica.
- c) Diminuição de liberdade da manipulação do elemento. Ele se integra em um paradigma, tornando-se cada vez mais obrigatório em certas construções e ocupando uma posição mais fixa.

Considera-se hoje a gramaticalização como um processo pancrônico que apresenta uma perspectiva diacrônica, porque envolve mudança, e uma perspectiva sincrônica, porque implica variação, que pode ser descrita como um sistema sem referência ao tempo.

4.1.4 Graus de gramaticalização

Consoante P. J. Hopper (1991), os estágios iniciais de um processo de gramaticalização poderiam ser deduzidos a partir da aplicação dos cinco princípios por ele propostos, já discriminados no item “Princípios de Gramaticalização” desta Dissertação. São eles: estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização, observando-se que o resultado dessa prática permite ao analista a capacidade de afirmar se uma forma está mais gramaticalizada ou não.

As formas que se encontram em situações favoráveis para serem gramaticalizadas sofrem mudanças que originam a perda da sua autonomia, tanto na forma, quanto no sentido. Essa autonomia se apresenta sob três aspectos distintos: a) o peso do signo: o fator pelo qual o signo pode se distinguir dos outros componentes de sua classe e adquirir certa proeminência no sintagma; quanto maior for o peso do signo, mais ele será autônomo; b) a coesão: fator que torna o signo menos autônomo, através das relações sistemáticas estabelecidas com outros signos; c) a variabilidade do signo, isto é, sua capacidade em se deslocar ou se modificar independentemente de outro signo.

C. Lehmann (1982) propõe critérios ou parâmetros para mensurar o grau de gramaticalização de uma determinada forma, podendo eles serem considerados, numa perspectiva sincrônica ou diacrônica.

Fator/parâmetro/critério	Paradigmático	Sintagmático
Peso	Integridade	Escopo
Coesão	Paradigmaticidade	Fusão (<i>bondedness</i>)
Variabilidade	Variabilidade paradigmática	Variabilidade sintagmática

Quadro 06 - Critérios ou parâmetros para medir o grau de gramaticalização (LEHMANN, 1982 apud POGGIO, 2002, p. 75)

Integridade: conjunto de traços que asseguram a identidade de um item.

Paradigmaticidade: integração formal e semântica um paradigma delimitado.

Variabilidade paradigmática: liberdade de escolha de um item pelo falante.

Escopo: complexidade estrutural da construção que a forma gramaticalizada ajuda a construir.

Bondedness: no início, há apenas justaposição, depois cliticização, transfere-se num morfema afixo e vai-se fundindo.

Variabilidade sintagmática: facilidade com que o item pode ser mudado de posição.

Na ótica de B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991, p. 158), no processo de gramaticalização, uma categoria gramatical é mais gramaticalizada do que outra, observando-se as seguintes condições:

- a) se ela for, etimologicamente, derivada de outra;
- b) se duas funções de caso diferem apenas quanto ao fato de uma apresentar uma função espacial e outra não; logo, a última é mais gramaticalizada;
- c) se duas categorias gramaticais se divergem pelo fato de uma implicar um participante animado e outra, inanimado; então, a última é mais gramaticalizada;
- d) uma categoria correspondente a um conceito com três dimensões é menos gramaticalizada do que uma ligada a um conceito de uma dimensão;
- e) se duas categorias distinguem-se uma da outra por uma expressar uma relação temporal e a outra, uma “relação lógica”, então, a última é mais gramaticalizada; portanto, ‘causa’ e ‘condição’ são mais gramaticalizadas do que ‘tempo’;
- f) se duas categorias diferem porque uma é mais abrangente, a mais abrangente é mais gramaticalizada; então, ‘modo’ é mais gramaticalizado do que ‘instrumento’;
- g) se um dado morfema rege tanto sintagmas nominais como sentenças, logo, o último uso é mais gramaticalizado do que o anterior; assim, conjunções são mais gramaticalizadas do que preposições.

Alguns lingüistas, como T. Givón, E. Traugott, C. Lehmann, J. Bybee e W. Pagliuca (apud RANSON, 1988, p. 364) têm mencionado um tipo de gramaticalização que compreende estágios em simultânea redução semântica e fonológica de itens lexicais plenos com conteúdo específico e geral a formas mais reduzidas e significados mais gerais. Os estágios estão dispostos, numa escala unidirecional, conforme abaixo:

sentido pleno

significado e forma

redução lexical

significado e forma

Esse tipo de gramaticalização pode ser encontrado em complementizadores de diferentes línguas.

Quando se observam os complementizadores de diferentes línguas, verifica-se que muitos deles estão em perfeitas relações com morfemas que ainda são empregados para outras finalidades. Os que estão relacionados a palavras de sentido pleno, como nomes e verbos, são vistos como representando um estágio inicial do desenvolvimento do complementizador, situando-se à esquerda da escala da gramaticalização. Os relacionados a palavras de função lexical, como determinantes e pronomes, são vistos como representando um estágio médio do desenvolvimento, figurando no meio da escala. Os complementizadores relacionados a formas limitadas com funções mais abstratas, como as formas de modo de conteúdo não específico, são vistos como representando o último estágio do desenvolvimento, antes que a forma seja totalmente perdida, como ocorre do lado direito da escala.

As fontes lexicais e o estágio de desenvolvimento do complementizador parecem influenciar as espécies de modalidade em que o complementizador pode ser usado. Assim, quando os verbos passam a complementizadores, é possível argumentar que, de início, eles tendem a se tornar complementizadores para os tipos de complementos, que podiam ter como verbos, antes de se expandirem para outras modalidades.

5 A TEORIA LOCALISTA

A teoria localista, adotada pelas mais conhecidas abordagens da gramaticalização, desenvolvida desde a Escola de Praga, recuperada a partir do fim da década de 60 pelos funcionalistas (Hjelmslev, 1935; Anderson, 1975; Lyons, 1980; Pottier, 1962, 1977; Fillmore, 1989; Lakoff e Johnson, 1989; Svorou, (1993), admite que fontes lexicais específicas dão origem a formas gramaticais espaciais, que retêm algumas propriedades de suas fontes. A relação do domínio semântico do espaço com outros domínios, como: tempo, causa, posse, modo, fim, instrumento, meio etc, também é considerada neste estudo.

Numa visão mais moderna da teoria localista, B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer, ao assumirem que o homem utiliza, em primeiro lugar, os conceitos relacionados com partes do seu próprio corpo, propõem o seguinte *continuum* de desenvolvimento metafórico.

PESSOA >OBJETO>ATIVIDADE>ESPAÇO>TEMPO>QUALIDADE.

Há domínios que se prestam ao desenvolvimento de conceitos gramaticais, como: pessoas, objetos, atividades etc. As pessoas usam objetos, atividades ou localizações para expressar entidades mais abstratas.

Entre esses pontos de referência, o espaço constitui uma fonte de gramaticalização, e, de acordo com os adeptos da teoria localista, as expressões espaciais são fundamentais no plano lingüístico, pois os demais sentidos são derivados delas.

Segundo S. Svorou (1993, p. 102-103), faz-se necessário investigar a história das formas gramaticais, não só para explicar a sua variação, mas também porque essa história reflete aspectos mais profundos da interação social e aspectos da construção cognitiva dos seres humanos.

J. Lyons (apud HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 115) propõe um quadro semelhante aos resultados dos localistas modernos:

<i>Source</i> ('Fonte')	<i>Derived Structure</i> ('Estrutura Derivada')
<i>Locative Categories</i>	<i>Temporal Categories</i>
('Categorias locativas')	('Categorias temporais')
<i>Abstract location</i>	<i>Possession and existence</i>
('Localização abstrata')	('Posse e existência')
<i>Locative and deitic expressions</i>	<i>Distinction past vs. nonpast</i>
('Expressões locativas e dêiticas')	('Distinção passado vs. Não-passado')
<i>Locative construction</i>	<i>Aspectual notions of progressivity or stativity</i>
('Construção locativa')	('Noções aspectuais de progressividade ou estatividade')
<i>Locative notions</i>	<i>Temporal, causal, and conditional clauses</i>
('Noções locativas')	('Orações temporais, causais e condicionais')

Quadro 07–Alguns exemplos de gramaticalização propostos pelos localistas

Após 1975, L. Diehl (apud HEINE; CLAUDI; HÜNNEMEYER, 1991, p. 12) aponta uma hierarquia de espaço egodêitica com quatro tipos, cada um deles com seu próprio centro dêitico:

<i>Social Space</i> ('Espaço social')	<i>me</i> (eu)
<i>Spatial Space</i> ('Espaço espacial')	<i>here</i> (aqui)
<i>Temporal Space</i> ('Espaço temporal')	<i>now</i> (agora)
<i>Logical Space</i> ('Espaço lógico')	<i>in this case</i> (nesse caso)

Quadro 08 – Hierarquia de espaço egodêitico

O localismo se fundamenta na relação *homem e espaço*, ou seja, o espaço que o homem exerce no mundo. O ser humano é o elemento mais importante do centro dêitico, isto é, a intersecção de três dimensões que representam o QUEM, o ONDE e o QUANDO de um evento lingüístico. O homem, em suas interações diárias, localiza-se no espaço e no tempo.

O AQUI e o AGORA são decisivos para a compreensão do conhecimento do mundo, pois o homem é situado (AQUI) e datado (AGORA), ou seja, a pessoa está em determinado lugar em determinado tempo. Dessa maneira, AQUI e AGORA são expressões dêiticas que

se baseiam primeiramente na pessoa que fala, como pessoa do discurso, no seu corpo humano, que pode ainda ser subdividido em sua parte interna (dentro) e sua parte externa (fora). Em geral, cada entidade (ser humano, coisas, animais) pode ser observada como tendo regiões internas ou externas. AQUI significa dizer ‘perto de mim’; portanto, é uma localização relativa, imprecisa e com baixo grau de especificidade, porque não se sabe a localização exata do falante.

O grau de explicitação para localizar alguma coisa vai depender da intenção do falante, da situação do ouvinte, do contexto comunicativo, além do tipo de interações lingüísticas que ele mantém.

Em síntese, depende da necessidade de localizar a entidade. A codificação lingüística de relações espaciais não deve ser extensa, pois é necessário economia para evitar as redundâncias.

Consoante G. Lakoff e M. Johnson (1980, p. 14), as oposições polares que reportam a espaço são naturalmente físicas, podendo variar de acordo com as diversas culturas. A estrutura dos conceitos espaciais emerge da experiência espacial constante do homem, da sua interação com o ambiente físico.

Assim, AQUI/ LÁ, EM CIMA / EMBAIXO, POR DENTRO/ DE FORA, FRENTE / COSTAS são expressões básicas, o que significa dizer que as outras entidades são localizadas a partir delas. Muitos conceitos metafóricos podem surgir baseados nessa experiência. Correlações sistemáticas com a experiência de cada um fazem com que um conceito seja parcialmente estruturado por uma metáfora, podendo ser estendido por determinados meios. De acordo com G. Lakoff e M. Johnson (2002, p. 131-132), experiências básicas referentes aos domínios: espacial, social e emocional são conceptualizadas de forma diferente, tais como nos exemplos mostrados por eles:

Harry is in the kitchen (‘Harry está na cozinha’)
Harry is in the Elks (‘Harry está no Elks (clube’))

Além disso, o tempo é conceptualizado em termos de espaço. A metáfora TEMPO É ESPAÇO, proposta por G. Lakoff e M. Johnson (1980), fundamenta o uso de expressões espaciais com sentido temporal. W. Meyer-Lübke (1900, p. 511 et seq.) já afirmava que, apesar de as expressões espaciais serem mais básicas e as de tempo figuradas com estreita ligação com as de espaço, as relações de tempo são mais simples e menos variadas que as de lugar. Distingue-se a indicação de tempo absoluto daquele de indicação relativa, devendo-se considerar no primeiro caso o momento e a duração, enquanto que, no segundo, a distinção é entre o que precede e o que segue, e se assinala que não há outra categoria possível. No caso

da expressão da simultaneidade, que estava incluída na relação de tempo relativo, as línguas românicas não possuem um meio especial para expressar essa nuance de sentido, recorrendo à construção que marca a duração.

Conforme S. Svorou (1993, p. 2–3), em sua pesquisa com respaldo nessa teoria, a base da língua humana é o sistema de crença juntamente com a neurofisiologia, que estão no nível psicológico. Desse modo, o processo de aquisição de conhecimento é possível através da exposição recorrente para situações com objetos físicos, seres humanos e suas interações físicas e/ou lingüísticas.

Ainda segundo Svorou (1993, p. 238), as línguas se assemelham no modo como codificam relações espaciais e a motivação para as semelhanças encontra-se na forma com que os seres humanos experimentam o mundo, o que depende da sua configuração física e do seu aparato neuro-fisiológico, assim como das culturas em que eles estão inseridos.

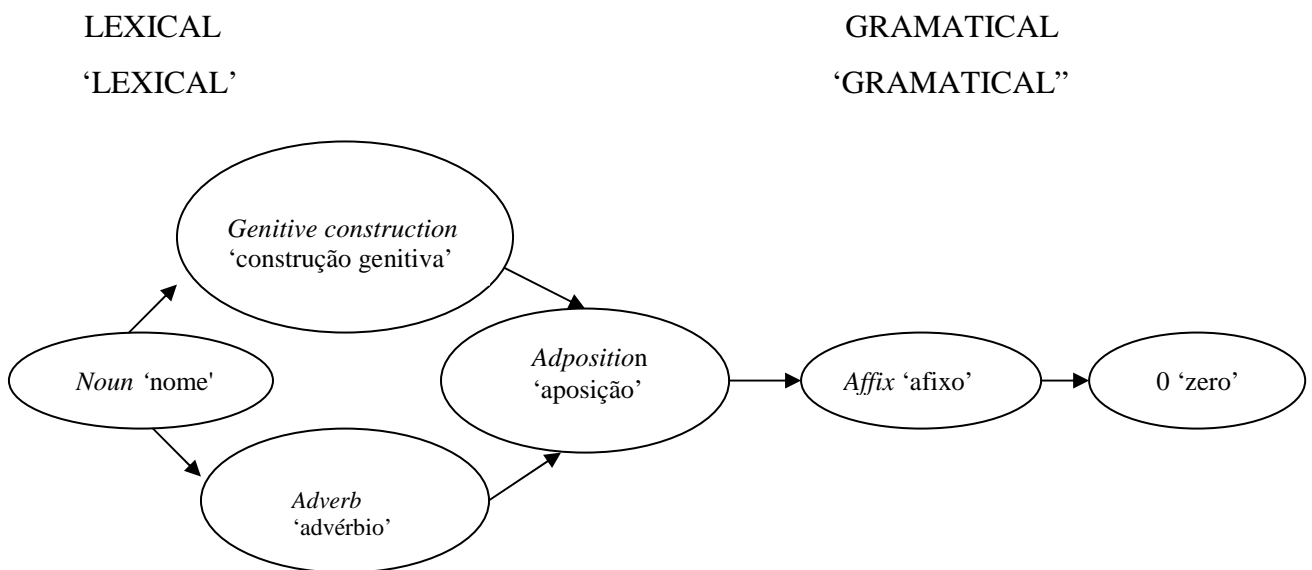
Alguns autores, especialmente os localistas, admitem que os conceitos temporais provêm apenas do ESPAÇO. Porém é questionável que a categoria gramatical de TEMPO tenha apenas essa única fonte. Verbos modais, por exemplo, que não envolvem ESPAÇO, servem de fonte para marcadores de futuro. Ex: *Posso fazer*.

Outras fontes para a gramaticalização de construções locativas são a ‘posse’ ou a ATIVIDADE.

Poggio (1999; 2002) aplica a teoria localista às preposições. Ela afirma que é bem adequado o uso de termos espaciais, como as preposições, para expressarem o tempo, uma vez que esse é, metaforicamente, conceptualizado em termos de espaço. Há uma tendência a conceptualizar o menos claramente delineado em termos do mais claramente delineado e os conceitos básicos da experiência espacial não são metafóricos.

Consoante S. Svorou (1993, p. 31), as formas gramaticais da língua que expressam primariamente relações espaciais são consideradas *spatial grams*. Em 1986, J. Bybee (apud SVOROU, 1993, p. 216) usou o termo *gram* pela primeira vez, referindo-se a morfemas gramaticais de línguas. Sua forma abreviada reflete iconicamente o tamanho fonológico pequeno desses morfemas, além de representar que são elementos que passaram por uma evolução de unidades maiores. Portanto, as línguas podem usar um número menor desses elementos e por não ser um grupo em que novos membros cada vez mais surgem da derivação de outros elementos, então se tornam uma classe fechada, sendo elementos gramaticais em um maior ou menor grau. Esses elementos (aposições, afixos, flexões de casos e também advérbios espaciais) que se caracterizam pelo seu “conteúdo relacional” formam uma parte da gramática das línguas naturais.

Referindo-se ao conteúdo semântico dos *grams* espaciais, S. Svorou (1993, p. 32) enfatiza que esse conteúdo é estruturado pela relação entre as convenções morfossintáticas e fonológicas de uma língua particular e a experiência humana de arranjos espaciais de entidades. Além disso, essa lingüista propõe um *continuum* de evolução morfossintática de *grams* espaciais, conforme abaixo (SVOROU, 1993, p. 101):



Quadro 09 – *Continuum* de evolução morfossintática de *grams* espaciais.

As abordagens contrárias à visão objetivista do significado de *grams* espaciais demonstraram a polissemia de tais formas, mostrando a estrutura na relação entre sentidos, motivada por mecanismos gerais cognitivos e crenças culturais, além do esquema de imagens do protótipo (núcleo – periferia), para descrever os casos de polissemia.

B. Heine, U. Claudi e F. Hünemeyer (1991, p. 188) propõem, como uma explicação provável para o fato de as formas espaciais serem consideradas como fontes primárias para as funções de caso, o seguinte: uma das funções de marcador de caso é estruturar textos no nível da sentença, então, a estratégia mais evidente para esse procedimento é tratar os textos como um espaço unidimensional e, por conseguinte, conceptualizar as relações de caso em termos de relações espaciais.

6 PRESSUPOSTOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA

A Sociolingüística tem sido objeto de investigação nos últimos tempos, com reflexos não somente nas descrições das línguas enquanto sistemas, como também nas decisões políticas e educacionais determinadas pelos inúmeros questionamentos que a diversidade lingüística vem provocando no mundo hodierno.

Segundo Romaine (1994 apud MONTEIRO, 2002), o termo *sociolingüística* foi criado em 1950, para referir-se às perspectivas conjuntas que os lingüistas e sociólogos mantinham diante das questões sobre as influências da linguagem na sociedade e, sobretudo, em torno do contexto social da diversidade lingüística. Também Bright (1966) tentou especificar o conteúdo e o alcance da Sociolingüística, acreditando que o objeto dessa disciplina seria a diversidade lingüística, em seu sentido mais amplo.

Por conseguinte, a própria extensão e imprecisão desse conceito impede de se demarcar o que deve ou não fazer parte do propósito a que se destina a Sociolingüística.

A princípio, houve uma indecisão na escolha do termo, devido à existência da expressão *Sociologia da Linguagem*, que, de pronto, traduziria alguma coisa similar ao que se propunha para o vocábulo *sociolingüística*.

Na ótica de Labov (1972), a designação não deixa de constituir uma redundância, uma vez que não se concebe uma Lingüística que não seja social. E, assim, não seria necessária uma nova disciplina, mas apenas a Lingüística teria recuperado o seu verdadeiro enfoque.

Labov, na década de 60, por meio de sua pesquisa sobre o inglês falado na ilha *Marth's Vineyard*, no Estado de Massachussets, nos Estados Unidos, demonstrou a possibilidade de a variação lingüística ser objeto de sistematização.

Ainda Labov (1983, [1972], p. 23) afirma ter relutado, por muito tempo, ao emprego do termo *sociolingüística*, pelo fato de não considerar a existência de uma teoria ou prática lingüística independente do contexto social.

Sabe-se que a Sociolingüística, como toda área de conhecimento, é sistematizada através de diferentes modelos teóricos, encontrando-se, dentre esses, a abordagem da Teoria da Variação, apregoada por Labov.

O aspecto mais relevante do condicionamento social das línguas se relaciona aos fenômenos de variação e de mudança lingüística, que se constituem no interesse primordial dos trabalhos de Labov.

Observa-se que a própria fala (*parole*) dos indivíduos, se não tem o poder de interferir nos padrões sociais, pode ao contrário ser afetada por eles. Labov (1968) explica isso da seguinte maneira:

A variação no comportamento lingüístico em si mesma não exerce uma decisiva influência no desenvolvimento social nem afeta as oportunidades de vida do indivíduo. De modo oposto, a forma de comportamento lingüístico muda rapidamente quando muda a posição social do falante.

Observando-se as variedades lingüísticas, convém refletir em relação ao termo *língua*, o vocábulo *dialeto* guarda algumas conotações negativas. Diante disso, para evitar essas conotações, vários autores preferem substituí-lo pela expressão neutra *variedade lingüística*. Porém, ao tentar definir essa expressão, nem sempre os dialetólogos ou sociolingüistas se mostram satisfeitos.

Hudson (1984, p. 24), por exemplo, define variedade de linguagem como sendo “*a set of linguistic items with similar distribution*” (‘um conjunto de itens lingüísticos que apresentam uma distribuição similar’). Já Wardhaugh (1993, p. 22) critica essa definição, afirmando que, da forma como é redigida, permite-se inferir que o inglês, o francês, o inglês de Londres ou o dos comentários futebolísticos, além de outros falares são variedades, tendo em vista que se constituem de itens lingüísticos com similar distribuição.

Uma variedade pode, pois, ser muito maior do que uma língua ou menor do que um dialeto. Por fim, a expressão acaba sendo usada de forma até mais vaga e imprecisa do que o seu significado próprio.

O vernáculo, conforme Garmadi (1983), é definido, muitas vezes, como um sistema lingüístico relacionado a uma unidade geográfica relativamente diminuída: região, vale, aldeia etc. Também se usa esse termo como sinônimo de língua pátria, juntando-lhe a conotação de legitimidade. Nesse sentido, é que se pode dizer que uma referida construção é ou não vernácula.

No entanto, apesar desses vários sentidos, Labov (1972) normalmente se refere ao vernáculo como sendo o estilo em que não é dada importância ao controle do discurso e sim à fala mais espontânea possível.

Labov (1972) propõe outra definição para o vernáculo, como sendo: “a primeira forma de linguagem adquirida, plenamente absorvida e empregada apenas entre falantes de um mesmo grupo”. Observa-se, então, haver uma certa hesitação conceitual na teoria laboviana. Daí, Conein (1992) explicitar a dupla conceituação:

- a) uma definição interacionista, em que o termo é interpretado como um subsistema no interior de um sistema lingüístico (a língua padrão), que se manifesta sobretudo nos contextos onde a intensidade da interação social prevalece sobre a cognição individual;
- b) uma definição comunitária, em que vernáculo é um sistema lingüístico similar a um dialeto, e, portanto, identificado a uma comunidade de fala (vernáculo negro, branco, novaiorquino etc.)

Segundo Labov (1972), quando duas ou mais formas transmitem um conteúdo informativo, está-se diante de uma variável lingüística. As formas alternantes, que expressam a mesma coisa num mesmo contexto, são denominadas de *variantes lingüísticas*. Assim, por exemplo, não há qualquer diferença semântica se pronunciar a primeira pessoa do singular do indicativo presente dos verbos *dar*, *ser* ou *estar* com ou sem ditongo.

Consoante Labov (1972), para definir-se uma variável lingüística, é necessário:

- a) definir o número exato de variantes;
- b) estabelecer toda a multiplicidade de contextos em que ela aparece;
- c) elaborar um índice quantitativo que permita medir os valores das variáveis.

Os sociolingüistas, de um modo geral, entendem que, para estabelecer-se o conceito de variável lingüística, é necessário que as duas ou mais variantes tenham o mesmo significado referencial ou denotativo. Esse pressuposto de se dizer o mesmo de modos diferentes se aplica também a variáveis fonológicas. Ex: o /r/ de *elixir* pode ser pronunciado com maior ou menor força expiratória, pode até ser apagado, sem que o significado denotativo do vocábulo se modifique. No entanto, isso não se pode dizer com o significado expressivo ou o social: se o /r/ é pronunciado com bastante força, pode ser enfático e adquirir um símbolo de prestígio ou, em vez disso, pode ser estigmatizado se, por exemplo, for pronunciado à moda caipira.

Vale ressaltar que, para Labov (1972), somente se atribuem valores sociais às regras lingüísticas, quando existe variação. Isto porque os falantes não admitem o fato de que duas expressões distintas signifiquem exatamente a mesma coisa, havendo pois uma forte tendência a conferir-lhes significados diferentes.

Faz-se mister lembrar que nem toda variável lingüística merece ser objeto de investigação empírica. Há certas regras estabelecidas por Labov, que devem ser preenchidas, antes que o pesquisador inicie o seu trabalho, como se pode observar abaixo:

- a) é necessário que a variável seja freqüente, isto é, que ocorra de tal forma numa conversação espontânea que seu comportamento possa ser estabelecido a partir de contextos não estruturados e entrevistas breves.

b) a variável terá que ser estrutural, no sentido de que, quanto mais esteja o elemento integrado num sistema maior de unidades em funcionamento, maior será o interesse lingüístico.

c) a distribuição do traço deve estar altamente estratificada.

Uma variante em geral adquire prestígio, se for associada a um falante ou grupo social de *status* considerado superior. E, com isso, tal como se verifica na moda, pode passar a ser imitada por outras pessoas de classe inferior. Se o falante é um camponês ou mora numa favela, se é analfabeto ou de baixo nível de escolaridade, é evidente que sua maneira de falar não será a mesma que a das pessoas que se situam numa esfera superior. Em todos os níveis lingüísticos, se manifesta essa distância na fonologia, no léxico, na sintaxe.

É óbvio que, havendo duas ou mais formas de se transmitir uma dada informação, se configura um processo de mudança lingüística. Há assim uma espécie de conflito em que a forma mais antiga, cognominada de conservadora, pode terminar sendo substituída pela mais recente ou inovadora.

De uma maneira geral, quando se trata do dialeto padrão, a primeira é a que goza de maior prestígio na comunidade, e a inovadora, até ser aceita, sofre alguma restrição ou estigma.

De acordo com Labov (1972), em se tratando de mudança lingüística, faz-se mister admitir que os fenômenos de mudança, decorrentes de variação, podem ser objeto de estudo e observação, diferentemente do que pensavam outros lingüistas.

Muitas são as hipóteses apresentadas, porém, algumas são fantasiosas e outras bastante atraentes. De uma maneira geral, pode-se dizer que a falta de bases empíricas constitui um obstáculo sério para aceitá-las.

Ainda Labov (1972), a tarefa de esclarecer a mudança lingüística leva ao desmembramento em outras três, como sejam:

- a) a origem da mudança (em que se considera uma das inúmeras variações possíveis, cujo uso se circunscreve a um pequeno grupo de falantes);
- b) a propagação (em que um número mais amplo de falantes adota a variante, que, assim, começa a se consolidar em contraste com a antiga forma);
- c) a realização completa (em que se estabelece a regularidade por meio da eliminação das variáveis que estavam em competição com a forma vencedora).

Várias hipóteses a respeito de mudança lingüística tiveram um reflexo positivo, conforme abaixo:

a) A lei do menor esforço

O dinamarquês Jacob Homemann Bredsdorff, de acordo com Hjelmslev (1976), foi quem pela primeira vez, em 1821, questionou o problema da mudança lingüística. Ele chegou à conclusão de que a língua se modifica em função do princípio da comunidade, princípio que posteriormente foi revigorado pela chamada “lei do menor esforço”, segundo a qual as mudanças ocorrem no sentido de tornar a língua mais fácil.

No entanto, Labov (1972), numa atitude irônica diante do princípio do menor esforço, chega a considerá-lo “o gênio maligno culto por trás da destruição” e mostra exemplos de mudança fonética, como a descrita por Gauchat, em que se deu justamente o oposto. Ou seja, um aumento do esforço na articulação de fonemas e não uma diminuição.

b) A influência do substrato

Essa hipótese, apoiada, dentre outros, por Bröndal, afirma que, ao mudar de língua, um povo conservará os costumes de pronúncia da língua anterior. Quem acredita nessa teoria, pode se convencer de que a diferenciação da pronúncia do Brasil perante a de Portugal se deve à influência das línguas indígenas que eram faladas aqui.

Vale ressaltar, outrossim, que os estudos efetuados por Révah (1958-1959) revelam ser absolutamente impossível ou inútil a participação da língua tupi na explicação de traços da pronúncia brasileira, registrando-se nesta língua fatos que existiam no português europeu dos séculos XVI e XVII e variações fonéticas que costumam ainda ocorrer em toda a România. Não se pode negar a influência do tupi e de outras línguas indígenas no léxico, pois muitos são os topônimos que comprovam esse fato. No entanto, acredita-se que essa influência se estendeu à própria pronúncia das palavras portuguesas e já exige uma investigação mais apurada.

c) A herança genética

A hipótese da herança genética, associada à teoria do substrato, afirma que as gerações posteriores tendem a falar igualmente à pronúncia de seus predecessores antes da mudança.

Tomando como exemplo, ainda, o português do Brasil, se fosse verdade, sealaria de uma maneira diferente dos portugueses, tendo em vista a interferência étnica do elemento indígena. Admite-se, assim, não se dar muito crédito a essa hipótese.

d) A influência climática

Quem primeiro lançou a idéia de que o clima é influenciador de algum modo na mudança lingüística foi o Pe. Rousselot. Para Hjelmslev (1953), essa hipótese não parece tão absurda assim, pois as pesquisas efetuadas pelo etnólogo russo P. N. Savixkij mostraram que existe uma certa dependência entre as condições de natureza climática em determinadas regiões, bem como as condições culturais que se desenvolvem nessas zonas. Há um certo ceticismo quanto a isso, embora Sweet (apud LABOV, 1972) argumente que a passagem do /a/ para /o/ no indo-europeu mostra que os falantes em clima nórdico tentam não aspirar ar frio e úmido, abrindo pouco os lábios e as mandíbulas.

Seraine (1942, p. 16) lembra a pronúncia cantada, lenta e arrastada do Ceará, por conta do fenômeno natural das secas do Nordeste brasileiro.

e) Os condicionamentos culturais

Muitos entendem que as mudanças lingüísticas são determinadas por fatores históricos e socioculturais.

Acredita-se que essa hipótese seja muito vaga, dando margem aos seguintes questionamentos:

Que fatores históricos e culturais condicionam as mudanças não há dúvida; mas quais são esses fatores? De que modo agem? Em que níveis do sistema atuam?

f) A mudança de geração

Através dessa hipótese, as modificações deveriam iniciar-se na linguagem infantil. As crianças, na fase de aquisição da linguagem, consolidariam hábitos lingüísticos, algo distinto dos de seus pais ou familiares, porém, ao atingirem a adolescência e a idade adulta, conservariam alguns desses traços, que seriam normalmente espalhados em grupos maiores.

A respeito disso, Labov (1972) dá a seguinte explicação:

As primeiras experiências lingüísticas da criança, na fase dos dois a três anos de idade, se produzem principalmente pelo exemplo dos pais. Mas, a partir dos quatro até os treze anos aproximadamente, os padrões de fala passam a ser modelados pelo grupo de seus colegas de brincadeiras. Tudo leva a crer que neste período é quando sedimentam as formas automáticas de produção lingüística: como regra, quaisquer hábitos adquiridos depois desta fase são mantidos por controles auditivos e articulatórios.

g) A hipótese funcional

Adotada tanto para a variação sincrônica, quanto para a mudança diacrônica, essa hipótese preceitua o seguinte: toda alteração fonética é diretamente afetada pela necessidade de se conservar o significado das formas lingüísticas. Labov (1994) alerta para o fato de que, atualmente, essa hipótese tem sido bastante revitalizada.

h) A hipótese intralingüística

Hjelmslev (1976) explicita essa hipótese da seguinte maneira: “Não se pode pensar que o próprio sistema lingüístico exerce um papel nas modificações que se experimentam e tenha influência na direção que elas tomam?” E, a seguir, comenta:

Segundo a suposição corrente, o sistema em si é estável e conservador e são as tendências que vêm de fora as que nele produzem deslocamentos e rompem seu equilíbrio. Todavia, também se poderia imaginar que dado sistema lingüístico, com uma estrutura determinada, se encontra predisposto a certas modificações [...]. É possível pensar que tanto as modificações como as direções das mesmas se devem a um esforço na própria língua, a uma tensão do próprio sistema. Se isto for correto, a relação se inverteu; é o sistema o que se move; são as tendências que o freiam, e o fazem, naturalmente, com forças de ordem diversa, em distintos lugares e em tempos diferentes.

Acredita-se, entretanto, que essa opinião de que as causas das mudanças lingüísticas são internas ao próprio sistema, apoiada por Hjelmslev e vários outros lingüistas, desconhece o fato de que a língua é a expressão da sociedade e suas transformações representam o reflexo da evolução social. Fica difícil, pois, acatá-la, considerando os resultados das investigações sociolingüísticas que comprovaram a atuação dos fatores externos não só nos fenômenos de variação, mas também nos aspectos da mudança lingüística.

Essas especulações por que a mudança se processa de uma maneira e não de outra? Por que algo que parece estável de repente perde o equilíbrio? serão sempre interrogadas, e

pensar sempre que a mudança requer tempo também não procede, pois há casos em que o fenômeno acontece de forma brusca, o que levou Romaine (1988) a denominar de mudança catastrófica, ou seja, há um salto de um estágio para outro, como no processo de crioulização.

Várias áreas do conhecimento humano focalizam o mesmo objeto, a língua. Mas, apesar de terem em comum o mesmo conteúdo material, essas áreas se diferenciam entre si pela maneira como enxergam ou analisam a língua.

No caso da Sociolingüística, como o conceito se estendeu muito, deu margem à entrada de outras esferas de ação e, por isso, torna-se trabalhoso distingui-la de disciplinas afins, tais como a Sociologia da Linguagem, a Etnologia, a Dialetoлогия, entre outras.

Segundo os lingüistas, das disciplinas mencionadas, talvez a mais próxima da Sociolingüística, a ponto de algumas vezes os campos se entrecruzarem, é a Dialetoлогия. Os lingüistas entendem, de maneira tautológica, que a Dialetoлогия se interessa pelos dialetos, tarefa essa, que não deixa de ser ocupação da Sociolingüística, considerada assim como herdeira da Dialetoлогия.

Uma versão muito divulgada é a que, enquanto a Dialetoлогия se dedica à descrição dos falares, observando a diversidade regional ou diatópica, a Sociolingüística estuda as variações de ordem social ou diastrática. Ou melhor, uma realiza pesquisas de natureza horizontal, a outra de caráter vertical.

Empiricamente, entretanto, nenhuma dessas diferenças parecem funcionar, pois segundo Chambers e Trudgill (1993), observa-se que, apesar do título, os conteúdos da moderna Dialetoлогия se confundem de certa maneira com os da Sociolingüística.

Acredita-se, no entanto, que a distância entre as duas é mais de cunho metodológico, cabendo à Sociolingüística a análise das variações, mediante um tratamento estatístico, em que se procura mensurar o peso de cada grupo de fatores beneficiadores ou inibidores da aplicação de uma determinada regra variável.

Ante o exposto, vale comungar das palavras de Dorian (1994) que diz: “cada vez mais se aceita a idéia de que a heterogeneidade lingüística reflete a variabilidade social e as diferenças no uso das variantes lingüísticas correspondem às diversidades dos grupos sociais e à sensibilidade que eles mantêm em termos de uma ou mais normas de prestígio”.

7 METODOLOGIA

7.1 ETAPAS DA PESQUISA

As etapas que nortearam esta pesquisa foram:

- 1) levantamento bibliográfico, compreendendo uma análise minuciosa de algumas gramáticas latinas e históricas da língua portuguesa, observando o registro e o emprego dos advérbios em estudo .
- 2) Posteriormente fez-se um estudo das obras que tratam do processo de gramaticalização em seus diversos níveis e dos princípios que subjazem esse processo, chegando, finalmente, ao processo de discursivização dos itens analisados, observando-se alguns dos aspectos românicos.
- 3) Foram utilizados os livros primeiro e segundo dos *Diálogos de São Gregório*, Séc. XIV e os DIDS do Projeto *NURC* de 1970 e do Projeto *NURC* de 1990, Séc. XX.

7.2 CARACTERIZAÇÃO DOS *CORPORA*

Século XIV

Diálogos de São Gregório

A tradução de textos pragmáticos, tudo leva a crer, teve seu início no fim do século XIV ou princípio do século XV.

O texto “*Diálogos de São Gregório*” é pragmático, de caráter religioso, tendo sido escrito no século VI, em latim. Foi transferido para a língua portuguesa, havendo três versões, sendo, provavelmente, a mais antiga a do final do século XIV. Rosa Virgínia Mattos e Silva (1971), estudiosa do português arcaico e autora de uma edição crítica do texto dessa versão, admite que essa tradução possui características anteriores aos fins do século XIV.

Há informações sobre essa obra, através do estudo realizado pela professora acima citada, que se baseia no manuscrito adquirido por Serafim da Silva Neto.

Os quatro livros dos “*Diálogos de São Gregório*” foram escritos pelo Papa Gregório I, nos fins do século VI e inícios do século VII. Gregório é considerado figura de grande importância na organização da Igreja de Roma e da Europa Ocidental, no começo da Idade Média. Dentre os escritos de Gregório I, os quatro livros dos “*Diálogos de São Gregório*” foram dedicados à rainha lombarda Teodolinda. Esses livros tiveram muita repercussão na época, o que se atesta pelo fato de estarem presentes, em toda biblioteca daquela época, exemplares da obra.

Ademais, outro fato que demonstra a sua importância é a existência de um número significativo de traduções (MATTOS E SILVA, 1971, p. 3)

Os “*Diálogos de São Gregório*” constituem fonte histórica valiosa para se conhecer os valores da sociedade italiana do século VI, através da conversa do Papa com Pedro, sendo esse último o símbolo do crente comum na época. Além do mais, essa obra é de grande importância pelo fato de que nessa época ainda não tinha havido a normatização, sendo empregada uma linguagem próxima à língua falada. Como se pode notar, os “*Diálogos de São Gregório*”, sendo uma versão do século XIV, a língua do texto possuía grande influência do latim, o que representa, para o estudioso da diacronia, uma riqueza para a análise lingüística.

Convém salientar que, para esse trabalho, foram consultados os livros primeiro e segundo dos “*Diálogos de São Gregório*”.

Século XX

Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana
Culta no Brasil: SALVADOR
(PROJETO NURC/SALVADOR)
Década de 70 e PROJETO NURC/SSA – década de 90

Segundo Mota e Rollemberg (1994), em 1968 o professor Nelson Rossi (UFBA) encaminhou à Comissão de Lingüística Iberoamericana do PILEI (Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Idiomas) uma solicitação para estender ao Brasil a execução do Projeto de Estudio Coordinado de La Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica, do qual participavam países de língua espanhola, especificamente, as cidades de Bogotá, Buenos Aires, Caracas, Havana, Lima, Madrid, México, Puerto Rico e Santiago do Chile, uma vez que se evidenciam pontos comuns entre o espanhol nas Américas e o português no Brasil.

No Brasil, foram selecionadas cinco capitais, dentre as fundadas no século XVI – Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo ou no século XVIII – Porto Alegre.

Esse projeto foi coordenado, primeiramente, pelo seu proponente Prof. Nelson Rossi e recebeu a denominação do Projeto NURC, desde sua execução, em 1969, objetivando o estudo da fala culta.

O *corpus* para cada uma das cidades supracitadas encontra-se distribuído em três diferentes categorias, documentadas por gravações com duração prevista de quarenta minutos e a última, com gravações de uma hora e vinte minutos. No cômputo geral, em nível nacional, registra-se um total de 1870 inquéritos; desses, 241 são elocuições formais, 1.143 diálogos entre informante e documentador e 486 diálogos entre dois informantes. São 2.356 informantes de ambos os sexos, distribuídos em três faixas etárias: faixa 1 (25 a 35 anos); faixa 2 (36 a 55 anos) e faixa 3 (56 anos em diante).

Em obediência aos critérios previamente acordados entre os grupos de pesquisa, os informantes atendem aos seguintes requisitos: 1. Serem naturais de uma das cinco cidades escolhidas ou nelas terem residido desde os cinco anos de idade; 2. Terem passado, nessa cidade, três partes de sua vida e aí terem cursado o 1º e o 2º graus; 3. Possuírem um curso universitário completo; 4. Serem filhos de falantes nativos de língua portuguesa, de preferência, nascidos na cidade alvo da pesquisa.

Por decisão de caráter nacional, os pesquisadores das cinco cidades reuniram um conjunto formado por noventa inquéritos, dezoito de cada cidade, os quais constituem o denominado “*corpus compartilhado*” e contêm os três tipos de texto, com informantes dos dois sexos e das três faixas etárias.

O *corpus* do NURC/SSA foi constituído a partir de 1973 e compreende 360 inquéritos (461 informantes), num total de 307 horas e 20 minutos de gravação. Esses inquéritos estão subdivididos em: - 58 elocuições em situações formais; - 201 diálogos entre informante e documentado; - 101 diálogos entre dois informantes.

Em 1992, iniciou-se, no Rio, uma ampliação do *corpus*, com a inclusão de 08 entrevistas do tipo DID – recontato de quatro homens e quatro mulheres – que, na década de 70, pertenciam à primeira e segunda faixas, e mais 04 novos informantes, pertencentes à primeira faixa etária, perfazendo um total de 12 informantes. A partir de 1995, foram realizados recontatos com informantes pertencentes à terceira faixa etária, na década de 70, correspondentes a uma quarta faixa, na década de 90. Para complementar os novos *corpora*, constituiu-se uma nova amostra (informantes não entrevistados anteriormente), distribuída por três faixas etárias.

Em 1993, iniciou-se, em Salvador, o Projeto de Estudos da Variação em Tempo Real, funcionando como uma ampliação do *corpus de 70*. Essa etapa começou com os inquéritos do tipo DID, denominados (NOVOS), já que estava se constituindo numa etapa com novos informantes; logo em seguida, iniciou-se a etapa dos recontatos, isto é, voltou-se a entrevistar os mesmos informantes do período anterior (década de 70). Essa nova amostra já perfaz um total de 33 inquéritos, assim distribuídos: 19 são NURC/Novos e 14, Recontatos.

Para esta pesquisa, foram utilizados DIDs pertencentes ao PROJETO NURC/SSA, década de 70 e ao Projeto NURC/SSA, década de 90.

8 O ESTUDO DOS ITENS GRAMATICAIS “ENTÃO” E “ÁÍ”

Como se pode verificar, o item “ÁÍ”, apontado apenas como advérbio de lugar pelos gramáticos, no século XX, já apresenta mudanças semânticas significativas, o que serve para comprovar a teoria localista: da referência ao espaço, ele segue para a indicação de tempo, de qualidade, servindo depois como encadeador da narrativa e elemento discursivo.

Percebe-se, inicialmente, a força do elemento “ÁÍ”, quando usado para indicar o espaço concreto, elemento dêitico, que aponta para um lugar um pouco afastado de quem fala (1ª pessoa). Entretanto, à medida que se observam os diálogos, percebem-se outros usos de “ÁÍ”, na escala de abstratização indicada acima. Alguns lingüistas chamam atenção para o esvaziamento semântico que ocorre, enquanto outros assinalam não apenas a perda semântica, mas a aquisição de novas acepções dos itens gramaticais, observando que se trata de um processo de perdas e ganhos.

Convém lembrar, enfim, que todos esses processos interessam muito aos estudos funcionalistas.

Observando-se o item na forma arcaica *hi* nos *corpora*: *Diálogos de São Gregório*, primeiro e segundo livros – Século XIV, e o item *ÁÍ*, Projeto NURC/SSA (década de 70) e Projeto NURC/SSA (década de 90), século XX, foram encontradas as seguintes ocorrências, em diversas acepções indicadas a seguir:

Diálogos de São Gregório – livro primeiro – Séc. XIV

- **ESPAÇO – ADVÉRBIO DE LUGAR**

(1) E quando chegaron ao rio que primeiramente non poderon passar, tan agiha o passaron como se **hi** non ouvesse bocado d’água .(*DSG, I, I, 46*)

(3) Enton o homen de Deus entrou na vinha e colheo aqueles poucos d’azeos d’uvas que **hi** achou e trouve-os pera o lagar e mandou que se fossem todos ende, tirado ende huu. (*DSG, I, 17, 11*)

(9) [...] entraron os lombardos para destróir aquele moesteiro e os monges que **hi** moravan, fugiron pera o movimento de Santo Esquicio. (*DSG, 1, 9, 9*)

(23) Hun dia os frades, cujo abade este homen anto Martírio ora, fezeran huu pan se soborrvalho o non **hi** fizeram **hi** o sinal da cruz. (*DSG, 1, 30, 40*)

(4) Aqueste meniho pequeno mandou o bispo que entrasse no lagar e que pisasse aquelas poucas daquelas uvas que **hi** deitaron. (*DSG, 1, 17, 12*)

(2) Quando o abade Equicio **hi** non era presente (*DSG, 1, 5, 69*)

Diálogos de São Gregório – livro segundo – séc. XIV

- **ESPAÇO – ADVÉRBIO DE LUGAR**

(1) E quando veeron a huu logar que chamavan Fide, fezeron-no ficar consigo huus homens muito honestos e mui boos e muitos amigos de Deus e, pensando entanto en hua eigreja de San Pedro que **hi** avia. (*DSG, 2, 1, 29*).

(2) E á **hi** águas mui frias e mui fremosas e deceu duum monte muit'alto aaquela lagoa corren e parten-se per alguns logares. (*DSG, 2, 1, 38*).

(6) [...] e deitou-se en oraçon e orou mui perlongamente em cima duu penedo que **hi** estava. (*DSG, 2, 5, 3*).

(22) E aveo huu dia que huu monge que **hi** veo pera lhis preegar. (*DSG, 2, 19, 4*).

(23) E o santo padre lho outorgou e enviou **hi** os frades (*DSG, 2, 22, 4*).

(26) [...] veo a ver San Beento assi como soia a fazer ameudi pera falar com el das Escrituras Santas e dos bees da terra celestial de que ja alguma cousa gostaron como quer que ende o prazer comprido ouvessen, assi como ja na aquelas que **hi** son. (*DSG, 2, 35, 2*).

PROJETO NURC (década de 70) Séc. XX

- **ESPAÇO – ADVÉRBIO DE LUGAR**

(33) Por exemplo, só os dias de sábado é que eu tenho o hábito de. de jantar com Senhora no. **aí** pela orla marítima (PN, p. 126, l. 802).

(36) [...] mas, maioria das vezes deve dar certo, eu olho sempre pelo mar, porque **aí** eu vejo a quali... qual é o quadrante do vento. (PN, p. 131, l. 136).

(41) [...] Maracás, Santa Inês, Jaguaquara, **aí** a neblina é forte, não é tão grande no Estado do Rio. [...] (PN, p. 144, l. 676).

- **TEMPO**

(61) ...**aí** vem o pior ano, né? (risos) (PN, p. 172, l. 925).

(22) -- Onde entram animais vivos?

Hum, mas espera **aí**. A gente tem o... tem umas...uns jogos... que aquilo é jogo, no fundo é jogo inclusive se faz apostas etc. (PN, p.84, l. 532)

- **QUALIDADE – LUGAR ABSTRATO**

(9) Pra se aferir alguma medida, qualquer coisa, sempre são dois. Só **aí** já dá uma idéia de segurança [...] (PN, p. 40, l. 611).

(12) [...] tem um navegador, rádio-telegrafista, tem imediato, tem uma série de termos **aí** de marinha, que eu não entendo, muito bem [...] (PN, p. 43, l. 760).

(16) [...] nessa situação (rindo) **aí** que se quer a resposta a essa pergunta (PN, p. 53, l. 151).

Além dessas acepções, “AÍ” também aparece como ‘encadeador da narrativa, como ‘partícula expletiva’, como ‘reforço’, como ‘partícula discursiva’, todos exemplificados abaixo:

- **ENCADEADOR DA NARRATIVA**

(1) – Bom, **aí** volto então à lembrança antiga. O pessoal que trabalhava no trem:[...] (PN, p. 26, l. 56)

(7) Depois, então...**aí** passaram pra usar esses ônibus nacionais, já Mercedes Benz. Melhorou um pouco a linha de ônibus de [...] (PN, p. 32, l. 283)

(11) – Tem (rindo). **Aí**, o que é que aconteceria? (PN, p. 42, l. 696)

- **PARTÍCULA EXPLETIVA**

(3) [...] e você se lembra, assim, de outros tipos de trem, isso **aí** quanto...a depender do que conduzam ou do que conduziam? (PN, p. 26, l. 35)

(21) – Então, qua... pode falar **aí** dos jogos indistintamente (inint) (superp). (PN, p. 82, l. 443)

(6) – Bom, tem o ônibus, que realmente é...é esse desastre que a gente vê **aí** todo dia; [...] (PN, p. 31, l. 270)

- **REFORÇO**

(5) Eh...você quer pensar, assim, em seu automóvel, que você estacionou **aí** defronte, e descrever, [...] (PN, p. 27, l. 96)

- **PARTÍCULA DISCURSIVA**

(32) – quer dizer, a pessoa pode... **aí**, pronto, tem as lanchonetes, esses bares de [...] (PN, p. 126, l. 783).

(48) **Aí** depende muito do temperamento dele não é? (PN, p. 171, l. 864).

(59) – Bom **aí** é difícil eu lhe dizer, né, porque... (PN, p. 153, l. 128).

PROJETO NURC – (década de 90) séc. XX

TEMPO

(13) [...] Futebol, basquete, vôlei, sei lá, tênis e por **aí** vai um bocado de gente (PN, Inq. 19, l. 155).

(26) Tivemos uma época em Feira de Santana, também. Coisa de um ano aproximadamente. Retornamos a Salvador. E **aí** eu já era. (PN, Inq. 10, l. 22).

(30) [...] **aí** foi o último ano de admissão, dei azar. (PN, Inq. 10, l. 242).

- **LUGAR ABSTRATO**

(3) [...] tem tarefa tem estes panos todos **aí**, então tem... (PN, Inq. 18, l. 293).

(12) Você citou **aí** que procuraria um pintor pra pintar. (PN, Inq. 19, l. 155).

(17) [...] agora o pessoal dos Correios que recebe as cartas esses **aí** (PN, Inq. 19 l. 466).

- **MARCADOR CONVERSACIONAL OU ENCADEADOR DA NARRATIVA**

(2) INF. - Anéis, né, aliança, anéia de compromisso, anel de formatura, **ai** a depender muito, ter vários tipos de anéis. (PN, Inq. 18, l. 450).

(8) **Ai** elas colocam o cordão, colares compridos também pra ficar acessível à roupa. (PN, Inq. 18, l. 375).

(4) [...] e você gruda e puxa o fio quando é lã, quando é outro tipo de pano **ai** irrita realmente irrita. (PN, Inq. 18, l. 320)

Tradicionalmente caracterizado como advérbio de tempo pelos gramáticos, desde o século XIV, nos “*Diálogos de São Gregório*”, livros primeiro e segundo, o item **então** já é registrado com valor de conjunção conclusiva e mais evidente ainda como elemento do discurso.

Caso similar é observado no século XX, no *corpus* do Projeto NURC (década de 70) e Projeto NURC (década de 90, em que esse item já perdeu sua função original de advérbio de tempo, evidenciando sua atuação como conjunção conclusiva e elemento discursivizador.

Isso leva a acreditar que o vocábulo, em tela, caminha a passos largos para gramaticalizar-se como conjunção conclusiva e desde a Idade Média ocupa lugar de destaque como marcador conversacional.

Para caracterizar as ocorrências do “**então**” como advérbio de tempo, considerou-se o critério de Pezatti (2001), que diz que esse item, na maioria das vezes, deve ser sempre precedido da conjunção coordenativa aditiva **e**, para ser considerado como tal.

Para ilustrar, apresentam-se a seguir as diversas acepções do “*então*” ocorridas em: *Diálogos de São Gregório*, livros primeiro e segundo, séc XIV, Projeto NURC (década de 70) e NURC (década de 90) séc. XX.

Diálogos de São Gregório – Livro Primeiro – Séc. XIV

- **ADVÉRBIO DE TEMPO**

- (12) E **enton** aquel mesejeiro que avia nome Juãõ enviou huu seu homen, que era tan sobervioso que el non podia com el, que trouvesse tan toste a huu mandadeiro do papa que estava no moesteiro. (*DSG, 1, 8, 12*).

(21) E **enton** o hospede piadoso pois perdeu o filho por aquel que recebera, entendeu quem era aquel que em sa casa recebera e quem era aquele que o bispo da cidade deitara. (*DSG, 1, 25, 9*).

(15) E **enton** levantou-se huum vento como se vesse do ceo e empuxou a arca mui longe do muimento e todalas outras cousas que no logar siiam ficaron a salvo (*DSG, 1, 9, 5*).

- **CONJUNÇÃO CONCLUSIVA**

(1) - Pedro, meu amigo, destas cousas que ti conto, direi-ti os nomes dalguuns feitos de que eu falo acaeceron **enton** poderás entender a verdade de todas aquelas cousas que ti eu conto. (*DSG, 1, 1, 25*).

- **MARCADOR CONVERSACIONAL OU ENCADEADOR DA NARRATIVA**

(3) El tomou o meniho com sa maaõ e entrego-o as madre e acabou a carreira que começava. **Enton** disse o seu clérigo Don Pedro. (*DSG, 1, 3, 15*).

(18) E pois acabou sa oraçon saiu-se da eigreja e logo agiha a raposa tomou e pôs ant'ela galia que traga na boca e caeu logo em terra, morta. E Don Pedro seu clérigo disse **enton**: (*DSG, 1, 23, 8*).

(19) **Enton** os parentes ouveron conselho e confessaron a perfia em que estavam pois viron que huu sôo enmigo non puderan tirar de seu corpo. (*DSG, 1, 24, 23*).

Diálogos de São Gregório – Livro Segundo – Séc. XIV

- **ADVÉRBIO DE TEMPO**

(11) E disse **enton** San Bento ao abade daquel moesteiro que avia nome Pompeiam e a outro monge que avia nome Mauro que era muito amigo de Deus de que suso falamos. (DSG, 2, 4, 8).

(7) E **enton** cuidou nos bees que perdera quando começou a cuidar de si medes e e dizer...(DSG, 2, 3, 28).

(26) E **enton** era a claridade no ceo tan grande que non aparecia nen hua nuven no aar. (DSG, 2, 33, 14).

- **CONJUNÇÃO CONCLUSIVA**

(17) Na primeira vez non te pôde mover pera fazeres as voontade nen na segunda, mais na terceira venceu-te e feze-te quebrantar ta ordin ca aquelo desejava el pera te meter en pecado.

Enton o monge conheceu sa culpa e deitou-se as pees de seu abade com gram vergonha e com muitas lágrimas (DSG, 2, 13, 19).

(21) E o mandadeiro ouve vergonha daquelo que lhe disse o santo homen e quando chegou aaquel logar hu ascondera o barril, nembrou-se do que lhi dissera o santo homen e vertendo o viho do barril saiu ende logo hua gram serpente.

Enton o mandadeiro, que chamavan Eixilarado, pesou-lhi muito do mal e do escárnio que fizera ao homen santo de Deus per aquele que vira sair do barril que era cheio de viho. (DSG, 2, 18, 7)

- **MARCADOR CONVERSACIONAL OU ENCADEADOR DA NARRATIVA**

(5) **Enton** foi-se pera o logar do ermo em que el soia e que el muito amava e morou hi consigo ante os olhos daquel que todo vee. (*DSG, 2, 3, 19*).

(8) **Enton** diz o evangelho deste que tomando a se medês disso estas cousas que ora suso ditas son. (*DSG, 2, 3, 30*).

(9) **Enton** huu nobre homen que em Roma avia que avia nome Eucio deu-lhi huu seu filho que avia nome Mauro e foi depois mui santo homen (*DSG, 2, 3, 70*).

PROJETO NURC (década de 70) Séc. XX

- **ADVÉRBIO DE TEMPO**

(13) E, **então**, eu...pra mim, eles constituem, como se diz...como já disse antes, a alma do filme. Não sei bem se...se é essa a...o sentido da PA.da pergunta. (PN, p. 62, l. 528).

(27) E...**então**, fale, assim de tudo o que lhe ocorrer em relação a instrumentos musicais, se você toca ou se alguém toca, se tocam...(PN, p. 76, l. 193).

(157) [...] e **então**, aquilo fica visto e a gente não pode (PN, p. 244, l. 301).

- **CONJUNÇÃO CONCLUSIVA**

(185) Temos na...eh...Escola Eletromecânica... eh...com computadores eletrônicos, como telefonistas. **Então**, já várias áreas vão se abrindo. (PN, p. 280, l. 878).

(113) Antigamente não era requintado se oferecer batida; **então**, vinham aqueles vinhos e licores, até mesmo estrangeiros. (PN, p. 180, l. 112).

(12) [...] os atores não forem...não forem bons, **então** o filme também não será bom (PN, p. 62, l. 525).

- **MARCADOR CONVERSACIONAL OU ENCADEADOR DA NARRATIVA**

(2) [...] nem que deixe meu carro do lado de fora; eu já fiz isso diversas vezes, né? **Então** eu acho... eu acho muito difícil disciplinar, sabe? (PN, p. 122, l. 619).

(18) – Doc – Sim. Você se levanta de manhã (superp)

- Ah, (superp) sim! Gozado! É uma coisa que não me ocorre, eu estou dormindo sozinha, **então**, eu me levanto, praticamente não cumprimento logo ninguém. Depois disso, “Bom dia”. (PN, p. 71, l. 14).

(51) DOC – **Então** vamos começar a falar sobre a casa. Você teve experiência...começar logo assim...você teve experiência de construção de casa, quer dizer, construir a sua própria casa ou seus pais (inint) (PN, p. 87, l. 1).

Projeto NURC (década de 90) séc. XX

- **ADVÉRBIO DE TEMPO**

(37) Até **então** fui criado com meus avós (PN, Inq. 37, l. 32)

(36) Mas comum **então**, eh... Minha mãe então partiu para trabalhar, meu pai não, meu pai separou, meu pai foi fazer faculdade, minha mãe, eh...eh..que considero assim uma pessoa de um grande potencial, assim para estudo, parar de estudar. (PN. Inqu..37, l. 26).

- **CONJUNÇÃO ALTERNATIVA**

(11) As blusas. Eh, as blusas podem ser usadas com saia. São geralmente, as mais justinhas no corpo, eh, **ou então**, as blusas que não tenham muito detalhes porque ficam (...) (PN, Inq. 16, l. 389).

(14) [...] as muchilinhas têm duas alças, **ou então**, uma apenas. (PN. Inq. 16, l. 447).

(19) [...] ou cortá-los, botar curtinho, ficar com eles curtos, **ou então**, só tirar as pontas. (PN, Inq. 16, l. 515).

- **CONJUNÇÃO CONCLUSIVA**

(32) Hoje às vezes você compra sem a entrada, parcela em não sei quantas vezes, **então** isso encanta. (PN, Inq. 8, l. 359).

(35) De repente você recebe uma multa, como é que eu vou provar, né, que não estava naquele local, naquela hora? Mas a multa foi dada, eu vou ter que emplacar meu carro e tenho que pagar. Pra eu recorrer, como é que eu vou provar isso? **Então** é, isso é uma coisa que sempre ficou em interrogação porque não acredito muito na justiça, né? (PN, Inq. 10, l. 400).

(42) Hoje é uma reprodução do que está acontecendo na televisão, assim a nível de as pessoas mais adultas passam aquele é o valor que as crianças reconhecem.

DOC: **Então** está aí as amostras do tipo até da brincadeira, do tipo de investimento que as crianças...(PN, Inq. 37, l. 115).

- **MARCADOR CONVERSACIONAL OU ENCADEADOR DA NARRATIVA**

(12) Vamos falar, **então**? (risos) (PN, Inq. 16, l. 399).

(1) [...] **então**, para a parte inferior das pessoas, eu acho que sempre um tecido mais grosso e para vestir o corpo, as de tecido mais leve (PN, Inq. 6, l. 448).

(84) DOC: **Então** vamos lá para a escola. Você...você gosta...gostou da sua escola?
027; gostei. (PN. Inq. 6, l. 172).

(90) **Então** era dessa fase é a que mais me marcou, foi a que... (PN, Inq. 6, l. 214).

Observadas as formas “*AÍ*” e “*ENTÃO*”, nos “*Diálogos de São Gregório*”, livros primeiro e segundo, bem como em alguns inquéritos do Projeto NURC- década de 70 e Projeto NURC- década de 90, apresentam-se os resultados nos quadros abaixo:

Século XIV – “*Diálogos de São Gregório*”
Livros Primeiro e Segundo
“*AÍ*”

Classificação	Ocorrências
Advérbio de Lugar	41
Lugar Abstrato	03

Quadro 10 – Ocorrências do “*AÍ*” (Séc. XIV)

No quadro 10, verificam-se 41 ocorrências do elemento “*AÍ*” na condição de advérbio de lugar e 03 ocorrências como lugar abstrato, mostrando que, no século XIV, nos livros primeiro e segundo dos “*Diálogos de São Gregório*”, esse item mantém em destaque a sua função primitiva de advérbio de lugar.

Século XX – Projeto NURC/SSA – década de 70
 Projeto NURC/SSA – década de 90
 “AÍ”

Classificação	Ocorrências
Advérbio de Lugar	34
Tempo	31
Lugar Abstrato	42
Marcador Conversacional ou Encadeador de Narrativa	44
Partícula Expletiva	6
Reforço	1
Partícula Discursiva	19

Quadro 11 – Ocorrências do “AÍ” (Séc. XX)

O quadro 11 apresenta 34 ocorrências do elemento “AÍ” na função de advérbio de lugar, 31 ocorrências como tempo, 42 ocorrências como lugar abstrato, 44 ocorrências como marcador conversacional ou encadeador da narrativa, 06 ocorrências como partícula expletiva, 01 ocorrência como reforço e 19 ocorrências como partícula discursiva, evidenciando sua atuação como marcador conversacional ou encadeador da narrativa, no século XX, no *corpus* do Projeto NURC/ SSA, década de 70 e década de 90.

Esses dados mostram um distanciamento do elemento “AÍ” da função original de advérbio de lugar.

Século XIV-“*Diálogos de São Gregório*”
 Livros Primeiro e Segundo
 “Então”

Classificação	Ocorrências
Advérbio de Tempo	22
Conjunção Conclusiva	03
Marcador Conversacional ou Encadeador de Narrativa	27

Quadro 12 - Ocorrências do “Então” (Séc. XIV)

No quadro 12, vê-se a forma “**ENTÃO**” com 22 ocorrências na função de advérbio de tempo, 03 ocorrências como conjunção conclusiva e 27 ocorrências como marcador conversacional ou encadeador da narrativa, demonstrando, no século XIV, nos livros primeiro e segundo dos “Diálogos de São Gregório”, o seu desgaste, ao passar de sua função primitiva de advérbio de tempo, para elemento do discurso.

Século XX- **PROJETO NURC/SSA** – década de 70
PROJETO NURC/SSA- década de 90
 “*Então*”

Classificação	Ocorrências
Advérbio de Tempo	19
Conjunção Alternativa	21
Conjunção Conclusiva	65
Marcador Conversacional ou Encadeador de Narrativa	23

Quadro 13 – Ocorrências do “*Então*” (Séc. XX)

É notório, no quadro 13, o elemento “**ENTÃO**” com 19 ocorrências como advérbio de tempo, 21 ocorrências como conjunção alternativa, 65 ocorrências como conjunção conclusiva e 23 ocorrências como marcador conversacional ou encadeador da narrativa, apresentando, como se vê no século XX, no Projeto NURC/ SSA, década de 70 e década de 90, grande performance como conjunção conclusiva, o que o distancia cada vez mais de sua função primordial de advérbio de tempo.

GRÁFICOS

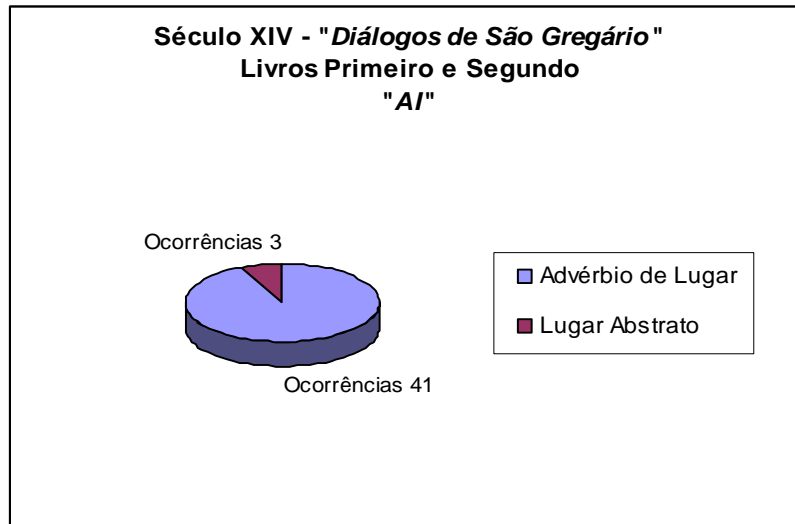


Gráfico 01: Ocorrências do "AÍ" (Séc. XIV)

O gráfico 01 ilustra as ocorrências do elemento "AÍ" como advérbio de lugar e lugar abstrato, no século XIV, livros primeiro e segundo dos "Diálogos de São Gregório".

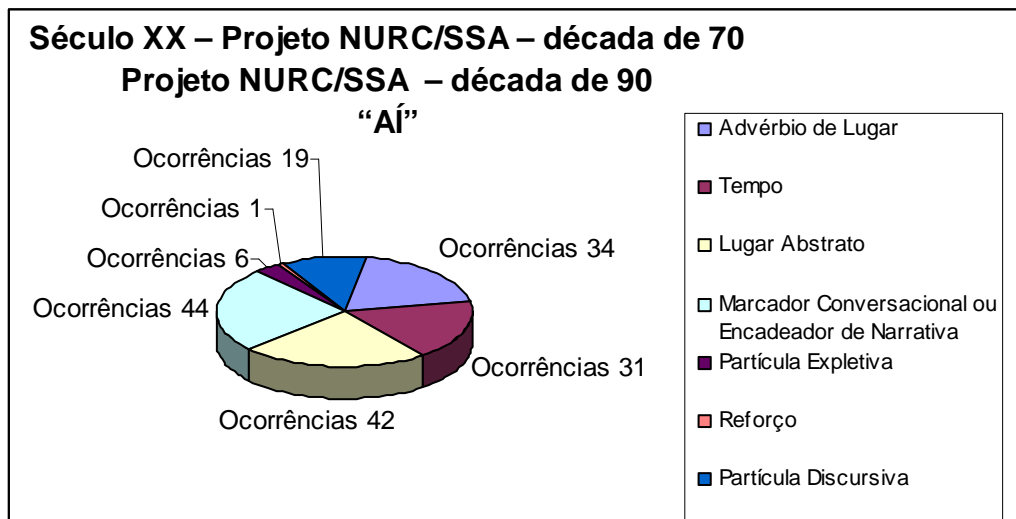


Gráfico 02: Ocorrências do "AÍ" (Séc. XX)

O gráfico 02 ilustra as ocorrências da forma "AÍ" como advérbio de lugar, tempo, lugar abstrato, marcador conversacional ou encadeador da narrativa, partícula expletiva e reforço, no século XX, Projeto NURC SSA, década de 70 e década de 90.

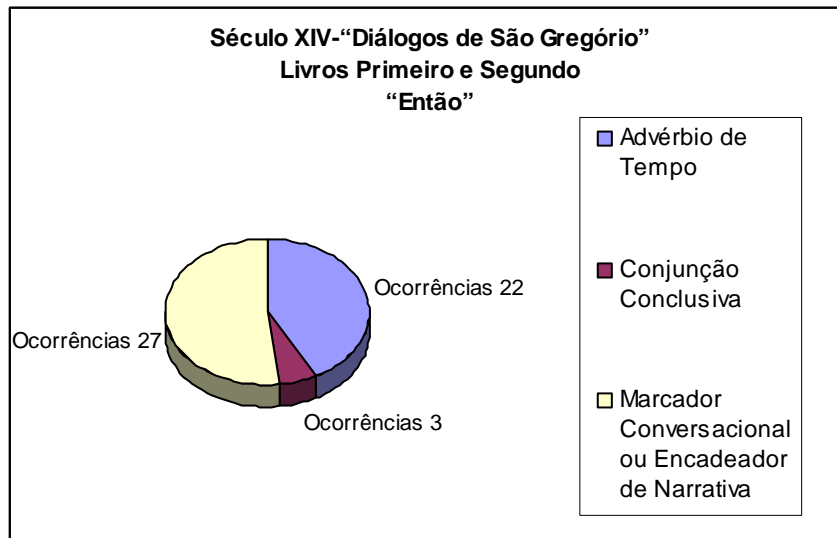


Gráfico 03: Ocorrências do “Então” (Séc. XIV)

O gráfico 03 ilustra as ocorrências do item “ENTÃO” como advérbio de tempo, conjunção conclusiva e marcador conversacional ou encadeador da narrativa, no século XIV, livros primeiro e segundo dos “*Diálogos de São Gregório*”.

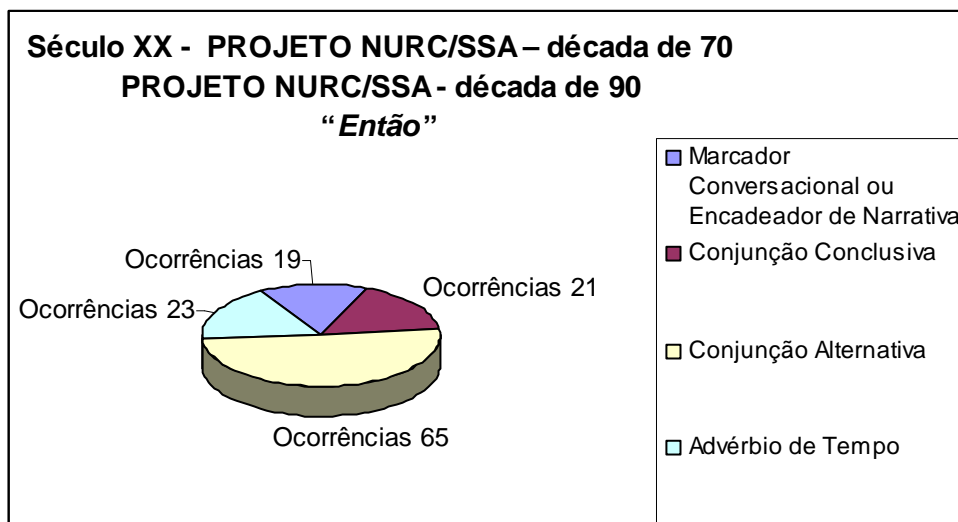


Gráfico 04: Ocorrências do “Então” (Séc. XX)

O gráfico 04 ilustra as ocorrências do elemento “ENTÃO” como marcador conversacional ou encadeador da narrativa, conjunção conclusiva, conjunção alternativa e advérbio de tempo, no século XX, Projeto NURC/ SSA, década de 70 e década de 90.

Verifica-se que, enquanto no português do século XIV, na obra “*Diálogos de São Gregório*”, livros primeiro e segundo, o item “**AÍ**” é muito usado como “advérbio de lugar” (41 ocorrências), registrando apenas 03 ocorrências na acepção ‘lugar abstrato’, (V. Quadro 10), no português do século XX (Projeto NURC/ SSA, década de 70 e década de 90), encontra-se, em maior número de vezes, o emprego desse elemento na acepção de ‘lugar abstrato’, e, ainda, maior número de vezes como “marcador conversacional” ou “encadeador da narrativa”, (V. Quadro 11).

Nesse caso, pode-se comprovar, através dos séculos, a mudança semântica que vem ocorrendo com a forma “**AÍ**”, que, num processo lento e gradual, vai estendendo seu emprego da acepção concreta, original de lugar, passa para o sentido temporal, depois, para a acepção abstrata de lugar, até atingir seu enfraquecimento máximo, ao tornar-se marcador conversacional ou encadeador da narrativa. Tal fato também vai comprovar a teoria semântica localista, que aponta o *continuum* de mudança semântica para os itens gramaticais: Espaço.>Tempo>Qualidade. Ex:

Espaço: [...] Maracás, Santa Inês, Jaguaquara, Itaquara, **aí** a neblina é forte, não é tão grande como no Estado do Rio. (PN, p. 144, l. 676).

Tempo: Tivemos uma época em Feira de Santana, também coisa de um ano aproximadamente. Retornamos a Salvador. E **aí** eu já era... (PN, Inq. 10. l. 022).

(Qualidade) Pra se aferir alguma medida, qualquer coisa, sempre são dois. Só **aí** já dá uma idéia de segurança, [...] (PN, p. 40, l. 611).

Já o item “**ENTÃO**” apresenta uma trajetória um pouco diferente, pois no português do século XIV, nos livros primeiro e segundo dos “*Diálogos de São Gregório*”, já se inicia na acepção temporal, sendo pouco empregado como conjunção conclusiva, mas muito usado como “marcador conversacional”. (V. Quadro 12).

No século XX, no Projeto NURC/ SSA, década de 70 e década de 90, continua a ser usado no sentido temporal, porém aumenta o emprego desse item como conjunção conclusiva, sendo acrescentado novo uso de “**ENTÃO**” na função de conjunção alternativa (21 ocorrências), assim como está documentado como “marcador conversacional” (23 ocorrências). (V. Quadro 23)

Esses aspectos estão ilustrados nos gráficos 1, 2, 3 e 4 seguintes.

As observações acima também comprovam a teoria semântica localista, quando o elemento “**ENTÃO**” vai do sentido temporal para acepções cada vez mais abstratas.

Ainda com referência à forma ‘**ENTÃO**’, pôde-se verificar que ela passa da categoria de advérbio para a categoria de conjunção, o que mostra não ser esse um elemento prototípico da classe do advérbio, mas um elemento marginal, uma vez que migra da sua categoria de origem (categoria mediana de advérbio) para a categoria mais abstrata de conjunção (categoria menor). Ex:

Temporal: E **então** da noite nós falamos especialmente em quê? (PN, p. 137, l. 380).

Conjunção conclusiva: [...] andava muito empenhado aqui na Universidade com vários programas, inclusive no interior do Estado, viajando. **Então**, eu era obrigado a faltar muito. (PN, p. 221, l. 195).

Conjunção alternativa: Eu sempre digo “como vai” **ou então** “que é que há?” (PN, p. 72, l. 30).

Como já foi observado, a forma “**ENTÃO**” passou a ser usada como elemento discursivo, como por exemplo:

Marcador conversacional ou encadeador da narrativa: [...] cheguei a estudar assim eh os diversos tipos de instrumentos, **então**, são coisas que, mesmo não pegando mais, fica alguma coisa. Então talvez por isso eu, hoje em dia, aprecie tanto o clássico. (PN, p. 76, l. 222-223).

Com relação à gramaticalização, como já se observou, ocorreu com os dois elementos “**AÍ**” e “**ENTÃO**” um processo de morfologização, com a junção de dois morfemas (AD + HIC) e (IN + TUNC) que passaram a se constituir nas formas “**AÍ**” e “**ENTÃO**”, respectivamente.

Vale ressaltar que, no decorrer dos séculos, a forma “**ENTÃO**” passou de um elemento gramatical para um elemento mais gramatical (Adv. > Conj.)

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todas as abordagens atinentes ao estudo de gramaticalização, os pesquisadores desta linha mostram quão importante é o processo de mudança lingüística, em especial, o processo de gramaticalização, que vem despertando cada vez mais interesse por parte de lingüistas tanto do exterior, quanto do Brasil, buscando aperfeiçoar essa linha de pesquisa, tornando mais interessante o seu estudo.

Vale ressaltar que há muitos temas discutidos na teoria lingüística funcionalista e, entre eles, foram mencionados: a gramaticalização, a teoria localista, entre outros.

Essas teorias foram objetos de estudo deste trabalho, de cunho panorâmico, que se centrou em textos representativos da língua portuguesa dos séculos XIV e XX.

A pesquisa foi pautada na gramaticalização dos vocábulos “*AÍ*” e “*ENTÃO*”, observando-se a sua trajetória desde o latim, passando depois para o século XIV com os “*Diálogos de São Gregório*”, livros primeiro e segundo, transportando para o século XX com o Projeto de estudo da Norma Lingüística urbana culta no Brasil: Salvador (**Projeto NURC/SSA, década de 70 e Projeto NURC/SSA, década de 90**).

Através desta pesquisa procedeu-se à análise de alguns inquéritos do Projeto NURC/SSA, década de 70 e do Projeto NURC/SSA, década de 90, dos tipos: Diálogo entre Informante e Documentador (DID), para depois se estabelecer uma comparação com os usos desses vocábulos em textos do português arcaico, a exemplo do livro “*Os Diálogos de São Gregório*” século XIV.

Após a análise efetuada, constatou-se o comportamento do “*Então*” e do “*Aí*” da seguinte forma:

Conforme pode ser observado, a maior incidência do elemento “*ENTÃO*” no século XIV, na obra acima mencionada, foi a de **advérbio de tempo**, sua função original. Quanto à ocorrência desse item, no século XX, nos inquéritos do **Projeto NURC/SSA, década de 70 e no Projeto NURC/SSA, década de 90**, estudados, a sua posição mais evidente foi a de **conjunção conclusiva**.

Quanto ao item “*hi*” (arcaico de *ai*), observou-se que, no século XIV, nos “*Diálogos de São Gregório*,” livros primeiro e segundo, a sua maior performance foi na condição de **advérbio de lugar**, e, no século XX, nos inquéritos analisados, o seu maior destaque foi como **marcador conversacional ou encadeador da narrativa**.

Diante do exposto, pode-se inferir que os vocábulos estudados não perderam de toda a sua função primitiva de advérbio, mas há uma enorme tendência de o “*ENTÃO*” gramaticalizar-se como **conjunção conclusiva** e também de ser um mero **marcador conversacional ou encadeador da narrativa**, pois desde o século XIV, na obra “*Diálogos de São Gregório*”, livros primeiro e segundo, já se comportava como tal.

Quanto ao elemento “*AÍ*”, no século XIV, nos “*Diálogos de São Gregório*” livros primeiro e segundo, a sua posição mais evidente foi a **de advérbio de lugar**, sua função primitiva, enquanto no século XX, nos inquéritos dos **NURC/SSA, década de 70 e o NURC/SSA, década de 90**, o seu destaque foi como **marcador conversacional ou encadeador da narrativa**.

10 REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, Hildebrando A.de. *Gramática ilustrada*. 5. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- BATTISTI, Carlo. *Dizionario etimológico italiano*. Firenze: G.Barbèra, 1975. v. 1.
- BAUMGARTNER, Emmanuèle; MENARD. *Dictionnaire etymologique et historique de la langue française*. Paris: La Phocoteque, 1986.
- BEAUGRAND, R. de. *Functionality and textualit*. Viena: Universitats Verlag, 1993.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.
- _____. Gramática funcional: natureza, funções e tarefas. In: NEVES, Maria Helena de Moura (Org). *Descrição do português II*. Publicação do curso de pós-graduação e língua portuguesa, Araraquara: UNESP, Campus Araraquara, ano v, n. 1, 1991, p. 87 – 90.
- BRIGHT, William. Introduction. The dimensions of Sociolinguistics. In: _____ (Ed). *Sociolinguistics*. proceedings of the UCLA sociolinguistics conference. The Hague: Mouton; 1966, p. 11- 15.
- _____. Introdução. As dimensões da sociolinguística In: FONSECA, M. Stella Vieira; NEVES, Moema F. *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 23 – 26.
- CÂMARA. JR, J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- CARONE, F. de. B. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 1988.
- CASTILHO, Ataliba T. de. A gramaticalização. *Estudos lingüísticos e literários*, Salvador, v. 19, p. 25-64, mar.1997.
- _____. ; CASTILHO, Célia M. M. (1992). Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. v. 2, p. 199-247.
- _____. Um ponto de vista funcional sobre a predicação. *ALFA*, São Paulo, n. 38, p. 75-95, 1994.
- _____. de. Os mostrativos no português falado. In: CASTILHO, Ataliba (Org). *Gramática do português falado*. 3. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002. v. 3, p. 119-148, 1993.
- _____. ; BASÍLIO, Margarida. (Org.). *Gramática do português falado*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2002. v. 4, p. 7-18.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cocha. *Gramática reflexiva: texto, semântica e interação*. São Paulo: Atual, 1999.

CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. *Dialectology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. *Gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 1998.

CONEIN, Bernard. Hétérogénéité sociale et hétérogénéité linguistique. In: GADET, Françoise (Org). *Hétérogénéité et variation: Labov, un bilan*. Languages, 1992, p. 108–113.

COROMINAS, J.; PASCUAL, A. *Diccionario crítico etimológico*. castelhano e hispânico, Madrid: Gredos, 1996.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. São Paulo: Scipione, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DANES, F. On Prague School Functionalism in Linguistics. In: DIRVEN FRIED, R. (Ed.). *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins, 1987. p. 3 - 38.

DAUZAT, Albert (Org). *Dictionnaire étymologique et historique du français*. Paris: Larousse, 1994.

DILLINGER, M. Forma e função na lingüística. *D.E.L.T.A*, v. 7, n. 1, p. 395-407, 1991.

DORIAN, Nancy C. Varieties of variation in a very small place: social homogeneity, prestige norms, and linguistic variation. In: *Language, Journal of the Linguistic Society of America*. Baltimore, v. 70, n.4, p. 631-696, 1994.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino português*. 3. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1962.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio eletrônico*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

FONSECA, M. Stella Vieira; NEVES, Moema F. *Sociolingüística*, Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FONSECA, Fernando V. Peixoto da. *Dictionnaire français portugais*. Paris: Larousse, 1952.

FRAGOSO, Luane da Costa Pinto. A gramática funcional e o processo de gramaticalização. *Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades*. v. 2. n. 6 jul-set 2003. Disponível em: <http://www.unigranrio.br/unidades.acad/ihm/graduacao/letras/revista/numero6/textoluane2>. Acesso em 12/07/2006

GARMADI, Juliette. *Introdução à sociolingüística*. Lisboa: Dom Quixote, 1983.

HALLIDAY, M. A. K. Language structure and language function: In: J. LYONS (Ed.). *New horizons in Linguistics*. Harmondsworth: Penguin, 1970. p.140-165.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/ London: The University of Chicago Press, 1991.

_____. et al. From cognition to grammar-evidence from african languages. In: TRAUGOTT, E; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*, v. 1, Amsterdam/ Filadelfia: John Benjamins, 1991. p.149-187.

HENRIQUES, Claudio César. A estrutura dos advérbios: uma visão sincrônica. In: AZEREDO, José Carlos de (Org.). *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 136-138.

HJELMSLEV, Louis. *Prolegomena to a theory of language*. Baltimore: Indiana University Publ., 1953.

_____. *Sistema lingüístico y cambio lingüístico*. Madrid: Gredos, 1976.

HOPPER, Paul J. On some principles in grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd (Ed). *Approaches to grammaticalization*. Philadelphia: John Benjamins, 1991, v.1. p. 17-35.

_____. ; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: CUP, 1993.

HUDSON, R. A. *Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

ILARI, Rodolfo. Temas em funcionalismo: da organização temática ao processamento cognitivo. *Boletim ABRALIN*, São Paulo, v.19, 1996.

_____. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Gramática do português falado*. A ordem. São Paulo: UNICAMP, 1989. v. 1.

IORDAN, Iorgu; MANOLIU, Maria. *Manual de lingüística românica*. Revisión, reelaboración parcial y notas por Manoel Alvar. Madrid: Gredos, 1972. t. 1.

KATO, M. A; CASTILHO A. T. de. Advérbios modalizadores: um novo predicador? *D.E.L.T.A.* v. 7, n.1 p. 409-24.1991.

KURI, A. da G. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1985.

LABOV, William. The reflection of social processes in linguistic structures. In: FISHMAN, Joshua (Ed.). *Readings in the Sociology of Language*. The Hague: Mouton, 1968. p. 240-251.

_____. William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pensilvania Press, 1972.

_____. William et al. *A quantitative study of sound change in progress*. Philadelphia: U.S. Regional Survey, 1972.

_____. William. On the use of the present to explain the past. In: HEILMAN, 2. ed. *Proceedings of the 11 the International Congress of Linguistics*, Bologna: Mulino, 1974, p. 825 – 852.

_____. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell, 1994. v. 1.

_____. Can reading failure be reversed? In: GADSDEN, N.; WAGNER, D. (Ed.). *Literacy Among African – American Youth: Issues in Learning, Teaching and Schooling* Cresskill, NJ; Hampton, 1995. p. 39–68, 582.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1980.

_____. ; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Trad. coordenada por Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LAUSBERG, Heinrich. *Lingüística románica*. Trad. de Marion Ehrhardt e Maria Luísa Schemann. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbekian, 1963.

LEECH, G. *Principles of pragmatics*. Londres/Nova York: Longman, 1983.

LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticakization: a programmatic sketch*. Arbeiten des Kölner Universalien-projekts, 1982. v. 1.

_____. Grammaticalization and related changes in contemporary german. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*, Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins, 1991. v. 2, p. 493-535.

LEITE, Marques Jordão Novaes. *Dicionário latino vernáculo*. Rio de Janeiro: Labor Vincit, 1943.

LICHTENBERK, F. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam/Filadelfia: John Benjamins, 1991. v. 1, p. 37-80.

MACAMBIRA, J. R. *A estrutura morfo-sintática do português*. Fortaleza: Imprensa Universitária da U. F.C. E , 1970.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Horizonte, 1967. v. 3.

MARTELLOTA, M. E. T. *O presente do indicativo no discurso: implicações semânticas e gramaticais*. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado, 1986.

_____. ; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

_____. Gramaticalização de então. In: _____. et al. *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 76 – 82.

MATEUS, Maria Helena Mira et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *A mais antiga versão portuguesa dos quatro livros dos "Diálogos de São Gregório"*. 1971. 4. v. Tese (Doutorado em Letras) Universidade de São Paulo, São Paulo.

MEILLET, Antoine. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Honoré Champion, 1948.

MEYER – LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes*. Traduction française par Auguste Doutrepoint et Georges Doutrepoint. Paris: H. Welter, 1900.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MOTA, J; ROLLEMBERG, V. (Org). *A linguagem falada culta na cidade de Salvador*: Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1994.

MOURA, Faraco. *Gramática*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2000.

NASCIMENTO, M. do. Teoria gramatical e mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A*, v. 6. n. 1, p. 83-98, 1990.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PERINI, Mário. *Gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.

PEZATTI, Erotilde Goreti. O advérbio então já se gramaticalizou como conjunção? *D.E.L.T.A*, v. 17, n. 1, p. 81-95, 2001.

POGGIO, Rosauta Maria G. F. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português: uma abordagem funcionalista*. Salvador: EDUFBA, 2002.

_____. *Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim*. 1999. 3 v, (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

PROJETO NURC. *Norma urbana culta*. S. D. Salvador. Documento original referente aos inquéritos do Projeto NURC realizados nas décadas de 70 e Projeto NURC da década de 90.

RANSON, Evelyn N. The grammaticalization of complementizers. In: AXMAKER, Shelley; JAISSER, Anne; SINGMASTER, Helen. *General session and parasession on grammaticalization*. Berkeley: Linguistics Society, 1988. p. 364-374.

REVAH, I. S. L'évolution de la prononciation en Portugal et au Brésil du XVI^e siècle à nos jours. *Anais (do) Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no teatro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional; MEC. 1958. p. 387-402.

_____. Comment et jusqu'à quel point les parlers brésiliens permettent-ils de reconstituer le système phonétique des parlers portugais dès XVI^e – XVII^e siècles. *Separata das Actas do III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*. Lisboa, 1959. p. 257 -259.

RISSO, M. S. O articulador discursivo “então”. In: CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M (Org.). *Gramática do português falado*. São Paulo: FAPESP/Campinas: Editora da Unicamp, 1996. v. 1.

ROMAINE, Suzanne. *Pidgin and creole language*. New York: Longman, 1988.

_____. *Language in society: an introduction to Sociolinguistics*. Oxford University Press, 1994.

_____. *Social-historical Linguistics: its statut and methodology*. Cambridge University Cambridge Press, 1982.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa gramática: teoria e prática*. São Paulo: Atual, 1994.

SAPIR, E. *Language*. Nova York: Harcourt Brace and World, 1921.

SAVIOLI, F. P. *Gramática em 44 lições*. São Paulo: Ática, 1985.

SERAINE, Florival. *Estudos cearenses: temas de linguagem*. Fortaleza: s/c.p., 1942.

SVOROU, Soteria. *The grammar of space*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 1993.

TAYLOR, John R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. New York/Oxford University Press, 1992.

TRAUGOTT, E. Meaning. Change in the development of grammatical Markers. *Language Science*, v. 2, 1980, p. 44 – 61.

VOTRE, Sebastião Josué; NARO, Anthony Julius. Mecanismos funcionais do uso da língua. In: MACEDO, Alzira Tavares; RONCARATI, Cláudia; MOLLICA, Maria Cecília (Org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 51-62.

_____.; _____. Mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A.* v. 7, n. 2, p. 169-184, 1998.

_____.; OLIVEIRA, Mariângela Rios de. Resenha: GIVON, T. (1995). Funcionalism and grammar. *DELTA*, v. 13, n. 2, p. 331-340, 1997.

WARDHAUGH, Ronald. *An introduction to Sociolinguistics*. 2. ed. Oxford/ Cambridge: Blackwell, 1993.

WERNER, H; KAPLAN, B. Symbol-formation: an organismic-developmental. *Approach to Language and the expression of thought*. Nova York/Londres/Sydney: Wiley and Sons, 1963.

WILLET, T. A cross-linguistic. Survey of the grammaticization of evidentiality. *Studies in Language*, v. 12, n. 1, p. 51-97, 1988.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português*. Trad. de Antônio Houaiss. 6. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

QUADROS

Quadro 01 – Traços gerais do conector “*ENTÃO*”

Quadro 02 – *Continuum* de fusão

Quadro 03 – *Continuum* de fusão

Quadro 04 – Trajetória do “*ENTÃO*” (do latim para o português)

Quadro 05 – Trajetória do “*ENTÃO*” (espanhol)

Quadro 06 – Critérios ou parâmetros para medir o grau de gramaticalização

Quadro 07 - Alguns exemplos de gramaticalização propostos pelos localistas

Quadro 08 – Hierarquia de espaço egodêitico

Quadro 09 – *Continuum* de evolução morfossintática de gram espaciais

Quadro 10 – Ocorrências do “*AÍ*” (Séc. XIV)

Quadro 11 – Ocorrências do “*AÍ*” (séc. XX)

Quadro 12 – Ocorrências do “*ENTÃO*” (Séc. XIV)

Quadro 13 – Ocorrências do “*ENTÃO*” (Séc. XX)

GRÁFICOS

Gráfico 01 – Ocorrências do “AÍ” (Séc. XIV)

Gráfico 02 – Ocorrências do “AÍ” (Séc. XX)

Gráfico 03 – Ocorrências do “ENTÃO” (Séc. XIV)

Gráfico 04 – Ocorrências do “ENTÃO” (Séc. XX)

O item “**ENTÃO**” PROJETO NURC – década de 70 (CLASSIFICAÇÃO)

1 ADVÉRBIO DE TEMPO

1) Normalmente eu carrego sempre na ida; na volta não, porque, às vezes a gente volta com a bagagem maior um pouquinho... (risos) (superp)

DOC – É (inint) (superp)

354 – precisa de ajuda

DOC – (inint) **Então**, vamos mudar para outro meio de transporte, assim, esse aí, muito familiar à gente: (PN, p. 27, l. 93)

13) E, **então**, eu...pra mim, eles constituem, como se diz...como já disse antes, a alma do filme. Não sei bem se...se é essa a...o sentido da pa...da pergunta. (PN, p. 62, l. 528)

74) DOC – Hum, hum. Está ótimo. Agora, sobre...à noite, não há sol...

164 – Não, de maneira alguma. Devia haver (risos)

DOC – E, **então** da noite nós falamos especialmente em quê? (PN, p. 137, l.380)

149) Geralmente são apresentados alguns candidatos, não é...(superp)

DOC – Hum, hum (superp)

360) pra orientar, e **então** há uma opção, uma escolha entre esses candidatos. (PN, p. 220, l. 160)

157) [...] ou compra um tecido, assim, muito up-to-date (rindo)

DOC – Hum.

203 – e **então**, aquilo fica visto e a gente não pode conservar aquela roupa. (PN, p. 244, l. 277)

181) [...] e, **então**, a gente nota aqueles que realmente são ignorantes e que não sabem o que o filho tem, acham que é preguiçoso, que não quer nada, etc. (PN, p. 277, l. 747)

4) O processo normal (superp) seria saltar, pegar a bagagem e ir ao balcão da companhia que a gente está viajando, entregar a bagagem, marcar a passagem e pagar a ficha de desembarque. Daí, **então**, aguardar a chamada pelo alto-falante. (PN, p. 42, l. 357)

27) E...**então**, fale, assim de tudo o que lhe ocorrer em relação a instrumentos musicais, se você toca ou se alguém toca, se tocam...(PN, p. 76, l. 193)

65) Né isso? **Então**, por exemplo, agora nós vamos abrir...(PN, p. 125, l. 745)

48) DOC – na área de serviço (superp) não é?

224 – na área de serviço, exato.

DOC – **Então** vamos passar pra essa área. (PN, p. 101, l. 576)

13) [...] para mim, eles constituem, como se diz...como Hum. Hum. E **então** eu...já disse antes a alma do filme. (PN, p. 62, l. 528)

157) [...] e **então**, aquilo fica visto e a gente não pode...(PN, p. 244, l. 301)

2 CONJUNÇÃO ALTERNATIVA

20) Eu sempre digo “como vai”? **ou então** “que é que hã”? (PN, p. 72, l. 30)

76) DOC – Quando não está esse calor todo, como é que as pessoas se queixam?

164 – “Hoje está frio, heim”?

DOC - Hum .

164 – **Ou, então**: “Que chuva chata”, (rindo) (PN, p. 142, l. 600)

79) **Ou, então**, podemos dizer que está ventilado, quando estamos com uma porta ou uma janela aberta, onde entra o vento. **Ou então**, está renovado, quando temos o ar refrigerado com a renovação aberta. (PN, p. 144, l. 667 e 669)

178) [...] problemas, assim, ou com os outros, **ou então** de ficarem muito marcadas... (PN, p. 276, l. 723)

3 CONJUNÇÃO CONCLUSIVA

48) DOC - Essas...esses aparelhos já vão ficar lá na área de se...

224 – Na área...(superp)

DOC – na área de serviço (superp) não é?

224 – na área de serviço, exato.

DOC – **Então**, vamos passar pra essa área. (PN, p. 101, l. 576)

3) Mas esse tipo de pneu eu não gosto de usar, porque eu viajo muito e no interior não tem...não tem quem conserte; porque precisa uma aparelhagem própria e no interior você não encontra. **Então**, prefiro não usar o pneu sem Câmara, prefiro usar sempre com câmara, que é mais fácil de ...de conserto. (PN, p. 30, l. 193)

8) [...] se é bem isso, mas existem as máquinas com várias classificações, de acordo com a...com o tamanho do filme, e também a... a capacidade luminosa da lente. **Então**, existem as máquinas de oito milímetros...(PN, p. 55, l. 265)

183) [...] tem conseguido um pequeno número, porque o... esse remanejamento para as classes regulares é de pouco tempo e agora se está começando a pré-profissionalização. **Então**, aqueles que não realmente eles não tenham condição de uma vida escolar regular, eles são deslocados para as oficinas pedagógicas. (PN, p. 278, l. 799)

185) Temos na...eh...Escola Eletromecânica... eh...com computadores eletrônicos, como telefonistas. **Então**, já várias áreas vão se abrindo. (PN, p. 280, l. 878)

113) Antigamente não era requintado se oferecer batida; **então**, vinham aqueles vinhos e licores, até mesmo estrangeiros. (PN, p. 180, l. 112)

116) [...] em Roma mesmo, já existem, assim, os mais variados tipos de pizza. **Então**, você já encontra pizza...(PN, p. 184, l. 312)

98) [...] a mãe diz que na escola não procura...não tem educação física, que a criança não pratica esporte. **Então**, diante disso...diante disso... (PN, p. 160, l. 414)

12) [...] os atores não forem...não forem bons, **então** o filme também não será bom. (PN, p. 62, l. 525)

100) É a sacolinha dela com a roupa e a merendeira, porque ela leva ainda uma muda de roupa dentro da sacola, pra trocar. **Então**, a criança, a depender das fases em que está estudando, tem material específico, na é... (PN, p. 163, l. 544)

83) Eu acho que é o mesmo ensino. Bom, as deficiências que tem agora, que os estudantes falam, nós também tínhamos naquela época e não bradaríamos tanto como eles bradam; é questão só de falar, de reclamar, não é? **Então**, nós tínhamos também. (PN, p. 151, l. 50)

24) Bom, há termos prefixados, que normalmente eu não tenho necessidade de usar e o único padre, assim, que eu falo, que tenho amizade e intimidade é, assim, muito liberal e de jeito nenhum nós o enxergamos como padre, **então**, o tratamento não difere dos demais. (PN, p. 74, l. 120)

23) [...] quer dizer, eu não tenho marido, **então** (rindo) devo ter dito a mesma coisa. (PN, p. 74, l. 111)

74)) O ocaso me dá uma tristeza horrorosa. **Então**, eu...geralmente, no ocaso eu procuro estar conversando com alguém...(PN, p. 135, l. 275)

59) [...] eu me revolto quando eu assisto, presencio, **então**, eu perco a calma e vou esvaziar pneu. (PN, p. 122, l. 616)

5) [...] com...nem com susto, nem com nada. Tem a...é um avião...porque...Primeiro, ele voa mais baixo, **então**, eu acho que a vista dele é muito mais bonita, porque voa e enxerga mais as coisas e dá para reconhecer lugares...(PN, p. 45, l. 839)

40) Bem, a casa podia ter sala, podia ter uns três quartos, um...um local para estudo, **então** seria um...um gabinete e cozinha, banheiro, essas outras dependências. (PN, p.89, l. 72)

4 MARCADOR CONVERSACIONAL OU ENCADEADOR DA NARRATIVA

2) [...] nem que deixe meu carro do lado de fora: eu já fiz isso diversas vezes, né? **então**, eu acho...eu acho muito difícil disciplinar, sabe? (PN, p122, l. 619)

15) **Então**, quando você quer variar, o que que vocês pode fazer? (PN, p. 64, l. 642)

18) [...] **então**, eu me levanto, praticamente não cumprimento logo ninguém (PN, p. 71, l. 14)

21) **Então**, uma pessoa de superior, de nível superior para um inferior, mas esse inferior seja mais velho...(PN, p. 72, l. 63)

81) **Então**, nós vamos conversar sobre ensino, né? Nós vamos começar assim...Como é que está...eh...estruturado o ensino, quais os níveis de ensino que nós temos aqui....eh...entre nós? (PN, p. 150, l. 1)

28) [...] Deixa eu ver mais. De todo... de tudo isso ficou, assim, uma certa experiência, quer dizer, conheci, cheguei a estudar, assim, eh...os diversos tipos de instrumentos, **então** são coisas que mesmo não pegando mais fica alguma coisa. (PN, p. 76, l. 222-223)

37) DOC – **Então** vamos começar a falar sobre a casa. Você teve experiência...começar logo assim...você teve experiência de construção de casa, quer dizer, construiu a sua própria casa ou seus pais (inint) (PN, p. 87, l. 1)

51) DOC – **Então**, nós já podemos começar a falar da cidade. 118
– Bom, no...em janeiro desse ano, eu estive como membro duma comissão de inquérito pra apurar umas irregularidades numa farmácia do IPASE, em Natal, Rio Grande do Norte. (PN, p. 107, l. 1)

156) Vamos, **então**, conversar um pouco sobre os trajes, não é, e vamos começar pelos dos homens. (PN, p. 237, l. 1)

158) [...] porque a minha roupa dura, eu não saio muito. **Então**, quando a gente faz uma roupa ou compra um tecido, assim, muito up-to-date (rindo) (PN, p. 243, l. 274)

O item “**ENTÃO**” PROJETO NURC - década de 90 (CLASSIFICAÇÃO)

1 ADVÉRBIO DE TEMPO

36) Mas comum então, eh...Minha mãe **então** partiu para trabalhar, meu pai não, meu pai separou, meu pai foi fazer faculdade, minha mãe, eh...eh...que considero assim uma pessoa de um grande potencial, assim para estudo, parar de estudar. (PN, Inq. 37, l. 026)

37) Até **então** fui criado com meus avós (PN, Inq. 37, l. 032)

43) [...] a estética de passear no shopping é uma coisa que realmente às vezes fascina, não é? **Então**, aí...aí eu volto aquela praça que perdeu a sua identidade, a praça, que a praça de você sentar e você sentar embaixo, sobre uma árvore, é você sentir a natureza presente. (PN, Inq. 37, l. 115)

79) Bem **então** para começar (N, Inq. 6, l. 008)

89) DOC: Você lembra das suas primeiras professoras?

027: Lembro. Todas elas.

DOC: É **então** você vai começar desse (inint) (risos) Alguma se repetiu? (PN, Inq. 6, l. 195)

92) DOC: É outra, você se lembra de outras? Para vê o que você gravou das outras. O que marcou.

027: Hum! Hum.

DOC: Se não lembrar deixe. **Então** vamos chegando mais pra perto. (PN, Inq. 6, l. 234)

3) **Então**, vou falar as de gola, de manga curta, eh (...) botões, bolso, a parte da frente e a parte de trás. (PN, Inq. 16, l. 119)

2 CONJUNÇÃO ALTERNATIVA

7) [...] aquele, aquele, eu não sei o nome, não sei se é jaquetão, mas é tipo um paletó, mais comprido, **ou então** um caso a jaqueta ou uma jaqueta que es quente, né, são muitos usados por cima da roupa. (PN, Inq. 16, l. 211)

8) [...] estou percebendo que meu pai usa pijama, né, pra dormir são os pijamas de manga, de calça, em forma de calça, mas sei que existe os pijamas de short, em forma de short, camiseta eh (...) **ou então**... (PN, Inq. 16, l. 277)

11)As blusas. Eh, as blusas podem ser usadas com saia. São geralmente, as mais justinhas no corpo, eh, **ou então**, as blusas que não tenham muito detalhes porque ficam (...) (PN, Inq. 16, l. 389)

13) Eh, tem os biquínis que são os mais curtinhos, que podem ser de lacinhos do lado pra prender com lacinho, os chamados curtininha, na parte de cima que são os que franzem, **ou então**, os que são parecidos bustiê. (PN, Inq. 16, l. 434)

14) [...] as muchilinhas têm duas alças, **ou então**, uma apenas. (PN, Inq. 16, l. 447)

16) Tem também ainda aqueles pentezinhos que a gente coloca no cabelo, **ou então**, aquelas, aquelas presilhinhas chamadas piranha. (PN, Inq. 16, l. 478)

17) Os penteados são geralmente assim : os penteados são usados com gel, com laquê para prender, mas são colocados por trás, **ou então** através de cachos. (PN, Inq. 16, l. 505)

18) É, ela pode dar uma escova, né, deixar o cabelo solto, o (inint) e a escova acaba alisando o cabelo, né, deixando só o cacheado nas pontas, **ou então**, ela pode deixá-los cacheados. (PN, Inq. 16, l. 514)

19) [...] ou cortá-los, botar curtinho, ficar com eles curtos, **ou então**, só tirar as pontas. (PN, Inq. 16, l. 515)

20) Ah ,no corpo todo é usado o sabonete, eh o (...) que tem nas diversas formas, hoje tem sabonete líquido, né, ou em pasta, **ou então**, aquele mais sólido. (PN, Inq. 16., l. 549)

21) DOC: Certo. E para protegê-los do frio?

INF: Os casacos. Os casacos de blusinhas de manga comprida, eh (...)

DOC: E os pés?

INF: Os pés, meias (Pausa)

DOC: Meias **ou então** esses macaquinhos, todo fechado. (PN, Inq. 16, l. 585)

22) É. O clima. Se o clima (es) ta ensolarado, se existe bastante sol, elas usam mais a camisetinha, shortinho, às vezes só ficam de fralda, **ou então**, as crianças maiores short e camiseta. (PN, Inq. 16, l. 591)

23) No tempo mais frio eles já se usam uma calça, um casaquinho, (superp) para esquentar, **ou então**, uma touquinha. (PN, Inq. 16, l. 594)

24)As máquinas de costura, **ou então**, mandar pro, pro tintureiro, assim, **ou então**, um tintol mesmo. (PN, Inq. 16, l. 610-611)

33) DOC – Mas eh...eh... quando eh...realmente, têm determinadas coisas, quando você vai comprar, eles pedem muito a indicação de uma pessoa que dê informações sobre você **ou então** que...eh...vamos dizer assim, te cubra, se você não pagar, que é o chamado fiador, né? E, mesmo assim há calotes. (PN, Inq. 8, l. 364)

10) As carteiras podem ser esborrachadas, **ou então**, de couro. (PN, Inq. 016, l. 315)

3 CONJUNÇÃO CONCLUSIVA

31) DOC – E por que (superp) tanto número de cheques sem fundos?
INF – Eu acredito que as pessoas se empolgaram, um pouco, pela facilidade, né, de parcelar uma compra. **Então** isso sem dúvida, encantou todo mundo. (PN, Inq. 10, l. 359)

32) Hoje às vezes você compra sem a entrada, parcela em não sei quantas vezes, **então** isso encanta. (PN, Inq. 8, l. 359)

34) Antigamente ninguém podia ter um automóvel, era muito difícil, né? Pra...tinha que ter uma luta danada, juntar um dinheiro, que...hoje, com essa facilidade de financiamento, de consórcio, todo mundo hoje tem um carro e você não vê um carro velho em Salvador, com tanta facilidade. **Então**, isso, sem dúvida piorou muito pro trânsito. ((PN, Inq. 8 l. 388)

35) De repente você recebe uma multa, como é que eu vou provar, né, que não estava naquele local, naquela hora? Mas a multa já foi dada, eu vou ter que emplacar meu carro e tenho que pagar. Pra eu recorrer, como é que eu vou provar isso? **Então** é, isso é uma coisa que sempre ficou em interrogação porque não acredito muito na justiça , né? (PN, Inq. 10, l. 400)

38) DOC: Vocês não viveram juntos

037: Porque nós não vivemos juntos

DOC: **Então** você vivia assim com muita criança em casa? (PN, Inq. 37, l. 46)

40) Olhe: O controle, como eu já disse, eu...eu era assim muito responsável, então assim as as regras estabelecidas eram são eram regras, eh...eh...do tipo você deve chegar às 10.00h 8.00 h, e eu chegava às 8.00 h, você deve chegar às 10.00 h e eu chegava à 10.00 h, então essas

coisas assim, essas... regras que eram estabelecidas eu procurava cumprir, **então** eu tinha essa responsabilidade. (PN, Inq. 37, l. 058-059)

41) [...] as leis estabelecidas, elas são...são...são do tipo autoritárias às crianças. Se não me der isso, aí chora e grita, e tal, **então** eu acho isso eu acho que deve de uma certa forma o fato da influência da própria televisão brasileira. (PN, Inq. 37, l. 94)

42) Hoje é uma reprodução do que está acontecendo na televisão, assim a nível de as pessoas mais adultas passam aquele é o valor que as crianças reconhecem. DOC:

Então está aí as amostras do tipo até da brincadeira, do tipo de investimento que as crianças...(PN, Inq. 37, l. 115)

44) Dessa...dessa área, desse centro, tende a se descobrir novos centros urbanos, vamos dizer aqui, por exemplo, aqui em Salvador há uma fuga para o Vilas do Atlântico, tal, para a Pituba, então esse centro que estava, que estão começando a se degradar com a ausência desses investimentos e a ausência do público que eh...que assim, complicado, **então** brutal. Então aí com essa degradação a uma proliferação nessas praças não é? para gente que outro tipo eh...de eh...de pessoas, não é? (PN, Inq. 37, l. 179 - 182)

45) Essas praças elas passam ser a...a...utilizada por um outro perfil, uma outra leva, não é? A gente tem o...é...os mendigos, tem os meninos de rua, e tem os...os vagabundos de uma forma geral, não é?

DOC: Os desocupados, **então**, isso aí, gera de uma certa forma esse público que passa a utilizar a praça, é um público diferente do que do...do público original. Ele não tem mais a preocupação, e nem a preocupação na manutenção dessas praças, não é? Então o que é que acontece, a gente passa a ter, eh...eh uma praça que começa a se degradar normalmente. (PN, Inq. 37, l. 188-190)

46) DOC: Porque se houver revitalização dessa população ali, vai haver muito movimento e perigo.

DOC: Sem dúvida

037: **Então** não caberia um outro tipo de intervenção ali senão a praça? É uma luta isso aí. (PN, Inq. 37, l. 190)

47) [...] eu tenho uma amiga que ela está fazendo Direito na Universidade Católica, eu tenho outro amigo, que eu já citei até no início do questionário, Carlos, que ele é analista de

sistema, então tem assim, eh...um grupo que saiu da escola pública que hoje está com uma formação eh...assim melhor do que se espera da escola pública. **Então** eu tive essa...**então** realmente eu tive assim, sorte de ter pego assim o ensino da escola pública de razoável qualidade, razoável qualidade, vou deixar assim bem claro.(PN, Inq. 37, l. 237)

48) 037: eu acho, que eh...eh um problema, assim de todos, não é? Existe problema do governo, a gente fala aqui, a gente sabe que o investimento do governo na construção e revitalização do espaço da escola, mas não há nenhum investimento na área humana, a gente sabe que os professores eles realmente das escolas públicas eles são destratados, **então**, a gente sabe que nesse investimento feito no professor, nem...nem só a nível salarial eles têm também mais a nível de reciclagem. (PN, Inq. 37, l. 269)

49) [...] a sociedade de uma forma geral ela está alheia ao que está acontecendo, está ficando de costa para esse problema e é um problema sério, não é? Porque você está...você está dividindo realmente assim é, duas...duas...classes efetivamente, pessoal que tem condições de ir para frente, que é o pessoal a nível de educação, e no futuro a nível de emprego também. DOC: **Então** você acha que o motivo. A razão desse problema não é nem na escola é em todo um contexto social mais amplo, não é? (PN, Inq. 37, l. 283)

50) 037: Com certeza. É um contexto social mais amplo, eu acho que a...a escola é assim no meio, não é? é o meio, se resolver esse problema, não é? mas esse problema é ainda mais bem complicado isso é uma coisa que deve...deve ser repensada, as pessoas têm o poder de intervir, tem que rever isso aí, não é? **Então**, aí sim, eu voltava...eu voltando falando da minha adolescência eu ainda pude pegar um pouquinho... (PN, Inq. 37, l. 316)

51) 037; Eu acho que lembro, eu acho que eu não tem...pessoa eu lembro, não sei se o nome ainda é esse, não é? Ainda estava pensando em voltar lá para ver se ela ainda está por lá, ter essa referência; porque realmente é uma coisa que lembra, assim, marca, passei não sei, dois três anos não é? tendo esse contato com essa pessoa, aí realmente marcou. DOC: **Então** na certa muito carinho que envolveu você. (PN, Inq., 37, l. 316)

52) [...] no mais, eu acho que a universidade ela... ela deixou muito a desejar pelo fato de que eu esperava que existisse assim atividades do estilo ao pensar, não é? o estilo ao pensar, o sujeito ao entrar na universidade tem que pensar, eu...eu estou tenho observado assim meus amigos mecanicista na universidade, não é? As coisas tem que fazer eh... mais ou menos por

esse caminho, **então** isso de uma certa forma contribui para o empobrecimento mesmo do aprendizado do aluno. (PN, Inq. 37, l. 389)

53) O Brasil em particular que...que...que é o país que eu conheço, não é? ele...ele as expectativas não são boas, **então** eu sei que ao formar eu não vou está assim no mar de rosas, muito pelo contrário, eu vou ter que ficar batalhando muito, não é? principalmente na minha área que é, eu pretendo me formar profissional liberal, não é? (PN, Inq.37, l. 395)

54) **Então** eu vou está tendo que trabalhar muito, buscar muito. Não é? para ter assim, um... um mínimo para a sobrevivência porque eu entendo que a situação de recessão que vem por aí é uma situação terrível, não é? (PN, Inq. 37, l. 398)

55) Porque eu já tive vontade de fazer engenharia, o mestrado em engenharia ambiental, eu já tive vontade de fazer um curso de especialização em Barcelona na Reenal, na cidade de Catalunia, e fora isso, as outras oportunidades, especialização em geo-processamento aqui mesmo ou então realmente dentrar realmente no mercado de trabalho eu sei que vai ser difícil fazer qualquer dessa especialização, **então** vamos ver quando eu me formar, como é que, como vão está as coisas. (PN, Inq. 37, l. 414)

56) DOC: A remuneração é muito pouca

037: É realmente a remuneração é baixa, então são mais é mais algum tempo de...de dificuldade e...e

DOC: de sofrimento.

037: É de sofrimento, não é? **Então** é isso aí. (PN, Inq. 37, l. 427)

57) E o policiamento já sumiu um pouco das ruas, né? O período agora depois da eleição, ocorreu o afastamento um pouco do policiamento das ruas. **Então**, a tendência, já que a gente tá com o nível de desemprego elevado, é a marginalização crescer. (PN, Inq, 8, l. 169)

58) Ah, isso ocorre em qualquer lugar, que salário de policial é muito baixo! **Então**, de repente, você leva uma vida inteira pra ganhar em um...em um dia!. PN, Inq. 8, l. 194)

59) **Então** isso, na verdade, quando a pessoa não está bem preparada, pra função que vai exercer, isso sem dúvida, é, ou seja, um deslumbre. Isso mexe um pouco com a pessoa né? Sem dúvida mexe. (PN, Inq. 8, l. 196)

60) DOC – Eh...Você costuma cozinhar?

INF – Costumo

DOC – **Então**, você compra mais...eh, suas compras, na parte de comida, de carne, essas coisas, em supermercado? Ou você...procura também...eh...açougues, essas coisas assim?

(PN, Inq, 8, l. 281)

61) Temos cozinheiro também no mercado. Temos até...que chama...hoje a gente chama muito, que é o famoso entregador de lanche, de pizza, que é o motoboy, né, que ta sempre entregando a comida, que é um serviço hoje maravilhoso: a gente não precisa se deslocar – até do local de trabalho onde está – a gente recebe...telefona e recebe a mercadoria que a gente deseja no local que a gente está. **Então**, isso, sem dúvida, facilita um pouco a vida da gente. (PN, Inq. 8, l. 317)

62) Muitos casos, as promoções, né, elas chegam porque o prazo de v...validade do produto já está se esgotando, então, eles precisam vender. **Então**- ainda saem ganhando. (PN, Inq. 8, l. 342)

63) **Então**, ah...muitos clientes não observam - eu mesma sou uma que nem sempre observa o prazo de validade – e às vezes a gente compra gato por lebre, né? (PN, Inq. 8, l 343)

64) Eu acredito que as pessoas se empolgaram , um pouco pela facilidade, né, de parcelar uma compra. **Então** isso sem dúvida, encantou todo mundo. (PN, Inq. 8, l. 354)

68) Ah! Sobre roupa de trabalho, você que trabalha na Petrobrás: as pessoas que trabalham interno nas...na parte de administração, né? **Então** os homens que trabalham interno, eles se vestem diferente daquelas pessoas que trabalham na plataforma? (PN, Inq. 7, l. 024)

69) INF – É. Tem os tipos de corte, né? Que às vezes a gente...que a gente chama mais alinhada, mas, o..com relação ao...ao que é mais alinhado, às vezes tem a ver com ela ta mais nova ou menos vista, né? Pelas outras pessoas. **Então** a...a roupa de sair é é como se fosse uma roupa menos...eh...menos vestida da pessoa, né? (PN, Inq. 7, l. 089)

70) INF – Dependendo da ocasião, também, até quem não tenha dificuldade de visão, procura o...o óculos escuro, principalmente quem tem astigmatismo – que às vezes não tem deficiência visual, mas a luz incomoda, né? **Então** precisa-se de um óculos de grau, de...ou... de óculos escuros, para...para os raios solares não incomodar, né? (PN, Inq. 7, l. 302)

71) DOC – a bolsa. Sim,, você disse que gosta muito de andar de camisa de manga, né?
Camisa enfim. **Então**, como é que você usa essa camisa? (PN, Inq. 7, l. 302)

72) DOC – Tem muita gente que...analisa a pessoa pelo modo de vestir, né?
INF – É

Então, eh...se você ta com uma roupa bonita e tal, você se...seria uma pessoa assim bem vestida. Então: “Aquela mora bem, aquela tem dinheiro” e tal. (PN, Inq. 7, l. 344)

73) INF – É (superp) Normalmente, até em empresa, você nota que elas procuram quando têm liberdade ou até alguma empresa com um estilo mais mais, menos conservador, ele dá até liberdade dos empregados com o...dos empregados escolher, das empregadas escolherem, como é no caso de uma colega minha que trabalha no Pólo eh...dela arranjar um modelo pra fazer um...um estilo uniforme, né? **Então** ela escolheu lá a seda, a saia, o comprimento da saia, então o uniforme de mulher é um uniforme mais apresentável também, mais bonito. (PN, Inq. 7, l. 384-385)

74) DOC – E...eh...quanto a estrago, né? Tem gente que não cuida muito da roupa **então** aparece mil e um estrago na roupa, né?

INF- Eh...aí depende da...(superp)

DOC – (inint) vai pra uma recepção...(superp) aparece um a mancha e tal...**Então**, quais são os estragos que podem acontecer com uma roupa? (PN, Inq. 7, l. 615 - 618)

79) DOC: De se sentir assim injustiçado em relação a algum irmão? Alguma coisa que alguém fez e no final você pagou por eles?

027: Não, não, não

DOC: **Então** vocês não foram traumatizados (PN, Inq. 6, l. 168)

82) Como era a escola, como você via? Você lembra? Naquela época? Como era a escola?
Como você via? Você lembra?

027 : Olha era...o colégio era de...de...de freira, não é? **Então** tinha um certo rigor, não é?
assim em relação a educação e tal. (PN, Inq. 6, l. 178)

83) [...] mas essa formação católica foi importante para mim. Meu desenvolvimento, minha casa também, mi...minha mãe é muito católica, meu pai não tem religião, minha mãe é muito católica, e isso, isso ajudou bastante. DOC:

Então a escolha do colégio, a definição foi mais para sua mãe? (PN, Inq. 6, l. 191)

86) **Então** você não tinha medo de...

027: foi a que me alfabetizou

DOC: você não tinha medo de ir para a escola?

027: Não (PN, Inq. 6, l. 216)

88) 027: É, exato. E no caso, no meu curso, não é? de veterinária, tem muita gente que...muitos professores que utilizam mais...a UFBA como cartão de...de...como...como é que se diz? Como uma forma de estar em evidência, entendeu? Professor da UFBA, professor determinado da UFBA.

DOC; Status

027: É, Status

DOC: Mas não tem dedicação eh...em relação ao trabalho.

027: Isso. Que é claro que tem muitos que têm, não é?

Mas não (inint) para mim lá na faculdade foi isso. Muitos não...não estão nem aí mesmo.

DOC: **Então** você atribui que o curso nesse aspecto não foi bom? (PN, Inq. 6, l. 295)

89) DOC: Você falou que tem um irmão já casado.

027: É.

DOC: Já tem filhos?

027: Já tem filho, é, tem um filho pequeno .

DOC: **Então** você já pode fazer alguma...estabelecer alguma comparação da relação com o filho, ele com o filho, e seus pais com você? (PN, Inq. 6, l. 351)

90) Existe mais uma abertura em relação a debater assuntos, eh...ligados a sexualidade, as drogas, porque a coisa está cada vez mais em evidência, não é? Cada vez mais forte. Vem vem em quantidade tal em relação a anteriormente, que é determinante, não é? cada vez invade a casa de todo mundo e que influencia mesmo de forma bastante significativa. **Então** nesses assuntos, acho que hoje tem uma aceitação melhor com as escolas. (PN, Inq. 6, l. 402)

91) [...] sempre fui de ler muito, sempre tive amigos, não é? isso facilita, você conversa com um, você conversa com outro. Sempre tive amizade tanto com homem, como mulher, não é? **Então** essa coisa, vai...(PN, Inq. 6, l. 423)

92)DOC:curioso?

027: Também. E eu sempre fui de ler muito, não é? Eu sempre fui de buscar muita informação. **Então** não tive tanta cobrança, claro que sempre que...quando vem a orientação é bem melhor. (PN, Inq. 6, l. 428)

93) Eu acho que vai ter que, vai depender muito do desenvolvimento da criança, vai depender de...das atividades que ela faz, não é? **Então**, não...acho isso meio complicado essa coisa de...esse rigor (PN, Inq. 6, l. 438)

94) Eles nunca foram assim com a gente, eles sempre tentaram conscientizar a gente que a gente tinha que estudar, não é? que a gente não era é de uma família classe média e tal. **Então** sempre achava que essa é a arma que a gente ia ter no futuro, não é?(PN, Inq. 006, l. 446)

95) A importância do estudo, não é? Tinha que estudar, tinha que ter uma formação, para que no futuro a gente não passasse necessidades. **Então** eles sempre botaram isso para a gente, não é? (PN, Inq. 6, l. 448)

4 MARCADOR CONVERSACIONAL OU ENCADEADOR DA NARRATIVA

39) 037: Em casa, em parte, porque eh...eu tinha sempre uma constância da presença dos meus primos, não é? Eh...que moravam perto da casa dos meus avós, também **então** eu em parte ficava sozinho, mas também estava um com outro, não é? (PN, Inq. 37, l. 049)

96) [...] Eh...Que se faz pra guardar, pra conservar, um...por mais tempo, uma roupa? Você que é solteiro, **então** que...geralmente tem que ter cuidado maior, não tem quem cuide, então você mesmo tem que levar para cuidar. (PN, Inq. 7, l. 597)

78) Eu brigava muito com meu irmão, não é? que meu irmão era mais velho então ele gostava...principalmente quando ele foi para o Colégio Militar, **então** se achou o máximo, não é? **Então** eu gostava muito de dominar, não é? e ele nunca foi de se deixar ser dominado, então a gente brincava, brigava muito, assim. (PN, Inq. 6, l. 133-134)

1) [...] **então**, para a parte inferior das pessoas, eu acho que sempre um tecido mais grosso e para vestir o corpo, as de tecido mais leve. (PN, Inq. 6, l. 448)

29) **Então**, de repente, você leva uma vida inteira pra ganhar um dinheiro, que, ilegalmente, você vai ganhar em um dia! **Então** isso, na verdade, quando a pessoa não está bem preparada.(PN, Inq. 8, l. 195-196)

12) Vamos falar, **então**? (risos) (PN, Inq. 16, l. 399)

26) “Professor, lembra da estória de Chapeuzinho Vermelho?” lembro! **Então** como se escreve, **então**. (PN, Inq. 10, l. 537)

84) DOC: **Então** vamos lá para a escola. Você...você gosta...gostou da sua escola? 027 Gostei. Gostei) (PN, Inq. 6.1. 172)

(90) **Então** era dessa fase é a que mais me marcou, foi a que... (PN, Inq. 6, l. 214)

O item “ENTÃO” nos “Diálogos de São Gregório” – Livro Primeiro (CLASSIFICAÇÃO)

1 ADVÉRBIO DE TEMPO

5) E já podes entender, Pedro, quanto val a homildade pera fazer vertudes e miragres. E disse **enton** o seu clérigo don Pedro.(DSG, 1, 3, 26)

6) E o dia d’oonte prometi que hoje parecesse aut’o juiz e ora proponho diir a lá se me Deus quiser aderençar.

Enton o abade, metendo mentes na gram crueza e na gram dureza de seu coraçõ e na grande humildade e mansidoen do seu santo monge Libertino. (DSG, 1, 5, 14)

12) E **enton** aquel mesejeiro que avia nome Juiãõ enviou huu seu homen, que era tan sobervioso que el non podia com el, que o trouvesse tan toste a huu mandadeiro do papa que estava no moesteiro. (DSG, 1, 8, 12)

15) E **enton** levantou-se huum vento como se veesse do ceo e empuxou a arca mui longe do muimento e todalas outras cousas que no lugar siiam ficaron a salvo. (DSG, 1, 9, 5)

16) E assi mingou o fogo e non pôde mais dano fazer.

E disse **enton** San Gregório (*DSG*, 1, 12, 11)

17) E **enton** pola as boa vontade que ouve para compartir com os pobres. (*DSG*, 1, 17, 15)

20) E **enton** huu homen siia em as pousada com as molher e com seu filhezio pequeno e tiinha seu fogo ante si a que se acaontava com sa molher e com seu filho. (*DSG*, 1, 24, 6)

21) E **enton** o hospede piadoso pois perdeu o filho por aquel que recebera, entendeu quem era aquel que em sa casa recebera e quem era aquele que o bispo da cidade deitara. (*DSG*, 1, 25, 9)

2 CONJUNÇÃO CONCLUSIVA

1 – Pedro, meu amigo, destas cousas que ti conto, direi-ti os nomes dalguuns feitos de que eu falo acaeceron **enton** poderás entender a verdade de todas aquelas cousas que ti eu conto. (*DSG*, 1, 1, 25)

3 MARCADOR CONVERSACIONAL OU ENCADEADOR DA NARRATIVA

2) Ca sei eu por certo que em esta terra de Roma em que nós vivemos há boos homens, mais pero non fazen miragres nen vertudes nen huuas e, se as fazen, assi son caladas que as non sabemos nós.

Enton disse San Gregório (*DSG*, 1, 1, 28)

3) El tomou o meniho com as maaos e entrego-o as madre e acabou a carreira que começava.

Enton disse o seu clérigo don Pedro (*DSG*, 1, 3, 15)

4) Hu he ora o Deus de Elias?

Enton per virtude do profeta Elias, cujo fora o manto, partiron-se as águas e passou seu embargo. (*DSG*, 1, 3, 24)

7) [...] querendo tirar o pee empós si, empeçou-lhe o çapato em huu paao, da sebe e jouve assi, com a cabeça pera pondo, ala que veo o hortelan na hora em que soia a viir e acho-o jazer dependorado pelo pee duu paao que na sebe estava. **Enton** disse aa serpente: (*DSG*, 1, 5, 37)

8) Vai-te e des aqui adeante non venhas aqui a furtar, mais o que mester ouveres de manda-o a mim e eu ch'o darei. **Enton** disse o seu clérigo d'avangelho don Pedro: (*DSG*, 1, 5, 48)

9) **Enton** o bispo Castorio veo ao moesteiro e trouve consigo Basílio, monge encantador e rogou o abade don Equício que o recebesse por monge em seu moesteiro. (*DSG*, 1, 5, 60)

10) **Enton** receberam-no no moesteiro e a cabo de poucos dias Equício, o abade servo de Deus, saiu-se do moesteiro pera proegar. (*DSG*, 1, 5, 67)

11) **Enton** enviaron dizer ao servo de Deus Equício que aquela monja avia gram fever e que mandava dizer que lhi enviassem tantos te Basílio monge...(*DSG*, 1, 5, 70)

18) E pois acabou as oraçon saiu-se da eigreja e logo agiha a raposa tomou e pôs ant'ela galia que traga na boca e caeu logo em terra, morta .

E don Pedro seu clérigo disse **enton**: (*DSG*, 1, 23, 8)

19) **Enton** os parentes ouveron conselho e confessaron a perfia em que estavam pois viron que huu sôo enmigo non puderan tirar de seu corpo. (*DSG*, 1, 24, 23)

22) **Enton** o cavaleiro ofereceu ao santo homen aquel cavalo, que vira tan agiha de tan gram rávia e de tan gran braveza (*DSG*, 1, 27, 5)

23) **Enton** levaron-no aa pousada homens que hi estavam, em sas maaos. (*DSG*, 1, 28, 32)

O item “**ENTÃO**” Livro Segundo dos “**Diálogos de São Gregório**” (CLASSIFICAÇÃO)

1 ADVÉRBIO DE TEMPO

2) **Enton** o clérigo levantou-se e foi-se naquele dia de Pasqua con totalas cousas que guisara de comer para si mesmo pera a quel logar que lhi Nosso Senhor mostrara. (*DSG*, 2, 1, 50)

3) **Enton** bezeron Deus e comeron ensembra. E pois acabaron seu comer e falaron de Deus, veo-se o clérigo pera as eigreja. (*DSG*, 2, 1, 61)

7) E **enton** cuidou nos bees que perdera quando começou a cuidar de si medês e e dizer...(*DSG*, 2, 3, 28)

11) E disse **enton** San Bento ao abade daquel moesteiro que avia nome Pompeiam e a outro monge que avia nome Mauro que era muito amigo de Deus de que suso falamos. (*DSG*, 2, 4, 8)

14) E **enton** deitou San Beento o pan poçoento que lhi enviara ant'o corvo e mandou hi em nome de Jesus Cristo e disse-lhi. (*DSG*, 2, 8, 11)

15) **Enton** o corvo abrio a boca e estendeu as asas e começou a andar derredor do pan e braadava, como se dissesse abertamente que queria obedeeceer mais non podia comprir o'que lhi mandavam. (*DSG*, 2, 8, 13)

18) Este padre San Beento assi como eu entendo soube as puridades de Deus, ca entendeu que este clérigo seria mal treito pelo enmigo quando tomasse ordiis santas . E San Gregório disse **enton** . (*DSG*, 2, 16, 11)

19) Ca scrito he: “Quen se achega a Nosso Senhor huu spiritu he com el” E **enton** disse don Pedro, seu clérigo: (*DSG*, 2, 16, 14)

22) **Enton** apareceu a todos abertamente que nen hua cousa tan asconduda non podia seer que o santo homen de Deus non podesse saber.. (*DSG*, 2, 20, 10)

23) **Enton** o santo homen de Deus foi sanhudo contra a desobedeença do monge e mandou aos frades que tomassen a redoma de vidro em que siia aquel pouco d'azeite. (*DSG*, 2, 28, 7)

24) **Enton** fez chamar o monge desobediente ante todos os outros monges e trouve-o mal pela sobérvia que ouvera...(*DSG*, 2, 28, 10)

25) E o santo homen pois viu que o enmiigo tragia tan mal aquel monge, deu hua gram palmada ao monje e deitou logo o espiritu maa de seu corpo em guisa que nunca pois em el entrou.

E disse **enton** don Pedro, seu clérigo: (*DSG*, 2, 30, 10)

26) E **enton** era a claridade no ceo tan grande que non aparecia nen hua nuven no aar. (*DSG*, 2, 33, 14)

28) E chamou **enton** com grandes braados o abade don Servando que tiinha a cela preto Del assi como de suso dito he, para seer testemoiha daquelas maravilhas que el viia. (*DSG*, 2, 35, 8)

2 CONJUNÇÃO CONCLUSIVA

17 – Na primeira vez non te pôde mover pera fazeres sa voontade nen na segunda , mais na terceira venceu-te e feze-te quebrantar ta ordin ca aquilo desejava el pera te meter em pecado. **Enton** o monge conheceu sa culpa e deitou-se aos pees de seu abade com gram vergonha e com muitas lágrimas. (*DSG*, 2, 13, 19)

21) E o mandadeiro ouve vergonha daquelo que lhe disse o santo homen e quando chegou aaquel logar hu ascondera o barril, nembrou-se do que lhi dissera o santo homen e vertendo o viho do barril saiu ende logo hua gram serpente. **Enton** o mandadeiro, que chamavan Eixilarado, pesou-lhi muito do mal e do escárnio que fizera ao homen santo de Deus per aquele que vira sair do barril que era cheio de viho. (*DSG*, 2, 18, 7)

3 MARCADOR CONVERSACIONAL OU ENCADEADOR DA NARRATIVA

4) Ca taaes homens come estes depois que passam per cincoenta anos adeante devem seer prelados e aver curas das almas.

Enton disse don Pedro, seu clérigo. (*DSG*, 2, 2, 25)

5) **Enton** foi-se pera o logar do ermo em que el soia e que el muito amava e morou hi consigo ante os olhos daquel que todo vee. (*DSG*, 2, 3, 19)

8) **Enton** diz o evangelho deste que tornando a se medês disso estas cousas que ora suso ditas son. (*DSG*, 2, 3, 30)

9) **Enton** huu nobre homen que em Roma avia que avia nome Eucio deu-lhi huu seu filho que avia nome Mauro e foi depois mui santo homen. (*DSG*, 2, 3, 70)

10) E outro mui nobre homen de Roma que avia nome Térculo, que era huu daquestes per que se regia a cidade de Roma, deu-lhi huu seu filho que avia nome Praxido que foi depois boo monge e mui santo, mais **enton** era mui meniho. (*DSG*, 2, 4, 8)

12) **Enton** aquel santo monge Mauro mandou logo dizer a San Beento e o servo de Deus San Beento pois esto ouvio veo logo aaquela lagoa e tomou logo o mango da maa do frade noviço. (*DSG*, 2, 6, 7)

13) E San Gregório contou **enton...**Pela boa vida que este padre honrado San Beento fazia todolos aqueles logares que estavam derredor del crecian no amos de Deus. (*DSG*, 2, 8, 2)

16) Prougue **enton** ao santo homen que mandasse cavar na quel logar a terra que hi jazia. (*DSG*, 2, 10, 2)

20) Da profecia do destruimento do seu moesteiro

Enton San Gregório disse: (*DSG*, 2, 17, 2)

25) E o santo homen pois viu que o enmiigo tragia tan mal aquel monge, deu hua gram palmada ao monje e deitou logo o espiritu maa de seu corpo em guisa que nunca pois em el entrou.

E disse **enton** don Pedro, seu clérigo: (*DSG*, 2, 30, 10)

27) E non é maravilha se sa irmãã mais agiha gaanhou de Nosso Senhor o que cobiiçou ca seu irmão, ca se Deus he amor, assi como diz San Joane, dereito júizo de Deus foi que aquela podesse mais que mais amou.

Enton o seu clérigo don Pedro disse: (*DSG*, 2, 33, 30)

29) Como San Beento screveu a regra dos monjes

Enton disse San Gregório (*DSG*, 2, 36, 2)

30) **Enton** os seu discipolos assi os que eran presentes como os que estavam alongados dele souberon e foron certos da morte do santo homen. (*DSG*, 2, 37, 14)

31) E depois que se levantou aa manhã achou-se sãã e com todo seu siso entregamente todo tempo de sa vida.

Enton don Pedro, seu clérigo, disse: (*DSG*, 2, 38, 6)

32) E o seu clérigo don Pedro disse:

E San Gregório lhi disse **enton**: (*DSG*, 2, 38, 27)

O ITEM “AÍ” - PROJETO NURC -DÉCADA DE 70 (CLASSIFICAÇÃO)

1 ESPAÇO (ADVÉRBIO DE LUGAR)

(2) [...] e me lembro muito pouco, a não ser de que pegava o trem **aí** na Calçada e saltava no meio do caminho [...] (PN, p. 25, l. 13)

(19) DOC – Sim. Que nomes se dão, por exemplo, a...quando se pretende fazer uma...cena com uma grande quantidade de público? **Aí** se (inint) a quê? (superp) – Ah ... sim. (superp.) Esses **aí** são chamados de ... [...] aquele pessoal todo que entra apenas para compor, não é? (PN, p. 62, l. 551)

(27) [...] por isso que causa o congestionamento do... do tráfego, né, principalmente essa parte..., no Comércio e na parte da Rua Chile, São Pedro. É de difícil solução **aí**, o tráfego **aí**. (PN, p. 110, l. 151; 152)

(30) Então, por exemplo, agora nós vamos abrir... parece que para o ano inaugura **aí** o ... o centro, né, de ... (PN, p. 125, l. 746)

(33) Por exemplo, só os dias de sábado é que eu tenho o hábito de ... de jantar com minha senhora no ... **aí** pela orla marítima. (PN, p. 126, l. 802)

(36) [...] mas, maioria das vezes deve dar certo, eu olho sempre pelo mar, porque **aí** eu vejo a quali ... qual é o quadrante do vento [...] (PN, p. 131, l. 136)

(41) [...] Maracás, Santa Inês, Jaguaquara, Itaquara, **aí** a neblina é forte, não é tão grande como no Estado do Rio, [...] (PN, p. 144, l. 676)

(46) Então, ela vai cursar **aí** até o prontidão, que são cinco anos de colégio...

Doc. – Hum. (PN, p. 153, l. 115))

(56) – Silenciosa. Já a biblioteca **aí** do Hospital das Clínicas eu não acho uma biblioteca muito boa. (PN, p. 162, l. 499)

(64) Eles fazem apenas uma missa em ação de graça, um Te-Deum, e **aí** mesmo tem a colação de grau, [...] (PN, p. 173, l. 968)

(66) [...] não os trotes estúpidos como tem **aí**, mas o tipo de trote mesmo que eu tomei achei uma beleza. (PN, p. 176, l. 1055)

(74) [...] era uma área muito grande, toda ela ladrilhada, de maneira que **aí** nós brincávamos soltos. (PN, p. 199, l. 86)

(75) [...] é verdade que **aí** na parte ... na antiga ... da cidade [...] (PN, p. 201, l. 174)

(76) – O cruzamento de ruas entre si, como nós temos **aí** ... como nós temos aqui vários casos; [...] (PN, p. 202, l. 199)

(79) – **Aí** há um aparelho, um instrumento, que comumente eles usam: são os isoladores que tomam o nome específico de pára-raios, né ... (PN, p. 211, l. 570)

(80) – Bem, asso ... as associações que tem **aí** ... eu teria que pensar na ... pelo fato d'eu (rindo) exercer [...] (PN, p. 216, l. 9)

(81) – É um verdadeiro consórcio esse **daí** ... (superp.) (PN, p. 230, l. 594)

(86) A figura do pianista, a gente vendo assim por **aí** ... (PN, p. 252, l. 603)

(90) – Essa **aí** que a senhora aperta. (PN, p. 258, l. 867)

(91) – Dentro. Desculpe. **Aí**, isso **aí**. Isso! (PN, p. 258, l. 871; 871)

(93) – Certo. E essa parte que a senhora está pegando **aí** fora? (PN, p. 258, l. 882)

(96) – Então, há também aspectos sociais **aí**, que a gente também poderia considerar. (PN, p. 259, l. 24)

(99) – Não chegou a ver nada desse tipo, né? Bem, então vamos deixando **aí** o petróleo de lado e [...] (PN, p. 262, l. 146)

2 TEMPO

(10) [...] entregar a bagagem, marcar a passagem e pegar a ficha de embarque. **Daí**, então, aguardar a chamada pelo alto-falante e... (PN, p. 42, l. 686)
- Tem a tal da alfândega. (rindo) (superp.)

(13) Sim. E **daí** você... durante esse tempo, [...] você iria também a outros locais do navio? PN p. 44, l. 803)

(14) – Espera **aí** (superp.). Vamos ... vamos deixar um negócio bem claro: [...] (PN, p. 46, l. 860)

(22) – Hum, mas espera **aí**. A gente tem o... tem umas... uns jogos... que aquilo é jogo, no fundo é jogo, inclusive se faz apostas etc. [...] (PN, p. 84, l. 532)

(25) [...] forno, entendeu, forno, eh... eh... espere **aí**, na...na parte anterior, na parte da frente é vidro, [...] (PN, p. 102, l. 618)

(29) Em lojas comerciais, de artigos diversos [...] tem a ... a Mesbla; aliás, Salvador é pobre em... em lojas, assim, de... a não ser... espera **aí**, agora tem a Norma Avenida, uma loja de móveis que é muito luxuosa, [...] (PN, p. 124, l. 706)

(37) Isto talvez dado a esse tempo todo que nós temos vivido **aí** em esporte náutico e ter casa defronte, em Mar Grande, compreendeu? (PN, p. 131, l. 138)

(42) **Daí** deu o arco-iris, o que foi uma ... uma garantia a Noé de que a chuva iria passar. (PN, p. 146, l. 759)

(44) [...] nós vemos primeiro a luz do relâmpago e, **aí**, já ficamos esperando o trovão, [...] (PN, p. 148, l. 829)

(45) [...] fiz os três anos científicos no mesmo colégio e **daí** eu fiz o vestibular,[...] (PN, p. 151, l. 30)

(61) - ... **aí** vem o pior ano, né? (risos) (PN, p. 172, l. 925)

(62) Exato, **aí** é que vem a provação, né? (superp.) (PN, p. 172, l. 930)

(72) – O negócio é Brasil mesmo, viu? (rindo)

- **Aí** está decidido. (risos) (PN, p. 195, l. 764)

3 QUALIDADE: LUGAR ABSTRATO

(9) Pra se aferir alguma medida, qualquer coisa, sempre são dois. Só **aí** já dá uma idéia de segurança, [...] (PN, p. 40, l. 611)

(12) [...] tem um navegador, rádio-telegrafista, tem imediato, tem uma série de termos **aí** de... de marinha, que eu não entendo, muito bem, [...](PN, p. 43, l. 760)

(15) [...] pode ser documentários, podem ser cômicos, podem ser dramáticos; mas **aí** talvez já esteja envolvendo num... num... num... o amor pode ser dramático, [...](PN, p. 51, l. 85)

(16) [...] nessa situação (rindo) **aí** que se quer a resposta a essa pergunta. (PN, p. 53, l. 151)

(17) – Sim. Agora, ainda durante a preparação, há quase uma fase exatamente de utilização desse material todo, para **daí** sair o filme que vai ser distribuído comercialmente, por exemplo. (PN, p. 57, l. 321)

- (18) [...] Não, a censura é justamente pra julgar se o filme deve... Censores, **aí** seriam os censores. Os comentaristas. (PN, p. 60, l. 461)
- (28) Acho Que o mundo moderno, essa... essa facilidade de comunicação e dificuldade de vida que... essas crises que estão aparecendo **aí**, crise de petróleo... (PN, p. 122, l. 623)
- (39) Existem umas perguntas que estão incluídas **aí**: [...] (PN, p. 135, l. 283)
- (40) – E esses outros que você mencionou **aí** que eu não [inint.]. (PN, p. 143, l. 644)
- (43) – Bom, **aí** não é chu ... **aí** não é que vai chover, porque pode ser trovoada sem chuva. (PN, p. 147, l. 794; 794)
- (47) - ... **daí** ela sai pra ser alfabetizada. (PN, p. 153, l. 118)
- (49) [...] esses cursos **aí** que você se referiu tipo colegial visam a preparar pra universidade, né? (PN, p. 154, l. 162)
- (50) – Seria **aí** no caso as escolas técnicas, né? (PN, p. 154, l. 169)
- (51) – Agora, condições do hospital não ter pra oferecer ao estudante, isso **aí** precisava que o estudante também... (PN, p. 156, l. 235)
- (54) [...] muitas disciplinas em um departamento só. **Aí**, tem um chefe do departamento, né; (PN, p. 157, l. 315)
- (55) – E ... e, (superp.) na sua opinião, você **aí** mais como pediatra, [...](PN, p. 160, l. 420)
- (57) – Sim, mas **aí** é o curso de ginásio, primário com ... (superp.) (PN, p. 164, l. 585)

(58) – Mas ... eh ... de que outros métodos se pode lançar mão pra verificar essa aprendizagem do aluno, você falou **aí** dos relatórios, não é? (PN, p. 167, l. 724)

(60) – Bom isso **aí** é muito relativo, né? (PN, p. 172, l. 892)

(65) – E está encerrado **aí**, né? Terminamos, né, [...] (PN, p. 173, l. 971)

(69) – Vocês devem ter visto isso também muito **aí** em cinema, se é que não foram por lá ainda, [...] (PN, p. 188, l. 452)

(70) Orégano, por exemplo, é muito usado na pizza, alice, orégano [...] existem muitos ... muitos outros **aí**, [...] (PN, p. 190, l. 543)

(103) – Bem, então, eu acho que nós vamos deixando **aí** o comércio exterior [...] (PN, p. 265, l. 255)

(104) – Mas, ah ... Bem, então, o ... isso quanto à preparação **aí** pras eleições, não é? (PN, p. 271, l. 492)

(105) Sim. Agora, o... a senhora falou **aí** da campanha que os... políticos fazem, a propaganda... (superp.) PN p. 271, l. 511)

(106) [...] vamos entrar pra um aspecto mais de política social. **Aí** está mais... (rindo) (PN, p. 273, l. 572)

4 ENCADEADOR DA NARRATIVA

(1) - Certo. E em regiões mais frias, você é obrigada, às vezes, a usar ...

- ... cobertores, né [...]

- **Aí** você ... (superp.)

- ... você (superp.) normalmente usa ... eh ... alguma coisa, assim trabalhada com pêlo, ou com lã. (PN, p. 106, l. 795 – 804)

(4) – Bom, **aí** volto então à lembrança antiga. O ,pessoal que trabalhava no trem: [...] (PN, p. 26, l. 56)

(7) Depois, então ... **aí** passaram pra usar esses ônibus nacionais, já Mercedes Benz. Melhorou um pouco a linha de ônibus de, [...] (PN, p. 32, l. 283)

(11) – Tem (rindo). **Aí**, o que é que aconteceria? (PN, p.42, l. 696)

(24) O pega-ladrão foi simplesmente serrado, né? Agora independente disso... **aí**, a pro... a providência que eu tomei foi colocar daqueles ferrolhinhos antigos. [...] (PN, p. 97, l. 422)

(31) – Bom, (superp.) **aí** é interessante, ouviu, não tenha dúvida. [...] não centralizando, eu acho mais interessante. (PN, p. 125, l. 757)

(34) – Já está acabando. Só acabando **aí** ... num ... só fazendo, assim, uma comparação Salvador e Natal, [...] (PN, p. 127, l. 820)

(38) Então, **aí**, o tempo está seguro, perfeito. (PN, p. 133, l. 226)

(53) Eu achei melhor (superp.) assim, sabe, porque **aí** eles ... [...] (PN, p. 157, l. 267)

(67) – Sim. Primeiro lugar, nós temos a sopa d... usando-se o caldo de carne com ... **aí** pode ... podemos variar bastante, [...] (PN, p. 180, l. 67)

(68) – O próprio preparo. Bem, **aí** já fico pensando o seguinte: [...] (PN, p. 183, l. 263)

(71) [...] embora eu ache que tenha o mesmo amor a ambas, quando a Itália joga com o Brasil, **aí** agora ... eh ... não tem nada. (PN, p. 195, l. 760)

(73) – “Faz logo um gol nesses gringos!” (risos)

- (risos) **Aí** eles viraram gringos. (PN, p. 196, l. 768)

(77) – Ah ... **aí** nós teríamos as ladeiras, as chamadas ... [...] ladeiras, [...] (PN, p. 202, l. 205)

(78) – E a depender da (superp.) qualidade de luz, digamos, que emitem ...

- Sim **aí** teríamos ... (superp.) (PN, p. 210, l. 522)

(82) – Bom, **aí**, num consórcio desse tipo, entra ... entram os recursos financeiros, [...] (PN, p. 230, l. 601)

(87) – Era, mas depois ... **aí** talvez há uns ... alguns anos passados começaram a introduzir essa ... rosa e azul para os homens, [...] (PN, p. 252, l. 627)

(98) [...] e a senhora já esteve numa refinaria, dona M., **aí** em Mataripe ... (PN, p. 262, l. 113)

(100) [...] não seguem os trâmites da alfândega, né? [...]

- **Aí**, as pessoas que têm isenção ... (PN, p. 264, l. 221)

5 PARTÍCULA EXPLETIVA

(3) [...] e você se lembra, assim, de outros tipos de trem, isso **aí** quanto ... a depender do que conduzam ou do que conduziam? (PN, p. 26, l. 35)

(6) – Bom, tem o ônibus, que realmente é... é esse desastre que a gente vê **aí** todo dia; [...] (PN, p. 31, l. 270)

(8) – Eh... quando você...ele... exigem **aí**, você falou uma... um conhecimento de uma série de normas de trânsito. (PN, p. 38, l. 541)

(21) – Então, qual... pode falar **aí** dos jogos indistintamente (inint.) (superp.) (PN, p. 82, l. 443)

(23) – Bom, ainda numa casa nós já vimos que nós temos telhado, vimos essa coisa que você falou **aí**, de copa; [...] (PN, p. 93, l. 269)

(83) – Eh ... bom ... eh ... a senhora antes referiu-se **aí** a uma coisa que, na verdade, os homens andam se latismando muito, [...] (PN, p. 248 l. 458)

6 REFORÇO

(5) Eh... você quer pensar, assim, em seu automóvel, que você estacionou **aí** defronte, e descrever, [...] (PN, p. 27, l. 96)

7 PARTÍCULA DISCURSIVA

(20) – Bom, então, dança, creio que distinguiria a maioria.
- Hum, diga **aí**. (PN, p. 79, l. 318)

(32) – Quer dizer, a pessoa pode ... **aí**, pronto, tem as lanchonetes, esses bares de [...] (PN, p. 126, l. 783)

(35) [...] - ... este ... tem um vento **aí** de quadrante sul ... (PN, p. 130, l. 104)

(48) **Aí** depende muito do temperamento dela, não é? (PN, p. 153, l. 128)

(52) – Ah, **aí** você me apertou, porque essa parte de ... de estrutura de universidade ... (rindo) (PN, p. 156, l. 262)

(59) – Bom, **aí** é difícil eu lhe dizer, né, porque ... (PN, p. 171, l. 864)

(63) – Como ... É, (superp.) **aí** é que está. (PN, p. 172, l. 931)

(84) [...] mas, agora, eu penso que é um ma ... material sintético **aí** que usam [...] com a lavagem, ele não se altera. (PN, p. 249, l. 513)

(85) – Há uma distinção **aí**, quando tem manga, ou não tem manga; (PN, p. 251, l. 575)

(88) Ah ... tem um órgão **aí** de proteção ao trabalho, como é? (PN, p. 256, l. 785)

(89) – Essa ... essa peçazinha que tem **aí**, como é que chama? (PN, p. 258, l. 863)

(92) – Não sei. É um ... um ... uma partezinha metálica **aí** que a gente calca. (PN, p. 258, l. 878)

(94) [...] o que é que a gente ouve falar **aí** de coisas que a Bahia exporta? (PN, p. 259, l. 8)

(95) – E você falou **aí** que a gente pode associar isso com Serviço Social é difícil. (PN, p. 259, l. 15)

(96) – Então, há também aspectos sociais **aí**, que a gente também poderia considerar. (PN, p. 259, l. 24)

(97) – O que é que a gente ... com que a gente se depara, importado, **aí**? (PN, p. 260, l. 52)

(101) – aqueles que estão em serviço oficial, não é que têm isenção, que não pagam as taxas, que não têm, também, a sua bagagem revistada. Não sei se nesse sentido que você...

DOC – É... (superp)

- está perguntando. (superp)

DOC – nesse sentido. Esses **daí** têm por direito de lei. E os que...(superp) (PN, p. 264, l. 229)

(102) – Bom, **aí** eu acho que ... eh ... lançam mão de medidas menos confessáveis, não é? (rindo) (PN, p. 265, l. 234)

(107) [...] da subnutrição, um problema de nível de vida mesmo. Nós tivemos – foi há dois anos atrás – também uma aluna...eh...a família não tinha realmente habitação, e eles também não podiam comprar o café, que é muito caro, não é, e se alimentavam

de infusões, que eles iam... de folhas de mato, que eles iam arrancando, e por **aí** eles iam se alimentando, não é? (PN, p. 275, l. 661)

O ITEM “**AÍ**” – PROJETO NURC – década de 90 (CLASSIFICAÇÃO)

1 ESPAÇO (ADVÉRBIO DE LUGAR)

10) **Aí** tá na sua área você pode falar melhor (PN, Inq. 19, ,l. 033)

11) INF: Desse povo todo **aí**?mestre (risos) O mestre de obra, pedreiro seria da...da Engenharia Civil, eletricitista, sei lá, mecânico (risos), não sei mais (risos) (PN, Inq. 19, l. 135)

14) DOC 1: mas se tivesse que colocar pra consertar, qual o profissional que você procuraria?

INF: Procuraria um sapateiro, um, um...aquelas roupa, é...sei lá, uma costureira um, sei lá, essas pessoas que, que fazem algum reparo na roupa. Eu, caso emagreça, eles diminuirão a, a minha calça, colocarem uma prega a mais. Um tintureiro para pintar a minha calça se tiver perdendo a cor da velhice. Esse povo **aí** da (PN, Inq. 19, l. 318)

24) [...] e no caso, **aí**, do campo, para o trabalho do campo? (PN, Inq. 16, l. 626)

27) Essa coisa do...da televisão, de tecnologia, ela está **aí** e... (PN, Inq. 10, l. 198)

46) [...] A tecnologia ela, ela vai entrar **aí**..PN N, Inq. 10.l. 405)

55) [...] sei lá derrubar, até esse governo que **aí** se encontra, né? (PN, Inq. 8, l. 190)

56) [...] atualmente, com esse novo plano **aí** do governo? (PN (N, Inq. 37, l. 143)

59) [...] a própria internet está **aí**, não é? PN, Inq. 37, l. 143)

1) [...] não vou colocar o pijama **aí** agora ainda não.(PN, Inq.18, l. 192)

16) [...] Esse **aí** é o carteiro. (PN, Inq. 19, l. 460)

2 TEMPO

13) [...Futebol, basquete, vôlei, sei lá, tênis e por **aí** vai um bocado de gente. (PN, Inq. 19, l. 155)

25) INF: Eu morava ali, não é? E...vivi lá até os 6 ou 7 anos de idade aproximadamente. E...quando me mudei para Massaranduba, **aí** me mudei para Massaranduba, passei na Massaranduba mais uma boa temporada. (PN, Inq. 10, l. 020)

26) Tivemos uma época em Feira de Santana, também. Coisa de um ano aproximadamente. Retornamos a Salvador. E **aí** eu já era. (PN, Inq. 10, l. 022)

30) [...] **aí** foi o último ano da admissão, dei azar...(PN, Inq. 10, l. 242)

32) [...] e **aí** resolvemos fazer um recital no dia das mãe...(do liberdade. (PN, Inq. 10, l. 327)

40) E **aí** foi fantástico, não é? (PN, Inq. 10, l. 347)

42) [...] e **aí** me lembro que foram buscar na sala de aula. (PN, Inq. 10, l. 354)

31) [...] eh...e **aí**...a 5ª série eu já fiz num outro ginásio...(PN, Inq. 010, l. 243)

52) [...] e **aí** eu apanhei...(PN, Inq. 010, l. 531)

53) [...] **aí** mostrei a eles, “aqui o que eu queria, o objetivo era esse e foi atingido” (PN, Inq. 010, l. 534)

57) Se não me der isso, **aí** chora e grita. (PN, Inq. 37, l. 094)

61) Então, **aí...aí** eu volto aquela. (PN, Inq. 37, l. 158)

64) E **aí** você que vai dizer porque .(PN, Inq. 37, l. 217)

66) [...] Então eu vou está tendo que trabalhar muito, buscar muito, não é? Para ter assim, um... mínimo para a sobrevivência porque eu entendo que a situação de recessão que vem por **aí** é uma situação terrível, não é? (PN, Inq. 37, l. 400)

72) DOC: é, e **aí** você...você disse que não eram tantas as surras, não houve marcas? (PN, Inq. 6, l. 158)

43) [...] e **aí** foram me buscar na sala...(PN, Inq. 10, l. 359)

44) [...] e **aí** fui pelo discurso cívico, não é? (PN, Inq. 10, l. 360)

3 LUGAR ABSTRATO

- 3) [...] tem tarefa tem estes panos todos **aí**, então tem...(PN, Inq. 18, l. 293)
- 12) Você citou **aí** que procuraria um pintor pra pintar. (PN, Inq. 19, l. 155)
- 17)[...] agora o pessoal dos Correios que recebe as cartas, encaminham as cartas esses **aí** (PN, Inq 019, l. 466)
- 19) DOC 1: O que você acha de interessante na área de Letras INF: a literatura. Sou fascinado pela literatura e não, não pela gramática, pela...mas pela Literatura. Os escritores, as histórias **aí**...eu gosto desse tipo de coisa...(PN, Inq. 19, l. 595)
- 20) **Aí** seria o social ou esporte? (barulhos) (PN, Inq. 16, l. 213)
- 22) [...] têm sido muito usados ultimamente devido essa, essa moda toda que vem se impondo **aí**...(PN, Inq. 16, l. 224)
- 45) Mais ainda, isso **aí** muito provável (PN, Inq. 10, l. 369)
- 47) É **aí** são linhas de análise, por exemplo (PN, Inq. 10, l. 444)
- 48) Porque os livros estão **aí** as informações estão aí...(PN, Inq. 10, l. 457)
- 54) Sim, mas isso **aí** quando for feito um trabalho...(PN, Inq. 8, l. 160)
- 63) [...] a gente passa a ter, eh...eh uma praça que começa a se degradar normalmente, **aí** existe essa coisa do...do reinvestimento . (PN, Inq. 37, l. 288)
- 71) [...] a criatura que lava, se...eu não sei o que acontece, aparece umas manchas na roupa, porque às vezes eu acho que mistura ou a ou bota Q-Boa **aí** com a roupa. (PN, Inq, 7, l. 627)
- 68)Eu acho que é esse nome **aí** que eu queria lembrar. (PN, Inq. 7, l. 425)
- 69) [...] nesse caso **aí** que é unissex (PN, Inq. 7, l. 427)
- 75) No caso **aí** do esporte...(PN, Inq. 6, l. 502)
- 65)[...] tem que rever isso **aí**, não é? Então, aí sim, eu voltava...eu voltando (PN, Inq. 37, l. 288)

4 MARCADOR CONVERSACIONAL OU ENCADEADOR DA NARRATIVA

2) INF- Anéis, né, aliança, anéis de compromisso, anel de formatura, **aí** a depender muito, ter vários tipos de anéis. (PN, Inq. 18, l. 2450)

4) [...] e você gruda e puxa o fio quando é lã quando é outro tipo de pano **aí** irrita realmente irrita. (PN, Inq. 18, l. 320)

5) Botar bermuda pregar numa blusa de manga botar camiseta **aí** modificar. (PN, Inq. 18, l. 338)

6) [...] eu já vi até de pneu ...com lonas...**aí**...eu não (PN, Inq. 18, l. 366)

7) [...] há eu tô vendendo roupa **aí**...eu compro, e no trabalho também às vezes surge isso. (PN, Inq. 18, l. 400)

8) **Aí** elas colocam o cordão, colares compridos também pra ficar acessível a roupa. (PN, Inq. 18, l. 375)

9) DOC 1 – Se você fosse lesado em alguma coisa, por exemplo. Se você comprasse um produto, um produto ruim? INF
: - **Aí** é Defesa do Consumidor, Procon. (PN, In. 19, l. 027)

15) Isso não tem coisa nenhuma. Coisa terrível é falar em açougueiro, mas (risos) esses (inint) da carne **aí** esses tem...(PN, Inq. 19, l. 444)

18) DOC 1 – OK. É...agora vamos falar um pouco sobre profissionais que são é...responsáveis pela construção de, de móveis. Trabalhos com madeira, quais os...que você, você lembra **aí**. Os profissionais que constroem móveis com madeira. (PN, Inq. 19, l. 502)

21) Eh, no caso **aí** quando chove, o que eles usam (inint) (PN, Inq. 16, l. 111)

23) DOC.: Hum. E no caso que tem que restaurar a roupa, geralmente pode-se usar o quê, assim, se a roupa (..) ou se houve algum estrago, **aí** você...(PN, Inq. 16, l. 609)

28) **Aí** pergunta, ah! Mas...fisicamente, tal, isso não...(PN, Inq. 10, l. 211)

33) [...] e **aí** ela nos disse que não podia liberar...(PN, Inq. 10, l. 294)

34) [...] **aí** nós descemos para o Centro Cívico...(PN, Inq. 10, l. 297)

35) INF: (Risos) E o comando foi esse, não é? Foi um fato super marcante, e **aí** começamos a negociação. (PN, Inq. 10, l. 300)

36) [...] e **aí** nós, disse tudo bem, **aí**...(PN, Inq. 10, l. 302)

37) Na época não era era do computador, era era do... do... da máquina de escrever, **aí** disse oh! Não vai dar tempo de datilografar tudo... (PN, Inq. 10, l. 302)

41) Fiz, outros, mas **aí** ele não tinha jeito de me segurar. (PN, Inq. 10, l. 351)

50) ... Pô, Handerson, você fez comunicação não dá para você dar redação? Legal, um falar de padrão e tal, tudo bem, e **aí** primeiro dia que eu entrei na sala de aula... um falar de padrão e tal, tudo bem, e **aí** primeiro dia...(PN, Inq. 10, l. 500)

51) [...] mas...desceram, **aí** os alunos foram fazer queixas, não é? (PN, Inq. 10, l. 513)

62) Os desocupados, então, **aí** isso aí gera de uma certa forma esse público. (PN, Inq. 37, l. 188)

67) DOC: Você pretende fazer curso pós-graduação?

037: Olhe, eu pretendo sim, aliás eu...eu sempre pensei em fazer um mestrado, um doutorado, mas **aí** eu deixo ainda assim o acontecimento uma incógnita, não é?...(PN, Inq. 37, l. 408)

70) Eh...**aí** depende da (PN, Inq. 7, l. 617)

73) Hoje, hoje,não, as meninas **aí** de, não é? Doze, onze anos até, já tem aquela coisa de...de namoro, não é? (PN, Inq. 6, l. 255)

74) DOC: Mas, **aí** eu queria saber, tentar, se você lembrasse de alguma coisa interessante que tivesse causado pó um...uma dessas falhas....(PN, Inq. 6, l. 413)

O item “AÍ” – Livro Primeiro dos “Diálogos de São Gregório” – Séc.XIV (CLASSIFICAÇÃO)

1 ESPAÇO – ADVÉRBIO DE LUGAR1) E quando chegaron ao rio que primeiramente non poderon passar, tan agiha o passaron como se **hi** non ouvesse bocado d’água. (DSG, 1, 1, 46)

Quando o abade Equicio **hi** non era presente. (*DSG*, 1, 5, 69)

3) enton o homen de Deus entrou na vinha e colheo aqueles poucos d'azeos d'uvas que hi achou e trouve-os pera o lagar e mandou que se fossem todos ende, tirado ende huu meniho pequeno que **hi** ficou. (*DSG*, 1, 17, 11)

4) Aqueste meniho pequeno mandou o bispo que entrasse no lagar e que pisasse aquelas poucas daquelas uvas que **hi** deitaron. (*DSG*, 1, 17, 12)

9) [...] entraron os lombardos pera destruir aquele moesteiro e os monges que **hi** moravan. fugiron pera o moimento de Santo Esquicio. (*DSG*, 1, 9, 9)

10) [...] pero era embargado por huu gram penedo que nascia **hi** naturalmente e tiinha todo o logar coberto. (*DSG*, 1, 13, 10)

11) Aqueste Anastásio leixou o ofizio da notaria e veo-se meter em orden, em huu moesteiro duu lugar que avia nome subpentoma de que já suso falei, e viveo **hi** muitos anos...(*DSG*, 1, 16, 4)

12) E quando veo o tempo que aqueles poucos d'azeos d'uvas que lhi ficaron amadureceron, pôs **hi** huu vinheiro.(*DSG*, 1, 17, 7)

13) E porque pelos feitos dos boos recebeu gran proveito os outros homens que no mundo viven, ca corregen per hi as sas fazendas e endereçan **hi** os seus estados. (*DSG*, 1, 17, 29)

14) E pois chegou Constancio seu sobrinho e achou a arca britada e non achou o preço do cavalo que **hi** posera. (*DSG*, 1, 19, 6)

15) E aos seus brados veo o bispo e todos aqueles que **hi** eron presentes com o bispo. (*DSG*, 1, 19, 8)

16) Outro tempo acaeceu que Bonifácio bispo recebeu por hospedes em sa casa dous homens do liagen dos godos que queriam ir a gram pressa aa cidade de Revena por cousas que **hi** aviam de desembargar. (*DSG*, 1, 20, 2)

17) E todos aqueles beschos que na horta andavan e as verças comiam partiron-se do horto e nunca ende **hi** huu ficou. (*DSG*, 1, 21, 6)

18) E aqueles que **hi** estavon levaron o corpo da meniha em que o inimigo entrara da eigreja de San Savas chãõ mártir pera sa casa. (*DSG*, 1, 24, 18)

19) Eu que soon homen estranho, deitou-me de mha pousada e em toda esta sa cidade, porque ele **hi** a poderio, non acho hu me receban. (*DSG*, 1, 25, 5)

20) Em outro dia domingo, levantou-se o bispo ante que quebrasse a alvor e foi-se pera casa do morto e achegou-se ao leito em que o corpo morto jazia e fez **hi** sa oraçõn. (*DSG*, 1, 29, 11)

21) Fala, padre, de quaos quiseres ca prazer grande ei quando me levas a outra terra contando os boos e as maravilhas dos homens que **hi** viven. (*DSG*, 1, 29, 31)

22) E outrossi quando me trages a esta terra contando as vidas santas e honradas daqueles que **hi** naceron. (*DSG*, 1, 29, 32)

23) Huu dia os frades, cujo abade este homen anto Martúrio ora, fezeran huu pan se soborrvalho o non lhi fezeron **hi** o sinal da cruz. (*DSG*, 1, 30, 40)

24) Em este vale morava huu homen de vida maravilhosa e avia nome Severo e ora sacerdote dua eigreja da Santa Maria que **hi** avia. (*DSG*, 1, 31, 3)

O item “AÍ” – Livro Segundo dos “Diálogos de São Gregório” – Séc.XIV (CLASSIFICAÇÃO)

1 ESPAÇO – ADVÉRBIO DE LUGAR

1) E quando veeron a huu logar que chamavan Fide, fezeron-no ficar consigo huus homens muito honestos e mui boos e muito amigos de Deus e, pensando entanto há hua eigreja de San Pedro que **hi** avia. (*DSG*, 2, 1, 29)

2) E á **hi** águas mui frias e mui fremosas e decen duum monte muit’alto aaquela lagoa corren e parten-se per alguns logares. (*DSG*, 2, 1, 38)

3) Quando asqueste lugar veo fogindo o glorioso meniho San Beento pera morar **hi** ascondidamente, achou huu monge que avia nome Romãõ. (*DSG*, 2, 1, 39)

- 4) Enton foi-se pera o logar do ermo em que el soia morar e que el muito amava e morou **hi** consigo ante os olhos daquele que todo vee. (*DSG*, 1, 19)
- 5) E os frades que **hi** moravan decian de cima do monte sempre com gram trabalho a hua lagoa que avia ao pe daquele monte. (*DSG*, 2, 5, 3)
- 6) [...] e deitou-se em oraçon e orou mui perlongamente em cima duu penedo que **hi** estava. (*DSG*, 2, 5, 3)
- 8) E aquel logar jazia sô a riba dua lagoa e o frade noviço fazendo todo seu poder para alimpiar o logar em que queriam fazer o horte das silvas e doutro mato que **hi** estava. (*DSG*, 2, 6, 4)
- 10) E porende toda gente da terra que moravan derredor viinham aaquel castelo fazer muitos sacrificos aos enmiigos por razon daquel idolo que **hi** estava. (*DSG*, 2, 8, 47)
- 11) E os que **hi** estavam ouvian os seus brados e non viiam a sa fegura. (*DSG*, 2, 8, 51)
- 12) E dezia a grandes vozes que o ouvian todos aqueles que **hi** estavam. (*DSG*, 2, 8, 53)
- 13) Prougue enton ao santo homen que mandasse cavar naquel logar a terra que **hi** jazia. (*DSG*, 2, 10, 2)
- 14) E pois cavaron muito altamente acharon hi os frades huu ídolo d'arame e deitaron-no per ventura na cozinha que **hi** esta preto. (*DSG*, 2, 10, 2a)
- 16) E falando o homen santo e bispo com San Beento que pela entrada de rei Totila em Roma seeria Roma destrída, assi que nunca depois **hi** moraria homen, disse-lhi o servo de Deus San Beento. (*DSG*, 2, 15, 12)
- 18) [...] o moesteiro destroido pelos lombardos que veeron **hi**. (*DSG*, 2, 17, 9)
- 20[...] nem frade nem segral, ca assi o prometera Nosso Senhor a na Beentoque guardaria aqueles que **hi** vivessen. (*DSG*, 2, 17, 10)
- 21) Méti mentes, filho, que non levas daquel barril que a min enviavan que tu ascondisti na carreira para bevere-lo depois, mais verti o viho que en ele anda e veerás o que **hi** acharás dentro. (*DSG*, 2, 18, 5)

22) E aveo huu dia que huu monge que **hi** veo pera lhis preegar. (*DSG*, 2, 19, 4)

23) E o santo padre lho outorgou e enviou **hi** os frades. (*DSG*, 2, 22, 4)

25) Em aquel logar hu estava em oraçon com os frades avia **hi** huu tonel em que soíam meter azeite, mais enton era vazio e pero estava coberto. (*DSG*, 2, 29, 3)

26) [...] pera falar con El das Scrituras Santas e dos bees da terra celetial de que ja alguma cousa gostaron, como quer que ende o prazer cumprido non ouvessen, assi como ja na aquelas que **hi** son. (*DSG*, 2, 34, 2)

27) Aquesta carreira era estrada de muitos panos preciosos e avia **hi** lâmpadas tan son conto e de tanta claridade que o non poderia nen huu dizer. (*DSG*, 2, 37, 9)

2 LUGAR ABSTRATO

19) [...] e roubaron-no e levaron ende todas aquelas cousas que **hi** acharon. (*DSG*, 2, 17, 10)

24) E a noite d'aquel dia em que prometera de viir pareceu San Beento em soos naquel o monge que enviara **hi** pera teer sas vezes e aaquel que viera hi pera seer preposto do moesteiro. (*DSG*, 2, 22, 8)

25) Em aquel logar hu estava em oraçon com os frades avia **hi** huu tonel em que soíam meter azeite, mais enton era vazio e pero estava coberto. (*DSG*, 2, 29, 30)